

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

José Paulo Ramos dos Santos

Marca corpórea identificadora da negação social:

O suplício dos corpos Trans

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo

2021

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

José Paulo Ramos dos Santos

**Marca corpórea identificadora da negação social: O Suplício dos Corpos
Trans**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com exigência parcial para obtenção de Mestre em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Edgard Assis de Carvalho.

São Paulo

2021

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

j83

Santos, José Paulo Ramos dos
Marca corpórea identificadora da negação social: O
suplício dos corpos Trans. / José Paulo Ramos dos
Santos. -- São Paulo: [s.n.], 2021.
165p. il. ; cm.

Orientador: Edgard de Assis Carvalho.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Ciências Sociais.

1. Travesti . 2. Transexual . 3. Violência . 4.
Negação . I. Carvalho, Edgard de Assis. II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais. III. Título.

CDD

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Banca Examinadora:

**Prof^a. Dra. Lúcia Helena Vitalli Rangel
Examinadora**

**Prof^a. Dra. Vivian Aparecida Souza Soares
Examinadora**

**Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Orientador**

Dedicatória

Para Terezinha Ramos de Jesus, a mulher que me gerou no centro do seu útero, parindo esse corpo d'água.

Para as mulheres transexuais e travestis do Jockey Club, sobretudo para Nicolý Rodrigues.

Para Elis, uma amiga/irmã preta que me trouxe a vida.

Para as vítimas da COVID-19

Agradecimentos

À minha avó Maria Rosa e a minha tia Dê (Osvaldina), que não conheci em vida, porém tem aparecido em meus sonhos vestidas com suas saias me acalentando com suas águas. Abraçar e agradecer as mulheres da minha vida à minha mãe Terezinha Ramos de Jesus que nasci do centro de seu útero e me sustentou com seu carinho e com muitas faxinas. À Lora, nasci no seu coração como filho. À minha mãe Vanessa Meireles que o passado me devolveu, me acolheu em São Paulo levando me para o seu colo – me protegendo, me alimentando com suas rabanadas polvilhadas de açúcar e canela. Todas elas são minhas Yabás das águas: Iemanjá, Obá e Oxum.

Às protagonistas da pesquisa Nicolý Rodrigues, Erika Mickhouse, Sara, Ana Flávia, Adriana e Agatha. E a todas as mulheres trans do Jockey Club.

Ao Wilson e o Augusto, dois homens que nascem como figura paterna. Aos meus irmãos Patrícia Ramos, Zeza Ramos, Danilo Rodrigues, Felipe Ramos e Rafael Meirelles e Laila Braga, principalmente a minha irmã Dora Ramos que nunca me abandonou, ficávamos eu (criança), Dora e Celie dentro de um barraco fincado no mangue nas palafitas chorando com a ida Nettie do filme “A cor púrpura”.

Aos meus sobrinhos, principalmente à Heloisa a sobrinha que o tio ajudou a criar e educar, hoje uma moça de 15 anos. Às minhas primas Manu Rodrigues, Priscila Rodrigues e Gustavo.

Aos meus amigos “puquianos” Camila Kitamura, Beatriz Leandro, Ana Julia, Marcello Novaes, Jefferson Santos, Cláudio Ramos, Richard Santos, Almunita Santos, Aline Campos e Ana Maria. À Camila Machion minha irmã/amiga que amo muito e o seu marido Raul Munoz pela força e o carinho.

À Marcia Moussallem e a Juliana Gonçalves minhas irmãs/amigas que admiro e amo muito.

À Mariana Mause por cuidar do meu psicológico.

Ao meu orientador Edgard de Assis Carvalho pelo carinho e o cuidado. Ao núcleo de estudos da Complexidade – *Complexus*. Aos professores da pós-graduação do programa de ciências sociais PUC/SP. À Regina Cotrim Guimarães, Ruth Friedman, da Fiocruz/Rio, e Teresa

Estarque, do Instituto de estudos da complexidade, por ter participado do seminário Trans no Rio de Janeiro, em 2019.

À Denise Ferreira da Silva professora titular e diretora do Instituto de Justiça Social da Universidade de British Columbia, pela atenção e por acreditar na minha pesquisa de mestrado, e por ter participado do seminário Luz negra: A crítica anticolonial e racial no capitalismo global na USP, em 2019.

À Professora Rita de Cassia pela coragem de abrir as portas da academia para discursões tão pertinentes e por aguçar meus sentidos.

À professora Josildeth Gomes Consorte, a mulher que me olhou nos olhos, e com eles sorriu. Às minhas amigas Ana Lúcio, Silvia Carbone, Dina Alves, Gilvonete Schimitz e Moises.

Aos professores Christen A. Smith da Universidade de Austin Texas, Osmundo Pinho da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Anna Herron More coordenadora de pesquisa do Instituto Tepoztlán México e Anderson da Matta da Universidade Federal de Brasília pela confiança e por acreditarem no meu potencial.

À minha amiga/irmã preta Elisangela Aparecida e sua mãe, a minha tia Nadir que me acolheram, no momento que eu estava sem lar para dar continuidade ao mestrado. As neguinhas da minha vida.

À banca examinadora do exame de qualificação, professoras Lúcia Rangel do programa de ciências sociais da PUCSP e a Prof^{ra}. Dra. Vivian Blaso, FAAP- Fundação Armando Alvares Penteado.

Aos meus amigos juristas e advogados, Adla El Khouri, Paula Klimke, Adreia Lemos, Felipe Amorin, Carol Simões, Carla Brum e Gabi Zini, principalmente à minha irmã que tanto amo Isa Palla.

Ao Gerson Rodrigues meu diretor de teatro, que vem enfrentando comigo os ensaios por vídeo. À arte e a cultura que me salvaram, ainda pequeno.

À Maria Bethânia e a Clarice Lispector pela arte e a poesia nos dias difíceis.

Por fim, agradeço a CAPES pela concessão da bolsa e pela prorrogação de prazo em decorrência da pandemia da COVID-19.

*Tentam esgotar o meu corpo
Tentam secar o meu corpo
Tentam definhar o meu corpo*

*Orquestradamente se escondem
Debaixo de minha saia*

*De gota, em gota
Que se enche o rio
De gota, em gota
Que se enche o balde
De gota, em gota
Que se enche o pote
De gota, em gota
Que se enche o copo
De gota, em gota
Se enche um corpo*

*De desgostos, esgoto
Esvazia o corpo
Seca, definha, esgota corpo*

*Corpo menstruação
Corpo amamentação
Corpo parto
Corpo lágrima*

*De gota, em gota sangue
De gota, em gota leite
De gota, em gota bolsa
De gota, em gota prantos
De gota, em gota dor*

*Meu corpo é como mandacaru
Quanto mais escaso
O Estado deixa
Mais água meu corpo destila*

*O Estado não sai debaixo de minha saia
É por medo
De ser levado por um mar de gente
Ninguém percebe minhas inquietações
Logo, não me incomodo
Porque escondo as minhas dores
Debaixo da saia.*

Mulê da gota

Paulo Ramos (2019)

RESUMO

A presente dissertação é um trabalho de campo realizado na cidade de São Paulo na região do Jockey Club, onde mulheres transexuais e travestis se prostituem e enfrentam a violência dos seguranças particulares que supostamente são policiais do Estado de São Paulo. A pesquisa sustenta-se no trabalho de campo e nas narrativas de vida de mulheres trans negras ou não. A pesquisa está relacionada a constituição da identidade da mulher trans, através da corporeidade ancorada em uma trajetória de violência e nas formas que esses corpos trans experimentam o mundo. Analisar as trajetórias de vida e as narrativas de mulheres transexuais e travestis propõe ampliar o debate sobre a criminalização dos corpos trans e a invisibilidade que reflete na falta de índices oficiais das instituições de mulheres TRANS violentadas ou mortas. Evidenciamos ainda que a maioria das mulheres TRANS encontram-se em estado de vulnerabilidade, cada vez mais à margem da sociedade e que de forma interseccional o gênero, a raça, a classe e a sexualidade são elementos do cruzamento destes corpos naturalizados à punição.

Palavras-chave: Corpo. Transexual. Travesti. Violência. Cultura Patriarcal.

RESUMEN

Esta disertación es un trabajo de campo realizado en la ciudad de São Paulo en la región del Jockey Club, donde mujeres transexuales y travestis se prostituyen y entran en conflicto con guardias de seguridad privados que supuestamente son policías del estado de São Paulo. La investigación se basa en el trabajo de campo y las narrativas de vida de mujeres trans negras o no. La investigación está relacionada con la constitución de la identidad de la mujer trans, a través de la corporalidad anclada en una trayectoria de violencia y en las formas en que estos cuerpos trans experimentan el mundo. Analizar las trayectorias y narrativas de vida de las mujeres transexuales y travestis propone ampliar el debate sobre la criminalización de los cuerpos trans y la invisibilidad que refleja la falta de índices oficiales de las instituciones de mujeres trans que han sido violadas o asesinadas. También mostramos que la mayoría de mujeres TRANS se encuentran en un estado de vulnerabilidad, cada vez más al margen de la sociedad y que interseccionalmente, género, raza, clase y sexualidad son elementos del cruce de estos cuerpos naturalizados al castigo.

Palabras-clave: Cuerpo. Travesti Travestido. Violencia. Cultura patriarcal.

Lista de Figuras

Figura 1 – Imagem “Dos retalhos” (2021) do artista Paulo Ramos criado exclusivamente para a dissertação

Figura 2 – Imagem “Quartel sem luz, mansão da rota” (2021) do artista Amâm do projeto Sampa pra quem?

Figura 3 – Imagem “Corpo-Mapa: os sentidos” (2020) artista Paulo Ramos criando exclusivamente para a dissertação.

Figura 4 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 5 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 6 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 7 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 8 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 9 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 10 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 11 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 12 – Imagem “Do berço ao butcher – jornada de Nicolý (2021) da artista Vanessa Meirelles criado exclusivamente para a dissertação.

Figura 13 – Imagem da intervenção artística “Mercado” (2016) do artista Eduardo Srur. Foto: Paulo Ramos (2019)

Figura 14 – Imagem do documentário “Corpo fechado: The Devil’s Work” (2018) do artista plástico Carlos Motta.

Figura 15 – Imagem do documentário “Corpo fechado: The Devil’s Work” (2018) do artista plástico Carlos Motta.

Figura 16 – Imagem “Ele me bebeu” (2021) do artista Paulo Ramos criado exclusivamente para a dissertação.

Listas de Abreviaturas e Siglas

SLI – Silicone Industrial

LGBTQ – Lésbicas. Gays. Bissexuais. Travesti. Transexuais. Queer

CF – Constituição Federal

ANTRA – Associação Nacional das Travestis e Transexuais do Brasil

CONDEP - Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana

DECRADI – Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância

Lista de Gráficos e Tabelas

Tabela 1 – Perfil da vítima por raça e subtipo	103
Gráfico 1 - Por tipo de arma e a forma da violência utilizada contra as mulheres trans	106
Gráfico 2 - Assassinatos e violência contra travestis e transexuais por Estado	109

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
CAPÍTULO I	24
Movimento cartográfico entre corpos e estruturas: A caminho da etnografia.....	24
CAPÍTULO II.....	62
Brutalidades corpóreas: violência e negação	62
1.1 Misofonia do corpo trans	72
1.2 Olhares marginais	75
1.3 Odores e visualidades	80
1.4 Determinismos transcorpóreos	83
1.5 Corpos transatlânticos	89
1.6 Delito do corpo	99
CAPÍTULO III	117
Corpo Complexo.....	117
Entrevista não, põe na rodaaaa.....	126
Considerações Finais.	162
Referências bibliográficas.....	163

APRESENTAÇÃO



Figura 1 - Imagem “Dos retalhos” (2021) do artista Paulo Ramos criado exclusivamente para a dissertação

Poderia começar com uma imagem mostrando um corpo de uma mulher trans desfalecido pelo suplício marcado na carne. Mas é necessário apresentá-las vivas, por mais que os dados nos mostrem o contrário, por mais que sobrevivam os inúmeros tipos de violência e de negação. As protagonistas da pesquisa não são apenas o silêncio por mais vítimas que sejam, de uma cultura constituída nos laços do patriarcado e instituída no sistema punitivo fruto dos aparatos coloniais. Os rostos em processo de feminilização,

das marcas das depilações a *laser*, das cicatrizes, dos hematomas da violência, das próteses de silicone, das cirurgias bem-sucedidas, ou não, foi o que vi nos corpos-peles das mulheres trans.

Por meio da licença poética digo que foram retalhos alinhavados, costurados e conectados - tecidos por elas e transformados em uma manta ou uma echarpe da desconfiança e do pessimismo como forma de proteção, das partes que foram descartadas pela sociedade. Nesse olhar um tanto literário Toni Morrison (2019) no documentário “*Os Pedacos: Que eu sou*”¹, se construiu em outra mulher diante da sua narrativa vida, enquanto pessoa menosprezada por ser negra em solo estadunidense, solo esse que se aproxima das mesmas formas de dominação do Brasil no que se refere ao histórico de escravização dos negros e negras. As mulheres travestis e transexuais da pesquisa são negadas por não serem consideradas mulheres, engessada na normatividade social de gênero. Aqui me lembro de Bell Hooks (1981) em sua obra “*E eu, não sou uma mulher?*”, que argumenta que as mulheres negras do período de socialização pós-escravidão ficaram marcadas pelas opressões racistas e sexistas, retirando delas a feminilidade. Similarmente, as mulheres trans são negadas pela sua feminilidade, sendo a sua marca corpórea o âmago da complexidade da própria reinvenção de seus corpos. Neste sentido, Edgar Morin (2002) em seu mundo *complexus* diria que esses retalhos são “*união entre a unidade e a multiplicidade*”, na qual corpo da mulher trans torna-se múltiplo dentro suas experiências, dos amores, dores e dos prazeres.

A partir das experiências vividas por mulheres transexuais e travestis, negras ou não e pobres em situação de vulnerabilidade, a pesquisa de trabalho de campo foi o ponto de partida para identificar as diferentes formas de violação a que estão expostas, sobretudo a negação da identidade trans, por parte dos diferentes agentes públicos e suas instituições - e pela sociedade como um todo. A pauta racial e LGBTQIA+1 sempre foi prioridade na minha posição de ativista e jurista. Como ativista e representante de direitos humanos no ano de 2018 um trabalho autônomo de acompanhamento e enfrentamento à violência as mulheres trans, que no ano anterior como aluno do curso de direito me rendeu um prêmio nacional de monografia jurídica sobre “*Direito discriminações sociais nome social e identidade gênero*”. Ocorre que como pesquisador acadêmico ressurgi institucionalmente no ano de 2019 com ingresso no mestrado no programa de ciências

¹ *Documentary, Toni Morrison: The Pieces I am, 2019.*

sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dividido-me entre o pesquisador e representante de direitos humanos nos manuscritos de campo na cidade São Paulo, nas regiões do Morumbi e Butantã, precisamente na localização do Jóquei Clube, onde mulheres transexuais e travestis trabalham como profissionais do sexo.

Nestas áreas domicíliam e residem pessoas de alto poder aquisitivo, dentre os quais, conhecidos apresentadores de TV, radialistas, artistas, políticos e empresários, entre outros. Todavia a presença de *mulheres trans*² nesta região é alvo de constantes cenas de violência. Tal prática é realizada por seguranças particulares contratados pelos próprios moradores, em um cenário que tem como rotina a postura truculenta e ostensiva de policiais militares do Estado de São Paulo, da Guarda Municipal, da Polícia Civil e de seguranças particulares. Para além das ruas, outros atores que compõem o cenário institucional do sistema de justiça no Brasil contribuem para a invisibilidade destes corpos, que, supliciados e silenciados, deixam em evidência o tratamento diferenciado a que são submetidos, embasado nas questões de identidade de gênero, raça, classe e sexualidade.

Neste contexto, esse corpo é subalternizado pela identidade de domínio, nas mais diferentes formas de violência, que nega a existência do outro como ser passível de direitos e valores, somados aos descasos e negligências institucionalizadas. Faz-se necessário destacar o título da dissertação *“Marca corpórea identificadora da negação social: O suplício dos corpos trans”*. O título nos permite observar o corpo como elemento fundamental para as construções sociais, na qual “a condição humana é corporal” segundo Le Breton (2018), se trata da seletividade do corpo enquanto marca corpórea de registros da experiência da pele com superfície de identificação definidas nos filtros sociais aos corpos negros, corpos judeus, corpos gênero, corpos LBTQIA+1 que estiveram ou continuam localizados nas franjas da sociedade. A negação dessas categorias sociais consubstancia-se na violência, ainda mais se tratando das protagonistas da pesquisa enquanto corpos puníveis, é onde se enquadra o suplício na sua acepção verbal “castigar” “bater” “flagelo” “acoitar”, daquilo que causa mal-estar.

² Esta denominação inclui travestis, transexuais e transgêneros como categoria de análise, ou seja, pessoas que não se identificam com a identidade masculina e/ ou biológica.

Esta dissertação de mestrado é uma etnografia no sentido pleno do termo. Para Bastisteli et. al (2017: 6) o “trabalho etnográfico é fabricado na possibilidade de encontro com o outro, respeitando a maneira como as diferenças se entrecruzam no diálogo que se constitui no campo”. Fonseca (2007) corrobora esse ponto de vista e mostra que o objetivo da etnografia é “desfazer a oposição entre eu e o outro”. A etnografia convida o pesquisador a experimentar o mundo simbólico que os atravessam mesmo que seja literalmente ou metaforicamente. Carla Fonseca (2000, p.10) ressalta que a preocupação que o etnógrafo deve permear em conjunto é: “captar algo das experiências das pessoas”.

No desenvolvimento da etnografia descubro que o trabalho de campo se soma à cartografia a partir do momento em que as protagonistas da pesquisa se movimentam entre as estruturas de justiça reivindicando proteção, ou caminho até suas casas, a cartografia compõe no percurso e nos locais que os corpos estiveram presentes resultando no movimento geográfico. Bastisteli et. al (2017) confirmam que o encontro com o outro aproxima a etnografia da cartografia. Para Sintra et. al:

“Enquanto método de pesquisa, a cartografia é uma das possibilidades de se estudar objetos de caráter mais subjetivos e que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento por meio de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção.” (2017, p.45).

Romagnoli (2009) contextualiza que a cartografia é o modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com o campo. Para Bertussi et. al (2015, p.462) a cartografia é uma medida que busca mostrar ao visível tão somente o sensível. Neste sentido, Bertussi et. al. (2011, p.313) apontam que "investigar o cotidiano é colocar em análise uma realidade em construção, móvel, sem começo, meio ou fim".

A pesquisa sustenta-se no trabalho de campo e nas narrativas de vida de mulheres trans negras ou não, que trabalham nas imediações do Jockey Club, uma das regiões mais caras de São Paulo. O objetivo específico da pesquisa é analisar as questões relacionadas à constituição da identidade da mulher trans, negra ou não, pobre, ancorada em uma trajetória de violência e nas formas que esses corpos trans experimentam o mundo. E neste contexto analisar as trajetórias de vida e as narrativas de mulheres transexuais e travestis que trabalham como garotas de programa na região da Avenida Lineu de Paula

Machado e nas ruas que se bifurcam como: Sarabatana, Lopes de Azevedo, São Cassiano, Managua, Maracaibo, com destaque para o bairro do Jóquei Clube.

Neste bairro, aproximadamente quarenta mulheres trans trabalham como profissionais do sexo. Para o objetivo desta pesquisa é importante salientar que nenhuma delas participa do tráfico de drogas ou pertence a algum cafetão como mercadoria de escravização sexual. No trabalho de campo realizado desde o mês de janeiro do ano de 2019, nesta região, 6 mulheres trans, sendo elas quatro negras, uma indígena e uma branca, concordaram em relatar suas vidas e experiências por meio de entrevistas semiestruturadas.

Nesses relatos foi possível perceber o contexto de agressões e ameaças por parte de policiais militares que trabalham fora da sua condição legal, de modo geral, contratados por moradores da Associação de Moradores do Butantã (AMB), para estabelecer a ordem do local por meio da sua expulsão justificada nas qualidades de promíscuas, marginais, agressivas, causadoras da desordem e traficantes, cujas ações são monitoradas por aproximadamente duas mil câmeras instaladas e pelos fechamentos das ruas. Toda ação policial é realizada também por uma força-tarefa que une a Polícia Militar, Guarda Municipal, Polícia Civil e Detran.

Utilizamos uma metodologia qualitativa e quantitativa, com técnicas de pesquisas diversificadas, com fontes diretas e indiretas, compostas pela observação participante, entrevistas semiestruturadas e base de dados estatísticos. Realizamos o levantamento e a sistematização de dados oficiais obtidos em órgãos públicos, jornais, reportagens e dados estatísticos coletados por movimentos sociais, organizações não governamentais e departamentos de justiça. Analisamos as decisões judiciais e fontes documentais para situar a violência e justiça penal e qualificar o seu direcionamento para a análise da prática e salientar as dimensões dos corpos das mulheres trans.

Analisamos, também, as práticas processuais, as estratégias discursivas e as narrativas utilizadas na distribuição da justiça penal e os programas voltados para a diversidade das mulheres transexuais e travestis. Tecemos, especificamente, uma análise interseccional de gênero, raça, classe e sexualidade no suplício dos corpos das mulheres transexuais e travestis; praticado pelos atores das instituições brasileiras de justiça, nas quais a violência constitui uma demonstração de autoridade socialmente legitimada e

justificada. Desta forma, compreendemos os principais eixos que constituem a relação entre sexualidade, pobreza e raça nas punições sistêmicas da justiça pública brasileira. Nesta dissertação, o corpo é visualizado enquanto instrumento de negação e dominação.

Enquanto negro, oriundo da pobreza extrema e gay, a pesquisa está intimamente ligada à minha orientação sexual, e pertença ao coletivo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT como categoria política. Fazer parte da categoria das pessoas que estão na ponta do cenário social entre os mais atingidos pela violência no Brasil, indaguei-me várias vezes sobre a participação desse corpo preto e sexualizado em busca da crítica por vias acadêmicas, mas, ao mesmo tempo, priorizei não repetir as formas arcaicas da ciência ocidental de uma antropologia conservadora. Para isso, debruicei-me nos estudos de Gordon (1991) sobre a antropologia da libertação que possibilitou pensar a partir do território de onde venho e contribuir para o entendimento do impacto social concernente à desigualdade.

Ressaltamos a antropologia ativista de Berry, Argulles, Cordis, Ihamoud & Estrada (2017), baseada na antropologia da libertação de Gordon concernente às questões de raça e gênero. Numa perspectiva feminista descolonizadora. Embora as autoras alertem que a antropologia ativista constitui uma fuga das estruturas ocidentais, ainda somos cúmplices da metodologia da lógica dominante e dos métodos tradicionais de pesquisa. De um lado o imperialismo e do outro lado o colonialismo, identificados e discutidos no decorrer da dissertação enquanto dominação do corpo.

Este trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo “*Movimento cartográfico entre corpos e estruturas: A caminho da etnografia*” trata das descrições do trabalho de campo que em alguns momentos se inicia no trajeto para o Jockey Club, onde a vida do pesquisador se cruza nas observações das estruturas a caminho do campo descortinando seus símbolos e representações de poder. Nas descrições, situo os locais em que estive seguido das datas para dar referência à cartografia enquanto movimento e espaço separados com poemas autorais e imagens. As roupas, maquiagens e os calçados das protagonistas estão presentes todo o momento por mais óbvio e repetitivo que sejam, mas cabe destacar que o trabalho é sobre elas, para elas e delas, ainda mais se tratando da importância do vestuário feminino para essas mulheres, que vaidosamente se dedicam à elaboração de uma estética visual, uma espécie de segunda pele.

O segundo capítulo “*Brutalidades corpóreas: violência e negação*” e seus subtítulos se constroem entre a teoria e o campo contextualizando as formas de controle aos corpos das mulheres trans. Aqui, correlaciono os corpos escravizados aos corpos trans na dinâmica de punição e negação dos mesmos, somado aos sentidos do olfato, visão e audição como parte do processo de criminalização utilizada na região onde as mulheres trans laboram a partir dos estudos de David Le Breton (2013) e na *Antropologia dos Sentidos* (Le Breton, 2018), do corpo e seus captadores sensoriais. Os sentidos se destacam nos subtítulos como: *Misofonia do corpo trans*, *Olhares marginais* e *Odor e visualidade*. A relação entre o corpóreo e os sentidos se desenvolve nas questões históricas coloniais e pós-colonial na qual o negro tem seu corpo-cor negado em decorrência da política hegemônica escravista consubstanciada entre a ciência e a estética. Contudo, a ciência e a estética aprazem outros corpos baseado no gênero, sexualidade, raça e território, dentre eles os corpos das mulheres trans. Neste caminho, entre olhares, odores, e ruídos, o primeiro capítulo segue ancorado nos outros subtítulos “*Determinismo transcorpóreos*”, “*Corpos transatlânticos*” e “*Delito do corpo*”. Sendo discutido o corpo como elemento de hierarquização social concentrado na cultura ocidental e nas categorias políticas de raça, sexualidade, e, sobretudo, gênero como manejo de seleção social nas instituições.

O terceiro capítulo “*Corpo complexo*” é um diálogo com Edgar Morin e outros autores e as inquietações das protagonistas da pesquisa. Apóia-se nos estudos de Berenice Bento em “*Reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*” (2006), conectados às falas recortadas das entrevistadas das protagonistas da pesquisa. Por último, as entrevistas são sustentadas pela lembrança de marcas corpóreas que se reinventam em seus laços, linhas, tecidos, retalhos de corpo-pele integrantes do universo da pesquisa.

CAPÍTULO I

Movimento cartográfico entre corpos e estruturas: A caminho da etnografia

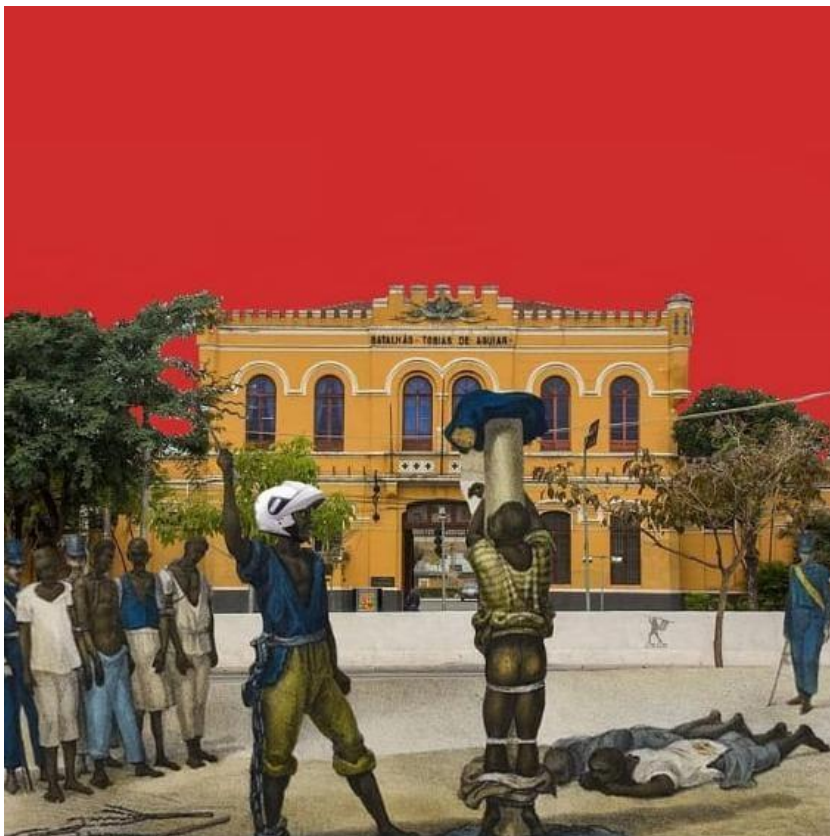


Figura 2 - Imagem “Quartel sem luz, mansão da rota” (2021) do artista Amã do projeto Sampa pra quem?

*O corpo e as estruturas
São extremidades
Que revelam
A
existência
Do outro
No outro
A sua outridade*

*Construída
Destituída
Expropriada
Destruída*

*As estruturas e o corpo
Descortinam
Atinam
Anunciam
A seletividade
Que edifica
Qualifica
Retifica
Ratifica
A importância
Carimbada no portão
Com brasão*

*Ratifica
O poder
Riscado nas paredes
Ratifica
O desejo
Riscado nas peles*

*Os corpos e as
estruturas
Se expressam por si só
Da materialidade
Ao pó.*

*Estrutural (2021)
Paulo Ramos.*

Percorrendo Avenida Morumbi temos visível “Casa da Fazenda” um dos imóveis mais antigos e tombado como patrimônio histórico. A Casa da Fazenda é um dos casarões do século 19 da época do Brasil-colônia. Na parte interna há uma senzala que continua

no mesmo lugar, mas em formato de museu servindo de atrativo aos clientes, que, após se deliciarem nos comes e bebes no restaurante, fazem as suas digestões observando os objetos punitivos que açoitavam os corpos negros escravizados.

A Casa da Fazenda se compõe ao visível na avenida Morumbi, dos pontos de ônibus cheios de gente que saem das mansões e dos carros importados que passam por lá. Na mesma avenida há uma capela que é parte do casarão. Temos outras estruturas e símbolos de poder: o palácio do governo do Estado de São Paulo rodeado de policiais militares fortemente armados, posicionados em suas mãos, fuzis, e uma escola britânica tradicional, sem contar a constante *blitz* policial. Contudo, nesse caminho não há corpos trans expostos à prostituição.

As Avenidas Valdemar Ferreira e Vital Brasil localizadas no bairro Butantã foram outros dois lugares que passei para chegar até o Jockey Club. Percorrer esses espaços e, observar as presentes estruturas e os corpos que os cercam é uma das formas de entender as intersecções de ruas e avenidas que conectam a Avenida Lineu de Paula Machado. A Vital Brasil tem um movimento diário de pessoas que transitam apressadamente entre o terminal de ônibus e a estação do metrô, com tímida presença de algumas mulheres trans que se prostituem em algumas ruas atrás do terminal. Já na avenida Valdemar Ferreira, o movimento é dos carros que cruzam o túnel Dr. Euclides de Jesus Zerbeni à avenida Lineu de Paula Machado - e das mulheres trans que se prostituem, distribuídas nas ruas e na avenida à espera de seus clientes. Entre elas, há prédios envidraçados comerciais e empresariais, e novos arranha céus sendo erguidos por construtoras que se instalam e passam a investir na segurança particular realizadas por policiais militares fora de seus expedientes, para o controle e a vigilância dos corpos trans nesta região.

Entre uma rua e outra que se conecta à avenida, observo que grande parte das mulheres trans que se prostituem tem traços indígenas fortíssimos. Elas vêm da região norte do país: Manaus, Acre, Pará dentre outros. Ao cruzar o túnel, percebo que os corpos-
peles das mulheres trans no Jockey Club vão se enegrecendo. A região onde fica localizado o requisitado Jockey Club da cidade de São Paulo se mantém livre de edificações, composta apenas por mansões e a presença dos corpos trans que fazem parte da espacialidade. Algumas ruas no entorno da região estão presentes muros feitos de grades verdes estampando leis municipais que fundamentam o privilégio de viverem em suas redomas, longe das mulheres trans que antes lá ficavam. O primeiro contato visual

na praça Dr. João Adhemar de Almeida Prado foi com o enorme carrinho de compras de uma intervenção artística. E com Erika.

*Nas calçadas
Que atravessam
Os símbolos
Os corpos trans
Transpassam*

*As praças
As placas
As estatuas
As artes
O Jockey Club*

*O corpo
Travesti
Transsexual
É a própria
A geografia
O mapa
A intervenção*



Figura 3 - Imagem "Corpo-Mapa: os sentidos" (2020) artista Paulo Ramos criando exclusivamente para a dissertação.

*Corpo-símbolo (2019)
Paulo Ramos*

São Paulo, 23 de janeiro de 2019. O primeiro encontro com Érika foi no Jockey Club, após ela atender um cliente dentro do seu carro. Sentada no capô do carro, trajando um vestido preto, curto e coladinho apertando suas avantajadas coxas e com um cigarro entre dedos e as unhas pintadas de vermelho deixando mais acesa a brasa do cigarro que em segundos se transformou em cinzas, a protagonista da pesquisa inicia o diálogo comparando-se a uma *Fênix*, em decorrência das violências sofridas na região do Jockey. Disse que não iria sair da região, porém, não aguentava mais a perseguição do Paulino, o policial que gerencia os outros seguranças, e afirmava não ter um minuto de paz. A ronda realizada por Paulino e seus funcionários era sempre ostensiva, e nas mãos deles as ferramentas de controle: revólver, pedaços de caibros, correntes e lanternas. Segundo a

protagonista, as lanternas serviam para a visualização do corpo delas dentro do carro que na maioria das vezes eram nocivas aos olhos delas. As batidas dos pedaços de caibros e das correntes simbolizam a iniciação do ruído em reprodução de ameaças que, na maioria das vezes, espantavam os clientes que ali estavam. Os revólveres de pentes carregados chegavam primeiro para intimidar a presença delas. Erika não se sentia intimidada e chegou a discutir diversas vezes com Paulino, que em duas vezes lhe violentou fisicamente: a primeira vez com empurrões, apoiado em um revólver; na segunda vez, Paulino acertou um tiro na nádega esquerda de Erika com munição de festim que ultrapassou o tecido do jeans e atingiu, sua pele, cravando na carne. Neste mesmo dia, carregada pela raiva, Erika vai até o batalhão da polícia militar para realizar a denúncia. Saiu de lá com os protocolos de atendimento, dentre eles o de corpo de delito e um boletim de ocorrência. No dia seguinte ela retorna ao seu ponto de trabalho e nota que Paulino não está na região e que desapareceu por duas semanas. No entanto, Teodoro, o sócio do Paulino, permanece no local para dar continuidade às perseguições. A protagonista da pesquisa relata que Teodoro lhe procurou para explicar que não tinha nada a ver com a situação ocorrida, e a única coisa que ele queria era trabalhar para manter os estudos de sua filha, com objetivo de ela entrar em uma universidade pública porque desejava um futuro próspero para a sua prole. Este mesmo policial, além de querer deixar o clima amistoso, tinha por finalidade convencer Erika a retirar a denúncia, mas era o mesmo que nos cenários noturnos violentava brutalmente outros corpos trans, desde mandíbulas quebradas de uma travesti que desapareceu da região por medo, ao suplício do corpo de Jaque, Nicolý e Adriana, entre outras.

Erika relata que a perseguição não acontecia só no ponto onde ela costumava ficar, se estendia para além das margens fronteiriças da Avenida Lineu de Paula Machado e a Praça Dr. João Ademar de Almeida Prado. Paulino perseguia Erika até os motéis drives da região fechando o carro da protagonista com o objetivo de causar algum tipo de acidente. Em algumas vezes, ele chegou a saltar para fora do carro apontando uma arma na cara de Erika e do cliente, sendo mais uma forma de intimidá-la e de amedrontar o cliente. Entre um relato e outro, um cigarro era aceso, um carro ou uma moto passava observando os corpos trans. O telefone de Erika toca. Era um de seus clientes fixos avisando que chegaria em 30 minutos e a pegaria para que fossem a um motel. De repente, uma moto branca passa, conduzida por um homem de colete verde fluorescente e uma caixa térmica nas costas. Ele vai ao encontro de Erika, percebe a movimentação e me

distancio para não atrapalhar a chegada do motoboy de aplicativos. Vou para outro lado da praça, sento-me no paralelepípedo e observo o diálogo corporal entre os dois. Erika me chama e fala para eu continuar junto porque o motoboy não se importava, e que estavam negociando. Os dois continuam na lateral do carro, eu fico na frente segurando meu caderninho de campo estampado de andorinhas silvestres. De costas para os dois, ouço o diálogo cheio de desejos explícitos de sexo e risos, e em um dos momentos o rapaz diz: “ih ele, será que poderíamos nós três, uma foda bem gostosa”. Erika, surpreendida, responde: “Tá louco, não viaja, ele é um representante dos direitos humanos que veio nos ajudar”. O motoboy responde “desculpa, morena” e foi, embora sem sanar os seus prazeres. Neste momento, Erika me chama de “coração” e me convida para dar uma volta nas imediações das mansões para mostrar as ruas bloqueadas com minijardins ou algumas intervenções artísticas. A protagonista mostra atentamente todos os pontos que as seguranças particulares ficavam com seus carros e lugares precisos onde algumas mulheres trans foram violentadas, além dos espaços estratégicos onde ficavam um ponto móvel da polícia militar do Estado de São Paulo.

Antes de descer do carro, Erika limpa seus punhos, colo e pescoço com um lenço umedecido em bloco e, guardando-o no porta luvas, reclama do calor infernal do verão que fazia na cidade de São Paulo o termômetro no meio da avenida marcava 30 graus. Em seguida, ela abre sua bolsa e tira um rímel passando nos cílios alongando-os, após enquadrar seus olhos no retrovisor. Ao sair do carro, nos deparamos com alguns gritos entre duas travestis, na qual uma delas não queria a presença da outra ali. O relógio da avenida mostrava 21:55 da noite, cinco minutos antes de Nicolý chegar, que é uma das protagonistas da pesquisa. Ela estava de vestido amarelo e uma boca que brilhava *gloss* que interrompeu a briga entre as mulheres trans que discutiam. Erika, percebendo o horário, se organiza para ir embora e se despede de mim com um beijo e confirma a nossa ida até a Defensoria Pública e a Delegacia de crimes raciais e delitos de intolerância - (Decradi) para darmos continuidade à formalização das denúncias.

*O suplício (trans)passa
O corpo suplica
A pele réplica
O som
O ruído
Os estalos
Se intensifica
O grito se multiplica*

*Enquanto a violência
Silenci...a*

Polifonia (2019)

Paulo Ramos

São Paulo, 06 de fevereiro de 2019. Depois de duas semanas retorno ao Jockey Club, local de encontro que combinamos para irmos à Defensoria Pública do Estado de São Paulo e ao Decradi. Antes de ir ao encontro de Erika dei algumas voltas entre as ruas das mansões que conectam as praças. Na praça Dr. Cardim conheci Andria e uma das mulheres trans me perguntou se eu estava à procura da “Henriqueta”. A Henriqueta é a Erika, como é conhecida pelas meninas. Respondo que estou dando uma volta e me despeço dela com um “até breve” e digo que um dia gostaria de conversar com ela. Retornei pela rua Maracaibo para encontrar Érika em seu ponto de trabalho, e me deparei com dois homens no carro branco faziam a segurança da rádio Antena 1 do outro lado da calçada. Eles me olham de cima a baixo. Ao chegar na praça, avistei Erika de braços cruzados conversando com Renata, uma das mulheres trans que trabalhava na praça. Sou recepcionado com um beijo e um abraço. Resolvemos dar uma volta de carro na região para convidar outras meninas para irem conosco ao Decradi e à defensoria pública como testemunhas e vítimas das violências ocorridas. Dentre elas Andria, que havia conhecido no mesmo dia, se recusa dizendo ter outros compromissos.

Erika estaciona o carro e sai em direção a Andria, eu continuo dentro do carro. Os seguranças saem do carro e, sem notar minha presença, tiram a arma da cintura para intimidar Érika e Andria. Neste momento, saio do carro e os seguranças, percebendo a minha presença, escondem a arma em suas cinturas. Enquanto isso, as duas apontam os espaços estratégicos de vigília e de violência. Neste momento, Erika relata que ficou parada na praça Professor Cardim ao lado da rádio Antena 1 porque a ostensividade e a violência eram maiores sobre os corpos dela e de Renata, enfatizando que Paulino e Teodoro são os piores. A protagonista destaca que dias antes começou a gritar em frente da rádio e apertou a campainha por diversas vezes, chamando atenção e culpabilizando a Antena 1 por contribuir na remuneração paga aos policiais militares que labutam como seguranças particulares.



Figura 4 - Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Decradi, 06 de fevereiro de 2019. Ao chegar no prédio da delegacia de crimes raciais e delitos de intolerância (Decradi) perguntamos onde ficava o andar do atendimento. Entramos no elevador frio e cinza muito parecido com aqueles de necropsia. Antes de chegar nas dependências do Decradi percorremos um corredor enorme e longo decorado por três bandeiras fincadas no chão simbolizando a pátria, a ordem e o poder das instituições. Ao entrar na sala de atendimento, procuramos pelo delegado de plantão. Eles nos pediram para aguardar; pois em instantes seríamos atendidos. Uma mulher se aproxima com um distintivo no pescoço e se apresenta como a delegada de plantão. Ela nos diz para ficarmos à vontade e nos pergunta, em seguida, o que precisávamos e se a violência do Jockey Club havia voltado. Ela se recordava de Erika. Pergunto sobre o inquérito policial em decorrência da violência sofrida por Erika. A delegada respondeu que o inquérito havia sido arquivado devido à falta de testemunhas e da não devolutiva do batalhão da polícia militar do exame do corpo de delito. Erika me direciona um olhar de: “está vendo aí”. Pergunto à delegada o que faremos, por que as perseguições e a violência continuam nas imediações Jockey Club, e afirmo que elas precisavam de proteção.

A delegada se mostrou solícita e orientou que as meninas deveriam ter os seus próprios seguranças particulares, que poderiam ser formados por alguns policiais civis. Erika responde: “não temos dinheiro nem pra comer direito, doutora, quem dirá pra pagar

³ Ramos, Paulo. Corpos (Trans) fronteiriços: O delito do corpo. Fotoetnografia. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Pernambuco. Vol. 8. n. , 2021.

segurança”. A delegada tenta justificar a sua fala dizendo que sua equipe de policiais havia comparecido na região Jockey para presenciar algum tipo de violência para autuar os policiais militares que fazem bico na região. Entre um diálogo e outro entra um policial civil, muscularmente forte, com um distintivo no pescoço. O policial civil, antes de se sentar, retira a arma do coldre que marcava sua cintura e pergunta a Erika: “Eles voltaram?”. Ela responde: “Eles nunca saíram de lá”. O semblante policial civil é de insatisfação. Perguntada sobre o Paulino, Erika responde que ele continuava lá a infernizar a vida dela e de todas as outras. Ela revelou que os mesmos gostavam de se relacionar sexualmente com travestis e transexuais, e que a preferência do Paulino era “chupar pau” e pediu ao policial civil para divulgar isso nos corredores, até mesmo porque o Paulino, assim como Teodoro, tinham amigos da polícia civil que trabalhavam no Decradi. Nesse momento, eu e a delegada ficamos em silêncio depois de conversarmos sobre o arquivamento do inquérito e como pensaríamos sobre a situação da violência das mulheres na região do Jockey Club. Dali saímos e nos despedimos agradecendo a atenção da delegada. O próximo caminho era a defensoria pública.

Defensoria Pública, 06 de fevereiro de 2019. Ao chegar no núcleo da diversidade e da discriminação racial, o recepcionista nos pergunta se tínhamos agendado. Dissemos a ele que era uma urgência e que se tratava de uma denúncia. Erika, ainda muito tranquila, faz comentários sobre a arquitetura do prédio com traços barrocos e do chão de tacos de madeira, e sobre as paredes cheias de quadros revestidos de cortiças e tarraxas com a publicidade dos núcleos especializados dos direitos das mulheres, da diversidade e da igualdade racial. Ao entrarmos na sala, somos atendidos por dois estagiários de direito que nos pediram para que nos sentássemos e nos ofereceram água e café. As mesas onde ficavam os estagiários de direito e a oficial da defensoria pública estavam cheias de processos e apensos com capas verdes claras que pareciam uma redoma.

Erika atende o telefone: era Sara, uma das mulheres trans que até então não a conhecia, ligando para comunicar que estava chegando para testemunhar a favor de Erika e formalizar sua denúncia. No momento em que Erika inicia os relatos a tranquilidade se esvai. Seus dedos tocam o canto da mesa como se ela estivesse digitando, repetindo por diversas vezes entre um relato e outro: “Eles não podem ficar impunes”. A todo tempo a protagonista da pesquisa me olha. E em alguns minutos chega Sara acompanhada de outra

mulher trans chamada Doris Ferreira. Sara, desconfiada, pergunta a Erika: “Ele é o Paulo?”. Erika responde: “Ele é do bem”. Porém, Sara continua desconfiada e conversa com Doris enquanto procura seu documento dentro da bolsa reclamando da bagunça. Por fim, encontra e apresenta a carteira de identidade. Sara começa a relatar o acontecido com muita veracidade e ódio, frisando todas as ações de violência executadas pelos seguranças particulares, sobretudo por Paulino e Teodoro. O estagiário de direito digitava ligeiramente, e a sua fisionomia sincronizada transmitia as emoções destacadas por Sara: “vou te quebrar”, “vou raspar sua cabeça”, “não quero você aqui na região, viado”. Ainda muito agitada, Sara retira da sua bolsa um papel com uma imagem *printada* do *Messenger* de Paulino a ameaçando da seguinte forma: “Amauri, seu vagabundo, não quero você na região de todo Butantã, seu safado, ontem só foi o começo viu. É o último aviso”. A mensagem é lida por Sara em voz alta, e perguntou aos presentes “se podia uma coisa dessas”.



Figura 5 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

São Paulo, 24 de fevereiro de 2019. O relógio marcava meia noite e trinta minutos e o termômetro, 19 graus. Era a primeira madrugada etnográfica no Jockey Club, e lá estava Nicolý sentada no seu carro com as pernas para fora do efeito do corte do vestido e um cabelo longo com mechas loiras nas pontas e sua boca brilhando a *gloss*. Mantenho uma distância para que ela possa trabalhar e não intimidar seus clientes. A protagonista da pesquisa prefere o distanciamento ficando em silêncio como a

madrugada. Alguns carros e motos passam entre as ruas que conectam a praça, o carro de Nicolý fica mais acima, estacionado em um lugar bem intimista, pouca luz por causa das árvores que encobrem a iluminação dos postes de energia. O carro da polícia militar passa algumas vezes na região como de costume. Em seguida, o carro dos seguranças particulares, sempre à procura de algum delito do corpo trans desnudo ou em situação de práticas sexuais. Me aproximo de Nicolý e iniciamos um diálogo. Ela enfatiza que a situação no Jockey Club está difícil devido à ostensividade e à violência dos seguranças particulares. Afirma também que todo esse aparato de vigilância estava atrapalhando o acesso aos clientes e a demanda, contudo, a principal preocupação da protagonista da pesquisa era o medo de sofrer algum tipo de agressão. Mesmo que já tivesse sofrido violações físicas e verbais em toda sua vida: desde o período em que era gay até sua transição ao corpo de uma mulher trans que tinha vontade de trocar seu nome no registro de nascimento. Passam três carros, cada um em um intervalo de 3 minutos. O terceiro carro leva Nicolý para um motel *drive*.

Neste momento, no espaço e no tempo vou caminhar até que ela volte para o seu ponto. A passos longos e um coração acelerado, não sei se com medo ou com ansiedade, eu caminhava pela Avenida Lineu de Paula Machado observando as trans expostas na madrugada. As vestimentas na madrugada eram outras, quase um outro corpo parado entre as esquinas e em alguns postes nas calçadas. Os trajes mais íntimos ficavam cobertos por sobretudos de fácil abertura ou por vestidos justos mais curtos mostrando as poupas de suas bundas. Porém para enxergar era necessário estar próximo porque dentro de um carro em movimento seria impossível. O condutor que quisesse ver as polpas, os colos e os bicos dos seios rígidos do frio da madrugada, parava ou passava lentamente apreciando. Ao contrário disso, os automóveis passavam ligeiramente, ainda mais em se tratando de uma avenida naquelas. Ao retornar, Nicolý estava saindo de seu carro e me disse que havia acabado de atender um cliente; lhe bateu uma punheta, frisando: “A gente faz de tudo para sobreviver”. Um carro tamanho família se aproxima passando sem parar. Ao perceber que foi por causa da minha presença, me distancio; em alguns minutos o carro retorna e em segundos o carro sai, apressadamente, enquanto a protagonista xingava aos quatros ventos na calada da madrugada preta. Revoltada, ela começa a dizer: “Como é que pode, bando de filhos da puta”. Ainda sem entender sua revolta, Nicolý me explica que no carro havia um casal acompanhado de duas crianças que estavam no banco de trás, e que o condutor e a passageira pediram para que a protagonista da pesquisa se despisse

e a convidaram para um sexo a três no carro. Enquanto pedia, a passageira segurava em suas mãos um celular. Nicolý, ao perceber que havia duas crianças no carro, se revoltou com tamanha discrepância e disse: “Imagina se eu tiro a roupa de mulher, iam dizer que eu estava me exibindo para as crianças, deve ser algum morador tentando criar coisa onde não tem, tentando incriminar a gente, olha viu... Esse povo é capaz de tudo”.



Figura 6 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Rua Sarabatana, 16 de maio de 2019. Um dia típico de outono: o vento frio soprando na pele e o sol tímido aquecendo alguns pontos da Avenida Lineu de Paula Machado no fim de tarde. Na encruzilhada estava Sara encostada em seu carro, de vestido tubinho combinando com a cor azul-piscina da maquiagem em sua pálpebra deslumbrante, com seu salto alto e meia pata. Sou recebido por ela com um sorriso ao invés da desconfiança do nosso primeiro encontro na defensoria pública. Protagonista da pesquisa, ela reporta as violências sofridas, enquanto um homem passa lentamente de bicicleta com colete de segurança patrimonial e nos observa de rabo de olho. Em alguns minutos o carro dos seguranças particulares chega e estaciona. Seu motorista passa a tirar algumas fotos da janela entreaberta. Quando Sara percebe a movimentação, aponta para o carro dizendo: “É desse jeito que eles fazem para intimidar”. Enquanto conversamos, passa uma viatura e um dos seguranças fora do carro acena para os militares que passam. Nesse momento, vejo nos olhos dela uma insatisfação que lhe provoca um riso frouxo, irônico. Ao me despedir, dizendo-lhe que retornaria, Sara ia ao encontro de seus clientes. Os seguranças permaneceram no mesmo lugar.

*Nasci
um corpo
Nu
Sem roupa
Sem nome
Sem sobrenome*

*Nasci
Do querer
De ter
E ser
um corpo
que se
chama pelo
meu nome*

Nascitura (2020)

Paulo Ramos

Cartório de Registro Civil, 11 de setembro de 2019. Ao chegar no cartório, todos os olhos se voltam para Nicolý vestindo sua calça *legging* preta e uma blusa estampada com o rosto do *Mickey* sem *gloss* em sua boca. Ficamos na fila aguardando a chamada da senha identificada por um barulho. A senha era 74 B, fomos comunicados da cadeira, sentamos e apresentamos os documentos necessários para a retificação de assento⁴. Enquanto é atendida, ela brinca com os arquivos enormes do cartório dizendo “Se alguma pessoa fosse fechada ali morre...” seguido de risos e uma ansiedade para mudança do nome, visionando um emprego fora das ruas do Jockey. A atendente do cartório reporta-se a Nicolý no sobrenome de tratamento masculino, e a protagonista de pesquisa rebate que quem estava na frente dela era uma mulher. A atendente ficou desconcertada e informou em seguida que havia faltado um documento, o que deixou o clima mais tenso, e que Nicolý deveria voltar em outro dia. Além disso, informou que seria cobrada uma nova via da certidão de nascimento no valor de R \$135,00. A protagonista ficou surpresa com o valor pois sabia que, por lei, a segunda via é gratuita já que tinha apresentado uma declaração de pobreza. Revoltada, Nicolý disse que não tinha

⁴ Nome de uma ação judicial e um procedimento jurídico para a realização da mudança o nome, ou algum erro na certidão de nascimento, seja ela mudança por alguma situação vexatória em decorrência do nome registrado.

dinheiro e que tudo aquilo era um absurdo. A coordenadora de plantão justificou que se tratava de uma retificação e não de uma segunda via. Percebo uma decepção na cara de Nicolý e um desprezo na cara da coordenadora. Naquele momento, enquanto representante de direitos humanos e conhecedor dos trâmites judiciais, exijo um melhor atendimento, me amparando nas questões legais e constitucionais atribuindo tudo aquilo a uma negação e ao princípio de lucro dos cartórios. A protagonista da pesquisa disse que sua vida não era fácil, que “o valor de um *boquete* custava R\$ 20,00 e que não estava dando o cu de graça” e atribuiu a negação do seu corpo, que se somaria à negação de seu nome feminino. Após alguns minutos de tensão, a coordenadora confirma a possibilidade da gratuidade.

*Não venha controlar a minha raiva
 Não venha controlar meu ódio
 Não venha me pedir ser menos denso
 Não venha me pedir para colocar
 Cor, flor, amor*

*Não venha pedir para eu parar de chorar
 Não controle minhas emoções
 Não me diga o que fazer*

*Não me diga para ser pacífico
 Não me diga para entender
 Arma que foi apontada na minha cabeça
 Por um homem vestido de farda
 Absolvido por outro homem de toga e canetas nas mãos*

*Não me digam nada
 Não normalizem a violência
 Que medita sobre os nossos corpos negros*

*Devaneio IV (2020)
 Paulo Ramos*

Em casa, de 31 de outubro de 2019. Deitado na cama com a cabeça fervilhando de ideias perdidas, acrescentado a uma insônia que em poucos minutos seria abolida por um ansiolítico. Antes de adormecer, meus tímpanos foram notificados pelo *WhatsApp* de uma mensagem seguida de um vídeo enviado por Erika, uma das protagonistas da pesquisa. Tratava-se de um relato sobre Adriana que estava na Itália, uma travesti que estava iniciando seus trabalhos na região do Jockey e que acabara de ser violentada pelo policial aposentado identificado como “Teodoro”, o prestador de serviço particular das

mansões. Adriana dizia para Erika que precisava de ajuda e de acompanhamento nas instituições de justiça e de direitos humanos para iniciar uma denúncia contra a violência física. O vídeo mostrava Adriana discutindo com o segurança, dizendo que tinha “o direito de ficar trabalhando na região sim”, e que “prostituição não é crime, crime era o que ele estava fazendo”. Enquanto discute com uma voz já trêmula e cansada, se defende dos tapas e socos dados por Teodoro com uma mão e segura na outra o seu celular para tentar capturar as cenas de violência. Em um dos momentos, o celular de Adriana é lançado ao chão, mas ela consegue recuperar o aparelho danificado. Ainda muito nervosa, Adriana filma seu corpo, identificando os hematomas em seus olhos, ombros e pernas. E diz: “Isso não vai ficar assim, eu sei dos meus direitos”.

Em seguida, enviei uma mensagem para Adriana me apresentando e perguntando como ela estava. Me propus a marcar um horário para nos encontrarmos pela manhã e iniciarmos os trabalhos. Adriana me responde horas depois me informando que estava tudo bem, ainda que psicologicamente abalada, e que havia ido ao Decradi (Delegacia de crimes raciais e delitos de intolerância) para fazer um boletim de ocorrência contra o seu agressor. Me disse se poderíamos marcar para irmos à defensoria pública no dia seguinte porque ela estava muito cansada.



Figura 7 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Luz, 01 de novembro de 2019, dia antes do feriado de finados, uma sexta-feira de sol escaldante na cidade de São Paulo. A estação da Luz, referência mais próxima onde Adriana estava hospedada na casa de uma amiga. Eram vinte para as nove da manhã, e eu estava ainda sonolento à procura do apartamento que ficava entre alguns bares e igrejas evangélicas. Adriana desce pontualmente às 09:00 horas da manhã. Me apresento e pergunto se está tudo bem. Ela me responde com suas mãos fofinhas tateando os lugares das dores, e por último leva as mãos à cabeça dizendo que estava exausta e irritada com o acontecido no Jockey Club. Adriana, uma mulher trans, de tamanho mediano, cabelos pretos, longos e lisos - traços de uma mulher indígena - vestia uma calça jeans, uma camiseta verde e sandálias de dedo. O caminhar dela era carregado como o de uma Xingu que vai guerrear e que também vai tomar a frente para arrumar o estrago que o homem branco fez. Os ruídos de nossos caminhões se misturavam aos barulhos dos carros, aos gritos dos ambulantes, ao odor do caminhão de lixo que passava, ao aroma de chocolate que saía de trás da porta de lata aberta do comércio que abria no centro de São Paulo.

Quando passamos apressados, o locutor com uma caixa enorme com um microfone nas mãos falou para nós dois: “Hoje, sexta-feira, você e ela, ela e você”. Uma música romântica tocava no fundo do grupo de pagode/pop “Sampa Crew”. Entre ruídos e cheiros, estávamos a caminho da defensoria pública. Notei que o centro da cidade não estava tão cheio como de costume. Adriana me lembra que era véspera de feriado. As falas de Adriana eram algumas vezes desconexas, mas outras com muito ódio, toda vez que ela se lembrava da violência sofrida. Todo esse ódio se transformava em arrependimento por não ter enfiado seu canivete na barriga de Teodoro, o policial que a violentara no Jockey. Ao mesmo tempo, enfatizava que se tivesse respondido com violência ela estaria presa ou morta, e “que iria ficar por isso mesmo”, dizendo: “porque travesti sempre está errada” e “travesti não presta”.



Figura 8 – Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo de Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

CONDEP, 01 de novembro de 2019. Chegamos na recepção do prédio onde fica o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CONDEP). Recebemos um cartão branco e passamos pela roleta. Em seguida, entramos no elevador e se perdendo Adriana ao chamar o elevador que nos deixou no décimo primeiro andar, sala 113. Ao sair do elevador nos dirigimos até a sala. Bati a primeira vez, ninguém nos atende. Na segunda batida, Adriana me interrompe dizendo para eu dar dois toques e em seguida abrir. Ninguém nos atende. Vamos na sala ao lado e sigo o conselho dado pela protagonista da pesquisa. Nesta segunda sala havia uma mulher que nos falou para aguardarmos pois em alguns minutos seríamos atendidos por alguém do CONDEP. Ela nos pediu para que nos sentássemos na sala ao lado, e “para não reparar a bagunça”. Adriana continua de pé do lado de fora da sala. Digo para ela se sentar ao meu lado, e neste mesmo momento ela passa a ouvir alguns áudios acumulados no seu *WhatsApp* e um deles me chamou atenção. Era de uma de suas amigas travesti a orientando para ela “aproveitar que estava acompanhada de um advogado, de uma pessoa da área jurídica, que entende de direito, para ela ir em todos os órgãos de justiça, fazer tudo, até mesmo porque ela estava respaldada por alguém que entende”. A mensagem terminou com um beijo e boa sorte para nós dois.

A secretária nos recepciona e me apresento como representante de direitos humanos e que estava fazendo o meu trabalho enquanto militante. Disse que procuramos

o CONDEP para institucionalizar uma denúncia da violência sofrida por Adriana contra os militares que fazem o trabalho de segurança particular no Jockey Club. Apresentei os boletins de ocorrência, fotos e vídeos. Pergunto para a secretária de plantão como deveríamos prosseguir junto ao CONDEP e sobre a responsável pelo plantão. A secretaria comunica que a responsável executiva não estava devido ao falecimento de uma parente. Em seguida, recolheu todos os documentos para tirar cópias e nos entregou um formulário para preenchimento. A protagonista da pesquisa me entrega um copo com água, eu entrego o formulário para que ela relatasse o acontecido. Adriana se recusa a escrever dizendo que se sentia mal em ter que lembrar do fato, que estava sem paciência, e me pediu para que eu preenchesse e relatasse.

A protagonista anda de um lado para outro, liga para uma de suas amigas e pergunta se havia roupa dela limpa que iria usar na volta ao seu trabalho no Butantã. Adriana se pergunta, caso descesse até o Jockey Club, se seria um problema encontrar o Teodoro. Tinha medo que ele a violentasse novamente, mas que “agora já era tarde, já aconteceu”, mas que bom que conseguiu gravar “sem conseguir quebrar o celular”. A protagonista recebe a ligação da amiga confirmando que há dois vestidos, e pergunta se está tudo bem. Adriana diz estar cansada, “andando de um lado para outro”. Retratou-se que não conseguiu cuidar de uma outra amiga que fez cirurgia de transição sexual, devido aos lugares que foi fazer as denúncias como a defensoria pública, o Condep e o Centro de Cidadania de Direitos Humanos. Ela se desculpa por estar ausente, mas que mesmo assim iria “passar para pegar seu saltinho e sua maquiagem porque estava sem”, e que estava toda machucada e que estava difícil de lidar com as dores. Disse que mais tarde passaria na casa da amiga, porque seria atendida na defensoria pública às duas horas, que estava no Condep naquele exato momento, que estava tudo sendo feito tudo no centro de São Paulo, verbalizando a todo momento o cansaço de andar de um lado para outro, mas tudo isso “para não deixar nada em branco”.

Ao desligar o telefone, Adriana diz que está feliz porque tem vestido, tem calcinha, tudo na casa de uma amiga que mora no Butantã e que nem se lembrava mais desses objetos, e que às vezes dormia por lá. Nosso diálogo foi interrompido com a abertura da porta do elevador no térreo ao sinal sonoro da chegada. Ao sair do prédio, somos tomados pelo vento, e Adriana agradece ao senhor Deus. Vamos a caminho do Sesc 24 de Maio para descansarmos um pouco e usarmos a internet pois eu também precisava responder algumas pessoas. Entre um passo e outro, Adriana revela que tem um

namorado italiano e que queria ter cidadania europeia. Disse ainda que se ela demorasse muito no Brasil o seu namorado viria buscá-la. O sinal de pedestre estava indicando para que parássemos, mas Adriana atravessa a rua contrariando os carros, ambulâncias e viaturas que ali passavam com seus barulhos chamando nossa atenção. Neste momento, a protagonista dizia “que tudo tem seu tempo, no seu tempo”. Descendo a rua 15 de novembro, nos deparamos com enormes esqueletos na Praça Padre Manoel da Nóbrega, enormes bonecos dedicados aos finados celebração que no México é conhecida popularmente como festa dos mortos, festividade regada com muita comida, dança e viola, festa que a cidade de São Paulo começou aderir de forma mais comercial. Adriana se atenta às atrações como performances, palco latino e música eletrônica da tenda da *The Week* para o público LGBTQ+1, o que deixou a protagonista da pesquisa um pouco mais contente. Ela até começou a fazer planos sobre como se fantasiaria para a festa do dia seguinte. De fundo do diálogo com Adriana e de onde estávamos, um ambulante com uma mesa cheia de produtos peruanos, dentre eles a flauta *pan andina* que tocava a música “Noites Traíçoeriras” interpretada pelo Padre Marcelo Rossi, o mesmo que negou a benção para a *Drag Queen Vera Verão*, considerada por ele uma pecadora, um corpo desviante.

Ainda parada olhando pontualmente para os esqueletos, Adriana volta para sua fala de revolta se expressando da seguinte forma: “Já sabe que a gente tem de correr atrás, entendeu? Nem que eu morra, mas meu nome não vai ser jogado na lama, meu nome vai ficar aí de uma mulher trans que correu atrás das suas coisas ih... tem a justiça divina que ela tarda, mas não falha, entendeu? Bom. Todo o Brasil e o mundo já vai ficar ciente do que aconteceu”. Ela diz que quando está no Jockey levemente embriagada, os seguranças nem chegam perto dela porque tem a proteção da sua pomba-gira. Entre um giro e outro, passamos em frente ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Com seus pilares grandiosos, Adriana ironicamente comenta entre os dentes: “Justiça, sei (risos)”. Seguimos a rua Boa Vista até o núcleo de direitos humanos da defensoria pública do Estado.

Secretária municipal de direitos humanos e cidadania, 01 novembro de 2019.

Era final de tarde no centro de São Paulo, nem parecia horário de pico em uma das maiores cidades do Brasil, movimentação atípica até mesmo porque era véspera de feriado. Estávamos exaustos de andar o dia inteiro e com fome, a caminho da secretaria de direitos

humanos que fica ao lado da prefeitura, em uma descidinha adaptada, debaixo de um viaduto e uma banca de jornais. Já havíamos passado por lá mais cedo antes de irmos ao CONDEP, todavia o procurador de justiça não estava para nos atender. Ali voltamos para uma reunião extraordinária, Adriana ainda cansada reclamava do calor do fim de tarde enquanto entrávamos na secretaria gelada pelo ar-condicionado. A protagonista da pesquisa arruma seu cabelo bagunçado pela saída de ar na entrada. Gentilmente o procurador nos recepcionou acompanhado de uma assistente social, nos convidando para entrarmos em uma sala reservada, e nos ofereceu água e café. Adriana, muito cansada, retira o chinelo colocando os pés sobre outro para descansar do interminável dia de caminhadas. A protagonista da pesquisa inicia a narrativa da violência sofrida aboletando-se numa cadeira em uma mesa circular afirmando “Eu pago meus impostos”. O procurador e a assistente social se concentram nas falas com seriedade e no olhar de revolta da protagonista da pesquisa. O procurador de justiça respondeu: “ainda que não fosse”. O procurador verbaliza os vocabulários e as perfunctórias jurídicas que, diante do boletim de ocorrência lavrado na delegacia, o processo deveria seguir e com as provas podendo ser acolhida a denúncia, e que enviaria um ofício para a ouvidoria de polícia, como de praxe, para que a polícia militar pudesse acompanhar e responsabilizar o agressor e, sobretudo, identificá-lo.

No entanto, ele disse que sabia das dificuldades do sistema de justiça em controlar a polícia do Estado de São Paulo, o que tornava um desafio a identificação dos agressores. Os olhos de Adriana se despedem da revolta projetando um olhar de deboche e do óbvio tipo “eu já sei”, acompanhado por seus ombros tensos e encurvados. O procurador de justiça, convicto de suas explicações, pergunta se a protagonista da pesquisa estaria com medo de voltar para sua casa. Ela respondeu que o medo fazia parte da sua vida e que precisava voltar a trabalhar porque era seu ganha pão. Ela disparou fatos sobre o procurador e a assistente social, destacando que, depois da violência sofrida, ligou quatro vezes para o 190 da polícia militar pedindo assistência de uma viatura. Em todas as vezes que ligou não compareceu nenhuma, ninguém, e que na quarta e última ligação Adriana comunicou à telefonista que se acontecesse algo com ela, os agentes da polícia militar do Estado de São Paulo seriam os responsáveis. Ela disse seu nome completo: Adriana Lima Soares Silveira.

Ela frisou que no período em que ficou aguardando o atendimento, algumas viaturas passavam na Avenida Lineu de Paula Machado e uma das viaturas parou para

conversar com seus agressores. Enquanto relatava isso, Adriana retirou de sua bolsa uma pasta de plástico com as papeladas confirmando as instituições pelas quais ela havia passado à procura de justiça. Junto das folhas, os vídeos capturados para dar legitimidade às dores e aos hematomas visíveis em seu corpo-pele. A assistente social nota o cansaço e o incômodo de Adriana ao ter que repetir pela terceira vez a violência sofrida. Adriana respondeu que estaria ali para formalizar mais uma denúncia para ver “se alguma coisa aconteceria ou se só seria perda de tempo ou saliva jogada fora” pediu desculpas pelo jeito de falar. “Entendo”, disse o procurador de justiça com as mãos no queixo e um leve balançar de cabeça, é normal se questionar, ainda mais nos casos que envolvem os limites do sistema de justiça.”

Novamente, o procurador tenta justificar o seu papel de ouvidor e formalizador da denúncia, enfatizando que, judicialmente, a defensoria pública seria a melhor opção para Adriana, apesar do procurador não estar atento às dores dela, muito menos às redes de comunicação entre as instituições de justiça e de direitos humanos. O procurador de justiça aparentava querer se livrar logo do caso. Ao perceber o comportamento dele, interfiro enquanto representante de direitos humanos, dizendo que estávamos ali por um motivo e a situação da protagonista deveria ser cuidadosamente analisada, até mesmo porque o espaço era para isso. Eu disse também que a responsabilidade seria deles se um evento “de morte” acontecesse com Adriana. Em seguida, o procurador indaga me pedindo explicações da forma que eu havia falado. O indagar dele era uma forma de se eximir da culpa, trazendo para consigo a responsabilidade de informar os programas de políticas públicas voltadas para a categoria LGBTQ+1, como os núcleos de cidadanias espalhadas pelas regiões - dentre eles o trans cidadania e SP Viver - jogando na mesma circular todas as instituições de acolhimento, salientando em seu discurso a criação de fonte de renda⁵.

Adriana, apesar do cansaço, estava atenta e muito irritada, se perdendo e se encontrando em seus pensamentos. Ela desabafa ao procurador: “Eu não vou mentir não, tem tantas coisas que acontecem, tem certas injustiças, olha... Tem que ter muito pé no

⁵ O Programa Transcidadania é uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo, que tem a proposta de fortalecer as atividades de inclusão profissional, reintegração social e resgate da cidadania para a população de travestis, mulheres transexuais e homens trans em situação de vulnerabilidade, atendidas pelo Centro de Cidadania LGBTI, equipamento gerido pela Coordenação de Políticas para LGBTI, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC).

Os participantes recebem uma bolsa mensal no valor de R\$ 1.097,25, por seis horas de atividades diárias. <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/transcidadania-entenda-como-funciona> Acesso em 20/05/2020)

chão para não fazer besteira, principalmente quando nada acontece, nada. Aí você vai pro lugar, anda pro outro, e nada se resolve, sabe? O psicológico da gente fica, sinceramente...”. O cansaço dela se esvai como se estivesse lavando a alma. A assistente social e o procurador tentam se justificar, gaguejando, e culpabilizando a justiça pela sua morosidade frisando o quanto ela é engessada. Os olhos se voltam para Adriana, em tons de fúria, reclama do tempo que está perdendo, andando de um lado para outro, batendo nas portas das secretarias de um vai pra lá, e um vem pra cá. Ela descarrega: “Eu tô fazendo isso pra quê? Pra nada, entendeu, resumindo, nós somos a maioria dos casos, não é à toa que essa violência está desde 2018 e nada foi resolvido”. Toda atenção volta-se para ela e para sua revolta acesa, para as suas mãos que batiam no peito como se dissessem “Eu sei do que eu estou falando”. A garantia eram suas palavras que deixavam a sala reservada e tensa, composta de três corpos e olhares quase imóveis.

Diante da reclamação, o procurador aponta suas estratégias: ele enviará inúmeras notificações para as ouvidorias e as corregedorias competentes e para as redes de direitos humanos e instituições de justiça. Adriana, não contente com as sustentações do procurador, diz: “mas no caso seria a corregedoria da polícia civil, porque a militar é o mesmo que nada”. O incômodo foi tanto que o procurador se levantou recolhendo todos os documentos para tirar cópia, enquanto a assistente olhava para nossa cara com um lápis entre os dedos a bater na mesa. Quase no final do atendimento eles pedem para preenchermos um formulário com os nossos dados e qualificações. A assistente social preenche o formulário de Adriana fazendo-lhe as perguntas. Entre estas perguntas está qual a preferência de relação sexual, sendo as opções heterossexual, homossexual ou bissexual. Dando risada, Adriana responde que transava só com homens. Em seguida, se atentando ao seu nome dizendo ser uma mulher trans e que estava realizando a mudança do seu nome em seu registro civil. Ao passar o dia com a Adriana percebi que seu nome era uma forma de legitimar sua existência no mundo e no espaço.

O corpo da mulher trans é um delito

Corpo-sentido

Corpo-pele

Corpos

Trans

Fronteiriços

Limite (2020)

Paulo Ramos

São Paulo, 17 de janeiro de 2020, dia nublado e frio, o relógio no centro da Avenida Lineu de Paula Machado marcava 19 graus, temperatura um tanto atípica para um verão. Desço no ponto de ônibus em frente à estrutura do Jockey Club. Do outro lado da avenida avisto Erika sentada em um caixote de madeira, e no corpo um vestido de onça, com uma bota enorme, revestida de pura camurça preta. Erika está acompanhada de uma outra mulher trans chamada Dani, que até então eu não conhecia. Enquanto éramos apresentados, Dani recolhia uma lata velha de tinta para se sentar ao lado de Érika, enquanto eu tentava me acomodar na calçada. Dani usava um vestido vermelho escuro e uma sandália prata de dedo, contornada com pedrinhas de *strass*. Ao se sentar, suas coxas fartas e brancas são reveladas junto com a tatuagem enorme e colorida de um tigre de bengala laranja de listras pretas, representando na sua própria pele a coragem, poder, força, independência e orgulho, elementos ligados à figura do tigre na cultura asiática. Todos apresentados e acomodados.

O carro preto dos seguranças passa lentamente para saber quem está com as meninas. Erika diz que eles já haviam circulado naquele dia diversas vezes e que eles não nos interromperam porque já sabiam da minha presença na região como representante de direitos humanos. Dani participa do diálogo insatisfeita com a ostensividade dos seguranças os chamando de “pau no cu” “chupa pau do caraí”. Érika acrescenta que em dias anteriores os policiais que faziam bico agrediram um de seus clientes que estava de motocicleta quebrando o capacete na cabeça do mesmo. Como diz o provérbio “fala-se no diabo e aparece-lhe o rabo”, lá estavam eles com o carro estacionado a observar as movimentações. Sem clientes, Erika e Dani reclamam do *acué*⁶ não estava girando devido ao mês de janeiro ser tão fraco, porque sabiam ser este um período de economia para os seus clientes pós-férias do final de ano e retorno escolar de seus filhos.

Além do dia fraco de clientes, a chuva ameaçava cair. Ao reclamarem da falta de clientes, um carro branco parou e chamou Dani para dar uma volta, ela entra sorridente e brinca “se chover corre...”. Eu e Erika nos olhamos e demos risada. Do outro lado, o carro dos vigilantes não estava mais. Na nossa frente, um homem ainda de capacete estacionando uma enorme moto chama Érika. Os dois entram no carro dela, que atende o cliente lá dentro. Percebo que preciso sair um pouco para que elas façam seu trabalho e para que seus clientes não se sintam intimidados. Sigo pela Avenida Lineu de Paula

⁶ Acué significa dinheiro no vocabulário pajubá.

Machado para ver se encontro Sara. No meio do caminho encontro duas mulheres trans e pergunto se Sara estava trabalhando naquele dia. Antes de responder perguntam quem eu sou e digo que sou representante dos direitos humanos. Em seguida respondem que Sara havia saído com um cliente alguns minutos atrás, mas que ela já tinha retornado.

Ao chegar na rua Sarabatana avisto Sara sentada no capô de seu carro de pernas cruzadas, fumando o seu cigarro. Ao seu lado, um carro preto e dois homens de pé entre as portas de passageiros faziam a vigilância do corpo altivo de Sara. Vou em direção a ela perguntando se está tudo bem, responde: “Não”. Aponta em direção aos seguranças e diz que eles ficam o tempo todo vigiando-a, expulsando os seus clientes e a violentando verbalmente, quando não fisicamente. Revela ainda que em dias anteriores haviam jogado um tipo de explosivo dentro do seu carro quando ela estava dentro. Ainda sentada no capô, Sara gesticula com seus ombros eretos mantendo sua pose, dizendo em alto e em bom som “Nós estamos lutando por nossos direitos, não estou sozinha”. Repentinamente, Sara pula do capô apontando para uma das mansões, indignada com uma das moradoras que reclama da sua presença ali na encruzilhada, ao mesmo tempo justificando que não faz sexo na rua e que tampouco ficava pelada.

As falas de Sara acompanhavam seu corpo simulando suas revoltas. Os seguranças entram no carro e saem. Ficamos entre a Avenida Lineu de Paula Machado e a rua Sarabatana. O espaço me dava a fotografia espacial, formando um triângulo com três mansões, uma em cada ponta, com câmeras de vigilância instaladas em seus muros, e, no meio, uma guarita com um guarda patrimonial sentado. De costas para a avenida ouvimos o buzinar de um carro, era um cliente afetivo de Sara. Ela se despede de mim e me convida para retornar. Voltando para me despedir de Erika a noite se revela nos postes com luzes acesas, nos faróis dos carros ligados, nos cones de trânsito alertando os motoristas e a iluminação da entrada do Jockey Club. Na Praça Dr. João Adhemar de Almeida Prado estavam lá Erika e Dani sentadas no ponto de táxi conversando com um taxista e uma mulher que vendia lanches. As duas me convidam para irmos até uma praça onde ficam alguns garotos de programa, localizada em frente da TV Cultura, mais conhecida como Fundação Padre Anchieta.

*À noite
O sereno
O breu
O meu
O eu
O seu*

*Se perdia na escuridão
Da praça
Nem tão vigiada
Os gemidos
Se ouviam das calçadas
A viatura passava
Nada realizada*

*O padre com a bata
Nas mãos
E um cálice
De sangue
Entre seus dedos
Se silenciava*

*As árvores
Fantasiava
Os corpos dos homens
Dos membros pulsando nas mãos
“Alegorizava”
Os desejos
Os cortejos
Da permissão da carne
Nua
Crua
A olho nu.*

*Fundação Michês (2020)
Paulo Ramos.*

Rua Cenno Sbrighi, 17 de janeiro de 2020. Chegamos na praça de carro conduzido por Dani, enquanto Erika ficava em alerta porque seu ex-namorado trabalhava na região como michê. A praça de árvores enormes ocupava quase dois quarteirões formando uma rotatória entre uma rua e outra. Nas calçadas, uma variedade de homens, desde cores, tamanhos de pintos, cabelos, cheiros, corpo, faixa etária e trajas que iam do menino chavoso⁷ até o tiozão de roupas formais. Parados em lugares estratégicos em torno da praça, com os seus pênis eretos nas mãos performando uma masturbação. As cenas de erotização nas imediações da fundação do padre catequizador entre as árvores à luz da

⁷ Chavoso é uma expressão usada por funkeiros e comunidades da periferia de meninos que trajam e utilizam roupas e acessórios de grifes para ostentar, mesmo que sejam imitações das grandes marcas.

noite pouco se enxerga, mas o que visualizamos são sombras em posições de boquetes, alguns sussurros, camisinhas descartadas pelo chão e pinos vazios de cocaínas.

A ronda da polícia militar é constante, porém nada ostensiva como no Jockey Club. Qual a diferença entre os corpos das mulheres trans e os corpos desses homens? Erika nota a diferença de tratamento, e salienta que se fosse no Jockey eles já teriam pedido os nossos documentos de identificação. Ela observa também que não havia a presença de seguranças particulares realizada por policiais militares. Depois de darmos algumas voltas e observarmos os momentos de carnes explícitas ao prazer, voltamos para o Jockey e Erika me convida para dormir em sua casa no bairro do Capão Redondo, periferia da zona sul de São Paulo. A caminho da casa da protagonista, o painel do carro marcava vinte para meia noite. Erika resolve passar no *drive thru* de esfihas e compra 30 unidades promocionais. Era uma mão no volante e a outra mão na caixa. Erika mora no fundo da casa de sua mãe, local que costuma chamar de casinha, bem aconchegante com tudo em seu lugar. Sentamos à mesa e comemos as esfihas com refrigerante sabor guaraná até não aguentar mais. Antes de se deitar, Erika veste seu pijama de pelúcia de cor rosa estampado com corações. Na sala de Erika havia uma cama de solteiro onde poderia me acomodar, porém me convida para dormir com ela, assim poderíamos conversar mais ou assistir televisão, mas o cansaço era tanto que acabamos caindo no sono.

*O corpo (d)elas
Integra a avenida
Da noite ao dia
As ruas me contam
Contos sussurrados
Em meus ouvidos*

*Dos desejos
Dos menosprezos
Dos muros
Dos murros*

*Os cheiros
Me apresenta
A calçada
As alçadas
As cabeçadas
As bolsadas
As pauladas
As ossadas*

(D)elas (2021)
Paulo Ramos

Capão Redondo, 18 de janeiro de 2020. Ao acordar, vi Erika de costas arrumando o seu sutiã e em seguida colocando seu vestido preto de florezinhas coloridas. Pergunto se ela dormiu bem e se eu ronquei muito. A protagonista diz que não, que havia dormido bem e que iria preparar nosso café da manhã. Dona Marcia, a mãe de Erika, pergunta quem havia chegado com ela ao que ela responde: “É aquele cara que te falei, dos direitos humanos que ajuda a gente lá no Jockey Club”. Ainda no quarto despertando, Erika me entrega uma toalha para eu tomar banho. Eu estava sem meus acessórios de higiene pessoal, até mesmo porque não sabia que iria passar a noite fora de casa. Escovei os dentes com o dedo e tomei um banho rápido. Ao sair do banho, Erika me pergunta “que banho rápido era aquele”, dizendo para eu ficar à vontade. Me contou que seu banho durava no mínimo 1 hora e que era filha de Iemanjá por adorar água “e não só por isso”, mas porque uma mãe de santo lhe dissera.

Enquanto Erika termina de preparar a mesa do café da manhã, traga o seu cigarro. Como dizem, é na cozinha que surgem as conversas, os segredos, as revelações, os amores e os desamores. E na mesa da cozinha de Erika foi que surgiu sua vida, seus segredos, sua família, seu corpo e sua intimidade que não está na rua. Enquanto comíamos o resto das esfihas e pão com mortadela e queijo regados de goles de café, a protagonista revela a importância da sua família em sua vida, sobretudo a presença de sua mãe e de sua avó, o respeito que tem de seus irmãos, lembrando de um passado difícil desde a aceitação por parte de sua mãe e a transição sexual. Ela revela ter 33 anos de idade e comenta sobre a sua transição para o corpo feminino, dos hormônios injetados, do silicone nos peitos e na bunda implantados para a formação do seu corpo dizendo: “que o corpo de travesti é o mais sensível”, “ser uma boneca é mais difícil”, “ser homem é mais fácil” destacando que “mulher nasce, travesti se faz”.

Ainda tomada pelas lembranças, a protagonista da pesquisa deseja sair das ruas e ter seu próprio negócio, uma loja de roupas ou uma doceria com bolos, dizendo adorar cozinhar e que trocou seu fogão por adorar fazer assados. Quase meio-dia, me organizo para ir embora, mas antes passamos na casa de sua mãe para ela poder pagar o que devia do cartão de crédito. A protagonista da pesquisa me apresenta sua mãe, dona Marcia, que gentilmente me ofereceu um pedaço farto de melancia. Em alguns momentos dona Marcia

se comunica com Erika pelo nome de tratamento masculino, se mostrando preocupada com a filha desde o momento que sai até sua volta para casa, tendo o hábito ouvir por trás das paredes das pessoas que chegam da rua acompanhando sua filha. Quando sua preocupação acompanha seu instinto, ela vai até a casa da filha para verificar quem está lá, tudo isso por medo de alguém a violentar ou a assassinar.

A relação da protagonista e sua família é de muito respeito e admiração, ainda mais quando se trata de seus sobrinhos e sobrinhas chamando-a de tia. Ao ficar algumas horas com Erika e sua família, percebo que o respeito tem a ver com a sua coragem. Na sala da casa da mãe, encontro dona Maria Eolina sentada. É a avó da protagonista que ao se aproximar me pergunta: “cadê Erika”. Erika responde: “estou aqui vó.” Dona Eolina começa a conversar comigo, lembrando dos filhos que teve, que sempre lutou muito para criá-los, além das suas lembranças na antiga Bahia, de quando carregava lata d’água na cabeça. Neste cenário vi três gerações de mulheres marcadas por opressões. Fui embora com uma sensação de saudade. E certificado de onde vinha a coragem de Erika. Dedico este poema a dona Maria Eolina:

*Maria estava na sala
Olhando pontualmente
Para as linhas
Para o infinito
Que cruzava suas mãos*

*Cada ponto
Cada ponta
Cada detalhe
Traçado nas mãos
Nas palmas
Mostrava os caminhos*

*Os dedos pincelavam
Pintavam
Apontavam
Desenhavam
A memória de um corpo*

*Tecido
Alinhavado
Costurado
Na luta
Na coragem
Na esperança
Na dor
Na fé*

Das linhas douradas

*Feitas das palhas de milho
A cada ponto da linha
No seu corpo*

*(Re) descobria
As gotas d'água
Que tocava
Que escória
Na sua pele*

*(Re) visitava
A água que carregava em sua cabeça
Do rio que cruzava os ombros dos homens
Latas d'água
Abastecido do alto da cabeça de Maria Eolina*

*O corpo de Maria
Sentado no sofá
Transformou-se
Numa cascata
Inundando toda a sala
Todas as fotos
Todos os retratos
Todos os álbuns
Toda a baía
Que voltava para o seu útero.*

*Maria Eoli - Corpos d'água (2020).
Paulo Ramos -.*



Figura 9 - Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo. Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Avenida Lineu de Paula Machado, 01 de junho de 2020. Antes de chegar na rua Sarabatana onde Sara trabalha, tenho o prazer de conhecer Laís, que estava sentada no ponto de ônibus. Ela me pediu para chamá-la por esse nome por medo de sofrer represálias, mas o seu nome expresso na carteira de nascimento é tão bonito quanto. Laís tem o cabelo castanho, olhos cor de mel e um rosto pintado de sardas, trajando um vestidinho preto básico de tubinho. Pergunto a Laís como está a situação no Jockey. Ela fica em silêncio levando o dedo indicador até os seus lábios, informando que com a violência e as perseguições é difícil de trabalhar na região.

Ela diz se sentir coagida por haver pessoas dedicadas a isso, que todo esse aparato é uma das formas para que os clientes não parem ao notarem que os seguranças estão armados. Relata que sofreu violência psicológica e que na maioria das vezes jogam o carro em cima dela, além dos xingamentos constantes. Ao mesmo tempo que ela fala, seus olhos ficam atentos ao movimento, sobretudo no vidro do ponto de ônibus onde estamos encostados. As ameaças verbalizadas são do tipo “se eu quiser eu te tiro daqui” “eu te arrego aqui mesmo”. Laís salienta que eles contam com ajuda dos colegas: os policiais de plantão para autuar as meninas a todo momento. E uma dessas autuações é pedir a carteira de identidade para verificar se o nome é masculino. Quando se deparam com substantivo feminino próprio, perguntam se são travestis como finalidade para deixá-las em estado vexatório.

Um carro cinza parou e o condutor a convida para entrar, era mais um de seus clientes. Saio caminhando pela Avenida Lineu de Paula Machado para ver se encontro Erika na praça. E no ponto de táxi vejo duas mulheres cis conversando. Uma delas aparentava não ser garota de programa, e essa era Patrícia, mulher cis e negra. Ela pediu para ser tratada por esse nome, mas o sigilo não era só no nome, era no seu rosto coberto pela máscara que escondia sua boca e nariz. Os olhos não cobertos transmitiam uma preocupação que depois foi verbalizada, em relação à covid-19. Me contou que perdeu o emprego devido à pandemia e teve que voltar às ruas. Pergunto se ela havia passado por algum tipo de violência por parte dos seguranças na região. Ela responde que não, até mesmo porque ela era mulher de verdade e que seus programas jamais foram interrompidos, e tampouco seus clientes intimidados.

Buscando em sua memória sobre o corpo que voltava às ruas, ela relatou as violências sofridas pelas mulheres trans, dos socos, tapas, chutes, e puxões de cabelos.

Destacou que as travestis e transexuais eram importunadas por não serem mulheres e que havia uma diferença enorme de tratamento entre elas. A fala de Patrícia me confirma a seletividade dos corpos-peles no Jockey que deve permanecer, sendo as mulheres trans desconsideradas na qualificação de garotas de programa. Nesse momento, chega Agatha acompanhada de outras mulheres trans comentando as perseguições que vinha sofrendo, das pedras que foram jogadas nela, dos empurrões levados na semana anterior, da sua sacola que desapareceu com as roupas de voltar para casa, retirada da árvore que camufla seus objetos. A adrenalina estava presente no corpo e na sua fala, que não aguentavam mais os xingamentos de “demônio, diabo e viado”.

*Dos pés à cabeça
E um crânio banhado
De intelectualidade
Advinda da capilaridade
Que tece a pele
De um corpo-cor*

*Historicamente destituído
E sensorialmente constituído
Na inércia da dor.*

*Pretoniano (2020)
Paulo Ramos*

Fundação São Paulo, 12 de novembro de 2020, ainda tempos pandêmicos da covid-19, as incertezas rondavam a vida de todos, nossos projetos e planos futuros, sobretudo a realização do trabalho etnográfico e a angústia de ver alguns colegas, na sua maioria negros, lutando por uma bolsa de estudos na pós-graduação junto ao coletivo Neusa Santos. Essa angústia se transformou em ação, quando participei da manifestação em frente ao prédio da Fundação São Paulo. Ali estendemos cartazes enormes riscados em letras vermelhas garrafais reivindicando as bolsas filantrópicas destinadas a cotistas seguradas pelas mãos do homem que nega a hóstia. Entre uma pauta e outra, um diálogo e outro, recebo de um companheiro de luta olivro “*Reflexões sobre a questão gay*” e entrego e dedico a ele o livro “*O protesto negro: James Balwin, Malcom X Luther King*”.

Ao voltar para casa tomo um banho e preparo meu almojanata. Ao colocar a primeira garfada de macarrão na boca meu telefone toca. Era Erika comunicando que Agatha fora agredida por dois policiais do Jockey Club que prestam serviço, e que a mesma estava machucada e havia sido encaminhada para um hospital para fazer o exame de corpo de delito. De lá, ela seguiria para a delegacia de polícia no Morumbi, mais conhecida como 89. Respondo a Erika que iria ao encontro dela até a estação Butantã para irmos dar assistência para Agatha na delegacia de polícia.

Perco a fome, me troco e saio de casa rapidamente contando os minutos dentro do ônibus e do vagão do metrô para encontrar com Erika. Já em frente da estação, Erika chega em seguida com seu carro preto acompanhada de seu novo marido.



Figura 10 - Imagem da foto etnografia “Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo. Paulo Ramos (2021) publicado na Revista de Estudos de Investigações Antropológicas da Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco

Morumbi, 12 de novembro de 2020. Assim que chegamos na delegacia, Agatha chega no carro de polícia para lavrar o boletim de ocorrência contra seus agressores. Erika e eu vamos recepcioná-la. O primeiro contato que tenho é com um dos policiais que cuidadosamente dá explicações sobre o acontecido e que havia acompanhado Agatha ao hospital, me entregando em seguida os exames realizados. O policial tão atencioso comigo, horas antes, segundo Agatha, não queria atendê-la. A protagonista precisou fazer um escândalo na avenida.

Agatha sai do banco de passageiro com muita cautela por causa das dores, retirando para fora o pé direito com a ajuda de sua mão, ainda com muita dificuldade para levantar-se. Erika e eu demos suporte para ela caminhar e entrar na delegacia. Na entrada, pessoas aguardavam para serem atendidas, e os olhares de todos que estavam nas estruturas se voltaram para os corpos de Erika e Agatha. Dentre esses olhares, haviam dois homens muscularmente fortes, de cara amarrada e igualmente uniformizados como os policiais militares. Ao nosso lado, estava sentado um homem todo ensanguentado vigiado pelos homens uniformizados que não passavam de seguranças da linha amarela. O sangue na roupa branca do homem valeu-se por ele ter pulado a catraca para voltar para casa. Ao perceber o resultado de tanta truculência, Erika e Agatha comentam que não havia necessidade de machucar o outro, não havia necessidade para tanto.

Ali ficamos com as nossas máscaras, esperando para sermos atendidos na recepção. Ao ser atendida, o escrivão diz a Agatha que é para lavrar boletim de ocorrência somente em caso de flagrante. Indignada, Agatha insiste no atendimento, e o escrivão saiu do box de vidro que o protege para falar diretamente conosco em uma sala reservada. O escrivão nos orienta para fazermos o boletim de ocorrência online, que as delegacias não têm obrigação de fazer o boletim devido à covid para evitar aglomeração e que ele estava agindo de acordo com a portaria da polícia civil.

Neste momento interfiro e pergunto ao escrivão qual o número da portaria e que gostaríamos de falar com o delegado de plantão. Expliquei ainda que, na situação de Agatha, o flagrante jamais existiria porque os agressores eram os próprios agentes do Estado. Ao ser questionado sobre a portaria, o escrivão gagueja. Agatha, em resposta ao gaguejar do oficial, diz que ela não merecia passar por isso, por toda essa violência. Que era um descaso não ser atendida, que o Estado tinha obrigação de fazer algo por ela, até mesmo porque ela paga impostos. O escrivão, ainda desconcertado, procura o delegado de plantão para ver se ele abriria uma exceção. Enquanto aguardamos, Agatha reclama das dores e da demora, passando a sua mão esquerda sobre o cotovelo direito para ameniza a dor. O punho do braço esquerdo, também machucado, levava uma pulseira azul com os dizeres de Isaías 26:3: “Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia”. Ao mesmo tempo, dizia que queria justiça e que a violência sofrida “não iria ficar assim”, e que iria até o final.

O escrivão retorna comunicando que o delegado havia saído para jantar e aproveitar o seu período de descanso, e que se quiséssemos aguardar sairíamos de lá aproximadamente às 04:00 horas da manhã. Neste momento percebo a fúria e o cansaço no olhar de Agatha verbalizando sua indignação enquanto se sentava na recepção. Na mesma hora passa o delegado, sem máscara, desvendando o seu bigode feito à régua dividido pelo filtro labial. Era alto, forte, tinha uma postura ereta, vestia uma camiseta social branca, um colete à prova de balas e um suporte de revólver que cruzava o seu corpo. Agatha olha atentamente o passar do delegado e resmungava a saída dele, comentando ao mesmo tempo a beleza dele. Ao perceber a impaciência de Agatha, oriento irmos à corregedoria da polícia militar para adiantar a institucionalização das denúncias.

*A força
A tarefa
O controle
A farda
A capa
O coldre
As correntes
Os caibros
As Lanternas
As munições
As bombas*

*Exige negar
O feminino
Exige negar
Um rosto
Exige negar
Um nome
Exige negar
Um corpo*

Exigências (2019)

Paulo Ramos

Corregedoria da polícia militar, madrugada de 13 de novembro de 2020.
Estávamos em quatro no carro: Agatha, Erika, o marido de Erika e eu. A caminho da corregedoria percebo que todos estão cansados. Antes de chegar no centro da cidade, Erika aponta os lugares de prostituição - ela conhecia nitidamente o espaço e as ruas que dão acesso ao batalhão da polícia militar. Ao chegar nas imediações do bairro Tiradentes,

fico surpreso e assustado com o tamanho do quartel da rota, mais conhecida como Mansão da Rota. A mansão toma conta dos quarteirões. O quartel da rota é uma estrutura colonial amarela e marrom nas bordas, e foi um espaço idealizado nos quartéis franceses instalados no norte da África. No entorno da mansão, pés enormes de palmeiras coloniais nas calçadas de ruas silenciosas como a madrugada preta.

Um pouco tensos com a estrutura emblemática de poder e de vigilância, erramos a rua onde ficava a corregedoria, retornando e voltando para o início. Ao chegar na rua da corregedoria da polícia, saio do carro e me espanto ao perceber que a mansão da rota faz um quadrado de proteção com sua monstruosa estrutura a outros segmentos da polícia militar, tais como o batalhão do choque e o hospital da polícia. Erika e Agatha entram primeiro e iniciam o diálogo com o recepcionista da corregedoria explicando do que se tratava. Agatha diz: “Quero abrir uma denúncia contra dois policiais militares que trabalham no Jockey porque eles me agrediram. Eles não têm o direito de fazer isso comigo, eu pago meus impostos”. O recepcionista acompanhado de mais dois colegas nem sequer olha na cara da Agatha.

Erika se revolta dizendo que já esteve ali e ninguém fez nada, que alguém precisa parar as práticas de violência dos seguranças e que hoje estava acompanhada de um representante de direitos humanos que está assistindo o caso, apontando para mim. Diante da fala de Erika, o balcão da recepção rapidamente enche, ficando ali em torno de 15 pessoas no vai e vem, dentre eles o delegado de plantão. Fico observando as movimentações. Neste momento, tudo muda de lugar e quem passa a atender as meninas é uma policial feminina do administrativo que se demonstra preocupada, fazendo perguntas preliminares para Agatha sobre o acontecido. A policial, desconfiada, pergunta se estou acompanhando as meninas e pergunta meu nome.

Os curiosos permaneceram ouvindo o relato das meninas que passaram pela mesma experiência de ter um corpo violado, como diz Agatha, de serem tratadas como lixo, como nada, enfatizando que está cansada dos descasos que o Paulino vem cometendo no Jockey Club e que “ninguém faz nada para detê-lo, e que justiça é essa?”. Ao perceber a insatisfação e revolta, a policial militar convida Agatha para relatar os fatos ao delegado de plantão para dar andamento na formalização da denúncia, para o reconhecimento dos policiais que lhe agrediram e tirar algumas fotografias dos hematomas que fariam parte do processo de investigação interna.

Agatha passa a ser interrogada ao invés de ser ouvida, as perguntas eram indutivas para conduzi-la ao erro e trazer para consigo a culpabilidade. Ficamos por volta de cinco horas aguardando Agatha. No intervalo do entra e sai, as movimentações de corpos militares eram grandes naquele espaço contínuo, com todos eles fortemente armados, com os olhares concentrados no diálogo entre eu, Erika e o seu marido do lado de fora. Quase amanhecendo. Estamos todos exaustos. Levanto impaciente, com muita fome e sono. Às 5:55 da manhã o procedimento processual da denúncia finda e Agatha é liberada com todos os protocolos para dar continuidade fora da competência militar. A caminho do carro, combinamos de nos encontrar no Jockey mais tarde - mesmo porque voltaria para verificar a situação depois do acontecido. Diante da minha inquietação, Erika me convida pela segunda vez para dormir na casa dela, e de lá voltaríamos juntos para o Jockey.

Um dia de cada vez

Uma semente

Um girassol

Um odor

Um olfato

Um dia de cada vez

Um céu

Uma nuvem

Um sol

Uma visão

Uma imagem

Um dia de cada vez

Um sal

Um açúcar

Um azeite

Uma comida

Um degustar

Um paladar

Um dia de cada vez

Um algodão

Uma linha

Um tear

Uma seda

Um lenço

Um áspero

Um macio

Um toque

Um tato

Um dia de cada vez

*Um gerar
Um amar
Um odiar
Um nascer
Um criar
Um crescer
Um viver
Um morrer
Uma dor
Uma pele
Um corpo
Um dia de cada vez*

*Cada vez (2020)
Paulo Ramos.*

Jockey Club, 13 de novembro de 2020. Após uma noite sem dormir direito, chego no Jockey Club junto com Erika ainda cansada. A protagonista da pesquisa pergunta a Dani se os alibãs⁸ haviam passado por ali e sua colega de trabalho responde que “nem as caras deram” devido à violência sofrida por Agatha na noite anterior. Ficamos eu e Erika por alguns minutos sozinhos conversando sobre a vida, sonhos, fé e família. As falas de Erika eram sempre de esperança com um fundo de revolta diante das violações presenciadas no seu local de trabalho. Como de costume, acende um cigarro, gesticulando com as mãos suas indagações entre um trago e outro, soprando a fumaça desenhada no ar.

Ela salienta que não precisava dessa violência toda, e que no mundo tem espaço para todos trabalharem e que precisaríamos ter mais empatia. Em dado momento, ouço um barulho vindo de cima. Ao inclinarmos a cabeça, avistamos macaquinhos transitando entre as árvores e os fios elétricos. Acima de nossas cabeças eles se comunicavam e dividiam o alimento, priorizando a passagem do outro entre as árvores. Erika, ao denotar o movimento entre os primatas, diz: “Se fôssemos assim o mundo seria melhor”. Os primatas deixam de ser assunto e voltamos para a conversa sobre a violência. Dez mulheres trans se juntaram a nós para saber o que tinha acontecido, e disseram entre elas que precisariam se unir mais. Contudo, algumas declararam que tinham medo de sofrer represália, ou mesmo pagar com a própria morte.

⁸ Alibã é sinônimo de policial em pajubá.

Depois desta rápida reunião se dispersaram e Erika foi atender um cliente. Enquanto isso, fui andar pela Avenida coberta por um céu acinzentado aparentando chover. Encontro Andria na avenida vestindo uma minissaia jeans, *croopped* branco e um salto bege, de braços cruzados. Como um sorriso, ela comenta que eu desapareci da região. Enquanto isso, passa um carro com alguns homens “zoando” com gritos de depreciação. Pergunto sobre os atos de violência no Jockey praticados pelos seguranças. Ela me responde que continua na mesma, os carros jogados em seus corpos, das fezes colocadas em lugares estratégicos. Após sua declaração, chega um cliente e a leva.

*O tempo e o espaço
Devem ser completos
Devem ser certos
Devem ser cheios
O corpo, parte
Do tempo e do espaço
Limitado
Proibido
Inibido
Dos amores
Dos prazeres
Dos dizeres*

*Se reduz
Se dilui
Induz*

*A (trans) formação
Seduz
Se produz
Se reproduz
Das celeris
Posições
Imposições
Em busca de um corpo
Perdido.
De uma complexidade
Cristalizada.*

*Corplexo (2020)
Paulo Ramos*

Praça Professor Cardim, 13 novembro 2020. Percorrendo a avenida, um pouco molhado encontro Andria após seu programa sentada no ponto de ônibus com seu guarda-chuva preto aberto no chão. Segurando seu salto na mão, com a outra me deu um suco de

laranja que havia ganhado do seu cliente que minutos antes “comia o meu cú com tanta vontade achando que era uma boceta”. No ponto de ônibus observamos a chuva e uma estátua centralizada no meio da praça. Era uma mulher nua de mármore escondendo suas partes íntimas com as pernas fechadas numa posição de sedução e submissão.

Andria relata um pouco sobre sua vida enquanto mulher trans e do seu trabalho como prostituta. Ela é a provedora dos estudos de sua sobrinha que está na universidade de educação física e tem uma relação de respeito com sua irmã. Ela conta da sua experiência na Europa e me dedica um pouco do seu francês. Entendo apenas o “*passé s’il te plait*”. Entre um diálogo e outro, as pessoas chegam no ponto de ônibus com suas máscaras. Um deles é um conhecido dela que me apresenta como vereador Paulo LGBT, rindo em seguida. A pessoa conhecida trabalhava numa imobiliária localizada na Avenida Lineu de Paula Machado e se identifica como não binário da turma do “todes”. Após a pessoa subir no ônibus, Andria faz algumas indagações sobre o quanto foi difícil e violento assumir a identidade feminina, “enquanto algumas pessoas vem com essas neutralidades”.

CAPÍTULO II

Brutalidades corpóreas: violência e negação



Figura 12- Imagem “Do berço ao butcher – jornada de Nicolý (2021) da artista Vanessa Meirelles criado exclusivamente para a dissertação.

Na Avenida Lineu de Paula Machado, ao lado do Jockey Club - imediações dos bairros Morumbi, Butantã e a emblemática estrutura do Palácio do Governo do Estado de São Paulo - residem pessoas de alto poder aquisitivo. São empresários, advogados, juízes, artistas, políticos e apresentadores de TV e rádio dentre outras personalidades consideradas legítimas para o “sustento” e a “ordem” da cidade de São Paulo. Estas pessoas se camuflam entre os grandes muros dos casarões e mansões e ruas pós-projetadas que evitam a intersecção dos corpos, em conjunto com o sistema eletrônico de monitoramento para o controle e o suplício das travestis e transexuais.

Neste território também se encontram “*outras*”: as mulheres trans, travestis e transexuais. São garotas de programa despersonalizadas e rodeadas pelo amargo da violência policial e de seguranças particulares, geralmente composto por policiais militares do Estado São Paulo denominados de alibã⁹, termo do dialeto pajubá¹⁰ utilizado para identificar os policiais que fazem serviços extras fora do horário de trabalho. A região do Jockey Club abrange as ruas Carpinas, Lopez de Azevedo, Lineu de Paula

⁹ Alibã gíria utilizada no mundo LGBTQI+1 para referir aos policiais.

¹⁰ Pajubá é o dialeto da linguagem feita por homossexuais e travestis que reúne apropriação da origem iorubá e nagô.

Machado, São Cassiano, Manágua, Sarabatana e a Praça Dr. João Adhemar de Almeida Prado.

Convém destacar que a Praça Dr. João Adhemar de Almeida Prado, localizada na Avenida Lineu de Paula, tem esse nome em homenagem ao fazendeiro e industrial brasileiro, neto de um capitão-mor¹¹ do município de Itu. Tal referência é uma retribuição à contribuição econômica que, realizada no passado que repercute no imaginário atual. A praça abriga uma intervenção artística - *Mercado* - de autoria de Eduardo Srur: um enorme carrinho de compras de supermercado feito de puro ferro, com aproximadamente dez metros de altura, conforme ilustrado na ilustração abaixo.



Figura 13 - A intervenção artística “Mercado” com o enorme carrinho (SRUR, 2016) propõe uma reflexão para o consumo desenfreado dos paulistanos sobre a urgência das questões que envolvem as práticas de consumo. Foto: (SANTOS, 2019).

¹¹ A designação de capitão-mor era uma patente para cada um dos oficiais militares. Ficando cada um responsável por terras que não tivesse senhor ou algum representante do rei. Uma prática da colonização da coroa portuguesa, que tinha por finalidade demarcar territórios amparados na dinâmica colonial de controle espacial.

O nome da praça simboliza a capitalização de quem participou da construção da economia do país. A intervenção artística “*Mercado*” - imagem do enorme carrinho fincado no chão - representa, metaforicamente, o corpo do fazendeiro e sua personalidade, característicos da ordem social da época. Simboliza uma época que perpassa as práticas das relações mercantis e as relações de poder que as sustentavam.

A gênese dessa relação de poder é expressa na escravização de indígenas e negros. Tal poder foi conquistado com a mercantilização do trabalho forçado de corpos negros, essencial para o crescimento econômico que sustentou os privilégios dos grandes empresários europeus, patrocinadores desse evento brutal.

Para Eric Williams (2020), a presença efetiva do capitalismo na escravidão está consubstanciada na transformação do negro em mão de obra; esse corpo-produto tinha por finalidade financiar a revolução industrial na Inglaterra. O autor enfatiza que a escravidão dos negros serviu para a manutenção e o desenvolvimento do capitalismo da Inglaterra e para outros países europeus.

A dialética sócio-histórica estruturada na escravidão do negro retirado do continente africano transformam-no num produto, numa mercadoria: o corpo negro é destituído de humanidade. O parâmetro para tal destituição de humanidade era a cor da pele, a marca racial. Para Williams, a escravidão não nasceu do racismo, pelo contrário: “o racismo foi uma consequência direta da escravidão” (2020, p. 34).

Essa destituição de humanidade, em um primeiro momento, não se ancora na religião. Mas de uma estrutura corpórea destituída do próprio corpo, torna-se um instrumento de relação mercantil de grandes proporções através do oceano Atlântico. O tráfico definia-se pela oportunidade e não pela moralidade.

No Brasil, a escravidão constitui uma troca desigual em que o corpo se converte em mercadoria. As ciências jurídicas e antropológicas estigmatizaram o negro como animalesco e impuro, uma marca corpórea identificada por seus traços brutos, reduzindo-os à condição de meros selvagens. A escravidão do negro no continente americano não é apenas derivada do comércio escravagista, mas é, sobretudo, uma violência patrocinada, financiada e governada contra um corpo negro.

Neste processo gestou-se o racismo que conserva as mesmas características simbólicas no Brasil no século 21. Categorias como aberração e desvio foram instituídas

e passaram a reger toda ordem de preconceitos, discriminações, violências miméticas e tal desqualificação expressou-se superlativamente no corpo negro. Para os objetivos desta dissertação, estende-se igualmente para os corpos trans, negros ou não. A violência e o suplício do corpo negro se estendem ao corpo trans. Ambos são situados nas esferas do animalesco e da aberração, merecedoras de suplícios, preconceitos, exclusões.

Destacar personalidades importantes no desenvolvimento na cidade de São Paulo nos possibilita fazer um contraponto da construção econômica do país consubstanciada à violência. Byung-Chul Han (2019, p. 30-31) argumenta que a economia arcaica da violência não é dominada por um princípio mimético, mas sim pelo princípio capitalista. Discute que as ações violentas se efetivam sobretudo na luta pelo valor intrínseco das coisas, voltadas à satisfação de necessidades que o capitalismo se empenha em estimular e impor.

A situação das mulheres trans no Jockey Club é corporificada na violência e no capital, soldada por uma relação de poder e governabilidade nas mãos dos policiais e dos moradores de alto poder aquisitivo. A relação econômica permeia os corpos trans com o consumo de seus clientes e com a venda dos serviços de segurança prestados pelos policiais aos moradores da área.

Os residentes definem as mulheres trans como ameaçadoras e instigadoras da violência. É essa atribuição preconceituosa e vil que estimula o mercado da segurança a resguardar e proteger suas vidas privilegiadas - e recalcadas - de uma ofensa imaginária que atinge não só seu território, mas sua própria moral.

O espaço livre de edificações propicia os encontros das mulheres trans e de seus clientes que as pegam em seus carros importados e as descarregam tão logo saciam seus desejos recalcados e suas pulsões sexuais. Em seguida, saem correndo e cantando os pneus como o diabo foge da cruz. Ao mesmo tempo, os seguranças particulares e os moradores exercem uma perseguição obstinada aos corpos trans, orquestrando sobre elas o medo, a insegurança, a violência.

A comercialização da segurança destina-se ao suplício dos corpos trans; ao passo que a violência é o resultado da própria negação social que deforma aquele espaço projetado para habitação dos donos do poder. Ali, a prostituição das mulheres trans não é

vista como comercialização, mas como promiscuidade de um corpo sem vida e destituído de direitos.

Esse aparato de proteção é posto em ação por seus algozes - os moradores das grandes mansões que agem com requinte de cólera. Por meio da violência física e simbólica, anulam, ocultam e definham os corpos das mulheres trans. Além disso, práticas brutais com requinte de crueldade são executadas pelos seguranças, em nome de uma promiscuidade que, a qualquer custo, deve ser extirpada.

A violência praticada sobre os corpos é uma das formas de negar o corpo e transformá-lo em fonte de perigo. A finalidade é converter o suplício do corpo trans em uma segunda fonte de renda e valorizar o mercado imobiliário altamente valorizado.

Pensar nesse território marcado por corpos supliciados é perceber o quanto as dinâmicas de punição se repetem, mesmo que sejam para o controle perverso de um mercado que explora e expulsa esses corpos. Na exploração e na expulsão é que se explicita o sentido da ação de higienização, tal como a limpeza do ambiente, do local e do território, a qual denomino desinfecção de combate aos corpos insalubres. Insalubridade entendida aqui em sua acepção plena, como algo que mata aos poucos e é destituído de qualquer valorização ética ou moral.

As dinâmicas de punição e as ações dos moradores dos bairros nobres dialogam temporalmente com as práticas de líderes e poderosos que patrocinaaram o mercado escravista da África, da Europa e das Américas. Historiador especialista em tráfico transatlântico, Marcus Rediker (2011) sinaliza que na base da pirâmide havia um vasto e humilde proletariado. Centenas de milhares de marujos com calções cobertos de piche subiam e desciam apressadamente os degraus das enxácias do navio negreiro ao passo que milhões de escravos amontoavam-se no convés inferior em sua nudez. No topo da pirâmide jazia uma pequena, ativa e poderosa classe dominante composta por comerciantes, fazendeiros e líderes políticos, com assento cativo no Congresso continental americano e no Parlamento inglês.

Marcus Rediker denomina esse período da mercantilização escravista dos corpos negros “O grandioso drama do comércio humano”. Relevante destacar que por trás deste drama houve um orquestramento do corpo e do suplício com a finalidade de potencializar

e expandir o mercado nas Américas. Entre os personagens do drama havia piratas, soldados, pequenos comerciantes, assassinos e visionários

Os personagens descritos por Rediker revivem atualmente em outros corpos e cargos: policiais, moradores, funcionários domésticos das mansões, pedestres e curiosos que colocam os corpos trans na linha de processo de discriminação social, de práticas brutais e desumanas.

O sistema de punição tem conexões temporais. A operação de controle de vidas a serem ceifadas, aliada aos aspectos sociais, econômicos e raciais, tem a violência como principal vínculo que atravessa, transpassa e marca esses corpos. A conexão entre corpos trans e corpos negros escravizados, que será abordada mais adiante, se expressa no suplício e na aberração, no desvio. Ambos são destituídos de humanidade.

O poema *Navio Negreiro* de Castro Alves (1880) possibilita vislumbrar as formas e as práticas cruéis infligidas a esses corpos infectos que se espremem em imundos porões, como destaca o poeta.

(...)

IV

(...) em **sangue a se banhar.**

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às **tetas**

Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o **sangue** das mães:

Outras moças, mas **nuas e espantadas**,

No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...

Se o velho arqueja, se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!



No entanto o **capitão** manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão **puro** sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual um **sonho dantesco** as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?...
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são? Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa Musa,
 Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde vive em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão.
 Ontem simples, fortes, bravos.
 Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
 Como Agar o foi também.
 Que sedentas, alquebradas,
 De longe... bem longe vêm...
 Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
 N'alma — lágrimas e fel...
 Como Agar sofrendo tanto,
 Que nem o leite de pranto
 Têm que dar para Ismael.





Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus ...
 ... Adeus, ó choça do monte,
 ... Adeus, palmeiras da fonte!...
 ... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó.
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na cadeia,
 Mas o chagal sobre a areia
 Acha um **corpo** que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao **som do açoute...** Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...



Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... **chora**, e chora tanto
 Que o **pavilhão se lave no teu pranto!** ...



Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélagos profundo!
 Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Castro Alves (2015) (grifos nossos)

O poema de Castro Alves¹² sintetiza parte das dores de pessoas escravizadas. Tem como cenário o tráfico de escravos e a mercantilização entre o continente africano e o americano.

Os elementos poéticos sintetizados reproduzem imagens metafóricas em todos os sonetos. No entanto, as punições físicas, fisiológicas e psicológicas são determinantes para imaginarmos o nível da crueldade verbalizado contra corpos moldados pela tortura.

A estrutura do poema Navio Negreiro se constitui no corpo e no desmembramento das partes que compõem esta carcaça brutalizada ao apontar: ***boca preta, mulheres negras suspendendo as tetas, algemas nos braços, nudez do corpo das moças assustadas e homens negros como a noite horrendos.***

¹²Antônio Francisco de Castro Alves nasceu na vila de Curalinho, hoje cidade de Castro Alves, Bahia, em 14 de março de 1847. Filho de Antônio José Alves, médico e também professor e Clélia Brasília da Silva Castro.

Em 1854, sua família mudou-se para Salvador, pois seu pai foi convidado para lecionar na Faculdade de Medicina. Em 1858 ingressou no Ginásio Baiano onde foi colega de Rui Barbosa. Demonstrou vocação apaixonada e precoce pela poesia. Em 1859 perdeu sua mãe. Em 9 de setembro de 1860, com 13 anos, recitou sua primeira poesia em público, em uma festa na escola. Em 24 de janeiro de 1862, seu pai se casa com a viúva Maria Ramos Guimarães. No dia 25, o casal, o poeta e seu irmão José Antônio partem no vapor Oiapoque para a cidade do Recife, onde o jovem iria fazer os preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito.

Cada conjunto do corpo sintetizado por Castro Alves nada mais é do que a fragmentação das dores do escravo constituído na composição corpórea que o diferencia do dominador. O próprio capitão é a figura do homem branco que manda e manobra o navio por meio de sua “pureza” através do deslizante mar.

A composição do corpo negro configura-se, portanto, como algo desprimoroso, defeituoso, imperfeito, grosseiro, desajeitado, malfeito, exhibe uma marca corpórea de pavor e amedrontamento, algo próximo da animalidade.

No caso em tela, as protagonistas da dissertação são despersonalizadas nas ruas pela violência simbólica que as retiram do lugar de ser humano. Somam-se a este cenário as verbalizações que soam de todas as esquinas e cruzamentos da região que dão acesso às principais vias da cidade, principalmente nos entornos da Avenida Lineu de Paula Machado. Ali, seus algozes apontam “defeitos” para colocá-las na condição de homens tais como: “bonequinha de pau”, “sai daí João”, “traveção”, “demônios”.

Ao tratar da questão da exposição dos corpos trans no bairro, alguns moradores não identificados deram entrevistas para a estação rádio Jovem Pan. Trecho destacado:

Radialista: oito e quarenta e seis. Repita. Oito e quarenta e seis.

[...]

Morador Anônimo: eu resido no bairro da Cidade Jardim já faz mais de vinte anos e... o que tá acontecendo que nos últimos tempos é.. a prostituição tem se proliferado de maneira muito agressiva e desordenada, aonde, onde existe é... existe ponto de tráfico, é... briga de ponto de prostituição, é... e fora o dia seguinte em frente as nossas casas que ficam camisinhas no chão, papel higiênico sujo, é... eles defecam na rua, urinam... há muito atrás acontecia mais a noite, hoje está acontecendo a luz do dia, eles fazem sexo dentro do carro mesmo, e **ficam pelados com os membros pra fora se masturbando então é.. uma coisa muito constrangedora para nós né...**

[...]

A citação é apenas um dos trechos da entrevista. O discurso é de cunho tendencioso e sensacionalista, destaca a marca corpórea marginalizada e promíscua, considerada como aberrante. Esse discurso permeado pela cólera situa a nudez de um corpo que espanta, que causa terror. A alusão ao corpo trans desnudo citado pela moradora anônima, acrescentado ao fator masturbação e órgão genital, demonstra uma nítida e visível repugnância.

O *constrangimento* - palavra enfatizada como expressão pela moradora anônima das grandes mansões - demonstra como as acepções estão decodificadas aos corpos. Como veremos a seguir. Para Le Breton (2013) tal constrangimento é a evidência de um espanto em relação ao outro, senão sua incompreensão.

David Le Breton (1953) é um antropólogo pós-moderno sobre os estudos dos corpos. Investiga o tratamento social e cultural destinado à significação do corpo no mundo que o cerca. Tal tratamento destinado aos corpos expõe os valores que distinguem e as variações, sua definição e seus modos de existência apresentam na diversidade das sociedades¹³.

As verbalizações revelam o quanto a figuração corpórea estabelecida por uma cultura condiciona quem deve ser ocultado, supliciado, eliminado. No imaginário social, a composição do corpo trans configura-se como anomalia, monstruosidade, anormalidade, deformidade, desordem, desvio, extravio.

Le Breton destaca que em toda ação individual e coletiva, no cerne do simbolismo social, o corpo é um objeto de análise de grande alcance para uma melhor apreensão do presente. Tal apreensão possibilita uma melhor percepção e assimilação do passado, revela o quanto a marca corpórea sinaliza o inimigo a ser temido e, ao mesmo tempo, desejado. Sua análise antropológica do corpo revela perfis das formas de inserção social e cultural. O corpo e os sentidos são elementos primordiais na construção da relação com o mundo, da mesma forma que o simbólico atravessa o corpo e os sentidos.

1.1 Misofonia do corpo trans

Negar os sentidos implica ter repugnância do corpo. Só um corpo criminalizado não basta: é necessário discriminar os sentidos, atribuir significados imagéticos para aqueles que pretensamente escondem o mal.

¹³ Os estudos de David Le Breton e a antropologia é sobre a relação do corpo e poder, porém ele não segue uma linha foucaultiana, tampouco marxista. Se atento o antropólogo a exposição do corpo nas formas de dominação exercidas sobre determinadas pessoas como as pessoas com deficiência, as pessoas rotuladas como louca pela psiquiatria ou as mulheres no período dos anos 80 na luta pelo feminismo da sociedade francesa.

Castro Alves destaca os sons das ferramentas de punição que sensorialmente se reproduzem nos sentidos corpóreos: *ouvem-se dos gritos (...), o estalar do açoite (...), do tinir dos ferros, (...) do baque de um corpo ao mar*. Por meio da polifonia é que os corpos passam a existir sob o efeito das ferramentas utilizadas para a punição dos corpos: açoite, ferro e força. Le Breton crítica a máxima de René Descartes “Penso logo, existo”. Para o autor, a afirmação cartesiana omite a imersão sensorial do homem no âmago do mundo. Argumenta que a condição humana não é inteiramente espiritual, mas primordialmente corporal: “*Sinto, logo sou*”.

Na região do Jockey Club, a sonoridade se expressa por meio do movimento de carros particulares, buzinas e sirenes das viaturas da polícia militar. Este cenário sonoro é acompanhado das buzinas dos carros de seguranças particulares, geralmente policiais militares fora do seu horário de trabalho, que circulam entre as ruas das grandes mansões. Ouvem-se gritos, o estalar dos socos e tapas, o barulho do tiro e, constantemente, o baque de um corpo trans. O corpo travesti supliciado lançado da ponte; Natália foi um deles. Ela havia se recusado a sair de seu ponto a mando do policial conhecido como Paulino.

A expressão utilizada por Le Breton “*Sinto, logo sou*” volta-se para este corpo negro escravizado e os corpos trans que passam a subsistir por meio do suplício das ferramentas de punição. Isso nada mais é do que uma resposta de um corpo violentado que grita diante do silêncio ensurdecedor do mundo. Negar a existência do outro determina a incompatibilidade deste corpo no universo, uma vez que sem o corpo o universo não existiria. O corpo é a carne do mundo, sede de múltiplas representações e atributos.

Michel Serres (2001) refere-se ao corpo como parte de uma orquestra que se ergue como uma estátua de pele que vibra em alto e bom som. Ouvimos pela pele, pés, caixa craniana, abdômen, tórax, músculos, nervos, tendões. Serres evidencia que são múltiplas as variações do corpo. Enfrentamos barulhos, chamados, ondas, nos espaços; é neles que o organismo se ergue, se dobra, se amplia, se afoga em meio a repercussões e ressonâncias infinitas emitidas pelo corpo.

Serres ressalta os efeitos que as variações do corpo produzem e as marcas corpóreas são exemplo disso. A presença das mulheres trans no Jockey Club desenvolve uma misofonia em moradores, policiais e seguranças particulares. *Miso* vem do grego e

significa ódio; *fonía*, sonoridade. O corpo trans emite ondas de ódio que se explicita nas múltiplas formas de violência que lhe são infligidas.

Incontáveis conflitos com a polícia traduzem essa extrema condição de sofrimento. A lei busca arbitrar as incompatibilidades sociais, culturais e individuais fixando os limites de intensidades de viaturas ou restringindo a abertura de lugares ruidosos, proibindo a barulheira até certa hora da noite ou regulamentando o barulho das fábricas ou dos equipamentos coletivos (LE BRETON, 2018, p. 154).

Interessante como os diferentes sons e barulhos são determinantes para o controle dos corpos. Para Le Breton (2018) existem duas modalidades de pressão radical sobre os indivíduos ou grupos, sendo ambos usos políticos do som. O som é um instrumento de poder sob dois aspectos: tanto pelo confisco dos meios de propagar o monopólio da palavra como pelo assédio dos que não têm recursos de afastar-se dele.

A sensorialidade auditiva é um dos meios de propagação do controle utilizado como mecanismo de poder. O barulho da sirene da viatura da polícia militar na região do Jockey Club é a comunicação sonora de que a autoridade está chegando para manter o controle dos corpos trans, mantendo-as imóveis - o corpo é o meio de condicionamento das vias sensoriais das repetições sonoras estimuladas pela violência policial. Sendo o barulho a antecipação da dor, do medo e do pavor, resta apenas o silêncio para manter-se no espaço, porque o barulho já é o próprio corpo trans. Serres (2001) salienta que o corpo se posiciona e anda no espaço das mensagens, orienta-se no ruído e no sentido, entre ritmos e rumores.

O som que penetra com força a interioridade é às vezes carregado de poder, podendo inclusive mudar a relação do homem com o mundo. Apossar-se de sua emissão é uma garantia de redução dos outros ao silêncio (LE BRETON, 2018). Pensar o corpo trans como barulhento aos ouvidos de quem vê e aos olhos de quem ouve é uma das formas de negar a existência do outro. Negar o corpo do outro é reduzi-lo a um nível de desaparecimento e invisibilidade.

Para Le Breton:

A audição penetra para além do olhar, ela imprime um relevo aos contornos dos acontecimentos, povoa o mundo com uma soma inesgotável de presenças, habita e as existências defraudadas. Ela sinaliza o sussurro das coisas aí aonde nada seria decifrável outramente. Ela traduz a espessura sensível do mundo aí

aonde o olhar se satisfaz com a superfície a passou adiante sem desconfiar das vibrantes insinuações que a sua coloração simulava. O som, assim como odor, relewa o que está para além das aparências forçando as coisas a testemunharem suas presenças inacessíveis ao ouvido. (Breton, 2018, p.134).

O corpo trans exposto na Avenida Lineu de Paula Machado é considerado como uma afronta a moradores e seguranças particulares que orquestram ruídos para culpabilizar as mulheres travestis e transexuais por romperem a harmonia espacial.

[...]

Radialista: Famílias com crianças **relatam que é praticamente impossível transitar sem constrangimento, ou até mesmo receber visitas em casa.** O poder público precisa tirar as promessas do papel até porque **cobra altíssimo impostos** de quem reside na região do Jockey Club de São Paulo, nesta meia hora do seu jornal na manhã tenha o oferecimento de Novo Alívio cápsulas líquida a evolução do analgésico se persistir algum sintomas o médico deverá ser consultado.

Oito e vinte dois, repita Oito e vinte dois.

O constrangimento tornou-se uma pele, véu, tecido, roupa, vestido que só veste e modela os corpos trans. Os moradores do local não permitem que seus corpos normalizados se aproximem daqueles que habitam e se amontoam nas pistas em meio a barulhos e ruídos.

O barulho dos corpos trans ecoa no olhar binário, hegemônico, moralista descortina as sucessivas variações que um corpo pode concentrar e exibir. Serres (2001) destaca que a pele é uma variedade de contingência que toca o mundo e o corpo. O sentido configura-se no momento em que se sente o tecido. Contingência quer dizer tangência comum, na qual a sensibilidade se mantém alerta e aberta a todas as mensagens. Mais que olho, boca, orelha, a pele se converte em tangibilidade, sede de todas as variações.

1.2 Olhares marginais

Rádio Jovem Pan: Oito horas e dezoito minutos, repita oito horas e dezoito minutos.

[...]

Empresário Roberto: algumas **ações foram feitas, mas eles voltam não tem jeito nós não temos nada di...** contra homofobia, nós não somos homofóbicos nada (respiro), **mas o problema é que...** uma **promiscuidade que você não faz idéia, já presenciei [com ódio] EU ao vivo** um rapaz tendo relações sexuais com um travesti num orelhão ali no comecinho da Lopes de Azevedo e esquina com a **Lineu de Paula Machado**, isso sábado às sete horas da noite.

[...]

O relato do empresário demonstra o quanto a visão constrói uma narrativa legitimada nos corpos trans como devassos, depravados e libertinos. Destaca-se a via pública como um espaço de controle sobre aqueles que atravessam e que não habitam as mansões. Para condenar os corpos ali expostos, o empresário destaca que não é homofóbico, se eximindo de qualquer responsabilidade transfóbica, transformando as evidências relatadas em regimes absolutos de verdade. Para Le Breton, (2018, p. 51) “a visão só apreende uma versão do acontecimento, na qual o espaço é uma elaboração física e, ao mesmo tempo, social e cultural”. Isso leva, portanto, o olhar marginal. O corpo trans é marginalizado, condenado, controlado, ameaça cercada de promiscuidade e indignidade.

Desde os primórdios da cultura, a visão é uma ferramenta de controle para os dignos; o sentido se destaca no sagrado e no segredo para o controle do pecado. O sensorial sempre fez parte do aprisionamento do outro. A Bíblia Sagrada trata disso em algum de seus versículos:

Os olhos do Senhor estão em toda parte, observando atentamente os maus e os bons. (Provérbios 15:3)

[...]

Pois os olhos do Senhor estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aquelas que lhe dedicam totalmente o coração. Nisso você cometeu uma loucura. D

e agora em diante terá que enfrentar guerras. (Crônicas 16:9)

[...]

Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a que havemos de pensar de prestar contas. (Hebreus 4:13)

A promiscuidade ocupa lugar de destaque nos discursos dos moradores. A indignação está nos olhos do empresário, no incômodo de ver nas calçadas e encruzilhadas marcas corpóreas que não fazem parte daquele território, sobretudo das grandes mansões que concentram paletas feitas por pés de primavera que colorem suas residências. E, à noite, a cor vermelha do giroflex do carro de polícia que gira e pisca intermitentemente aumenta a visibilidade sensorial e fornece uma sensação de segurança à sociedade.

O olhar do humano não supre o controle dos corpos trans na região do Jockey, sendo necessária a utilização de equipamentos digitais e eletrônicos. Câmeras do sistema de segurança pública e privada ultrapassam a vigilância dos corpos trans. Câmeras são instaladas em lugares estratégicos com a finalidade de filmar ou printar as infrações de um corpo fragmentado no íntimo, de partes corporais sexualizadas (seios, pernas, bundas e genitálias). Estas imagens tornam-se provas nas mãos de algum empresário/ morador das práticas sexuais não assistidas “*ao vivo*” que sustentam seu discurso de indignação.

Para Le Breton, o visual é o mundo que se doa despreocupadamente, sem alteridade suficiente para suscitar o olhar, uma economia sensorial que libera a consciência de uma vigilância que a longo prazo pode tornar-se insuportável, transformando-se em mera rotina cotidiana. O controle do olhar digital é apenas a busca de imagens da promiscuidade até então verbalizada por seus algozes. O objetivo é retirar o tampão ocular daqueles que jamais presenciaram as mulheres trans com seus vestidos curtos, justos, de cores quentes, babados e estampas que emolduram um corpo-pele infrator e pecaminoso que se espalha pelas calçadas e encruzilhadas da região.

Convém destacar a descrição do radialista da estação de rádio Jovem Pan:

[...]

Radialista: Além da ruas Carpina e Sarabatana o cenário é visto na Manágua, Maracaíbo, Ilimani e todos os Santos, em praças como a Professor Cardin os **moradores atingidos pelos problemas com fluxo constantes de prostitutas e travestis pretendem criar uma associação**. Eles querem discutir com a prefeitura regional do Butantã e com o prefeito João Dória alternativas para o retorno da qualidade de vida na região ouvido pela jovem pan o prefeito regional do Butantã Paulo Vitor Sapienza **promete iluminação, câmeras, mudanças de áreas e fiscalizações**.

[...]

A verbalização do radialista torna-se um palanque, um discurso fiel, um projeto de política de segurança pública, diante das declarações dos olhares concentrados disponibilizados pelos moradores. Enumera as ruas com maior fluxo da presença dos corpos trans que labutam como profissionais do sexo, e, com muito cuidado, o radialista as retiram deste lugar, distanciando-as das prostitutas, no caso mulheres cis¹⁴. Aqui percebemos que o problema não é a prostituição, e sim os corpos trans aos olhos de quem as vigiam. Para Le Breton (2018, p. 107) “cada sociedade desenha as fronteiras do visível e do invisível, daquilo que convém ver ou desviar o olhar.”

Como se não bastassem as declarações, vídeos ou fotos sem qualquer evidência de criminalização, as mulheres trans ao chegarem no seu espaço de trabalho são surpreendidas com camisinhas abertas e pinos de cocaínas jogados no chão. As travestis e transexuais se deparam assim com um cenário nada convencional do seu dia a dia. A finalidade de todo este cenário orquestrado por policiais militares prestadores de serviço é culpabilizá-las e transformá-las em perigo a ser combatido pela força, agressão, delação, tortura. O corpo travesti e transexual é construído imaginariamente como fronteira, uma linha desenhada por moradores indignados, a ser criminalizado de todas as formas possíveis.

A noite chegava, a tarde se despedia. Desço na estação Butantã, assim identificada como linha amarela, e a percepção da cor me dava confirmação sensorial que meus olhos recebiam. Neste percurso lembrei-me da explosão de cores que nossos olhos recebem, descrevendo a visão como satisfatória no que tange aos outros sentidos, e o quanto as cores interferem nas relações sociais criando símbolos posicionando a visão a uma sensibilidade individual que se desenvolve na coletividade. Ao descer na estação para o primeiro trabalho de pesquisa etnográfica, sigo a Avenida Vital Brasil, sentido Avenida Lineu de Paula Machado, o que temos como referência o Jockey Club.

O olho que tudo vê me conduzia àquela extensa avenida sem margem, quase um mar sem fim. Meu andar era apressado e os meus olhos de ansiedade, nesta caminhada de 30 minutos meu olho depara-se com um corpo de prontidão que emitia uma marca

¹⁴ Cis - nomenclatura que advém da aceção cisgênero, na qual é a pessoa que se identifica com o seu gênero de nascimento (biológico).

corpórea no chão que a luz do poste refletia, era um corpo que trajava um vestido curto, quase embalado a vácuo que desenhava seu quadril avantajado pincelado com as pontas de seu grande cabelo loiro. Passei e dei boa noite, ela respondeu: noite.

Voltei e perguntei à mulher trans onde ficava a Praça Dr. João Adhemar de Almeida Prado. Ela responde: fica mais à frente. Não contente pergunto se ela conhecia a Erika ou Nicolý Scofany. Um olhar de desconfiança e um silêncio furioso foram suas respostas.

Continuei a andar para ir ao encontro de Erika e Nicolý que me abririam as portas das ruas. Dentre as quarenta mulheres que trabalham nas imediações tive o privilégio de conhecer dez e a oportunidade de ter seis delas como focos da pesquisa. O encontro com Érika ocorreu na praça, onde ela fica parada à espera de seus clientes na calçada, espaço de pouca iluminação por causa das grandes árvores que propiciam a intimidade clandestina.

Havia outras mulheres trans no mesmo espaço de Erika. Ela me apresentou a elas como advogado e “moço dos direitos humanos”. Após a apresentação, Erika me convida para darmos uma volta de carro na região, e ver as ruas de mão dupla que foram fechadas para que os clientes não tivessem acesso com tanta frequência e demanda como antes.

Depois de algumas voltas de carro, Erika estaciona o automóvel e inicia a limpeza de seus braços, mãos e colo com um bloco de lenço umedecido que retirou do porta luvas. Sentindo-se limpa, borrifa os punhos, a nuca e atrás das orelhas, minhas narinas recebem a exalação do perfume adocicado que combina com a doçura e a sua coragem.

Ao descer do carro, percebo que Nicolý acabara de chegar de vestido amarelo, cabelo longo, unhas de francesinha e uma boca que brilhava *gloss*. Ainda estacionando seu automóvel me cumprimenta e sai do carro nervosa para defender uma outra mulher trans novata na região (uma outra não aceitava a presença dela ali). A travesti que não queria autorizar o espaço aponta com os tons de seus dedos um corte vertical na barriga, enorme; enfatiza através da sua imagem corpórea suas experiências de sobrevivência e suas dores cicatrizadas em cada ponto. Dores, porém, abertas nas suas memórias de uma mulher trans ex-egressa, cortada na própria carne. E a imagem dos olhos de quem assistia era uma demonstração de defesa e de ameaça. Após a intervenção de Nicolý, as coisas se acalmaram e todas voltaram ao seu lugar.

1.3 Odores e visualidades

Antes de ver Erika, seu perfume chegou primeiro.

Os relatos de higiene das mulheres trans parecem um procedimento padrão. Dentro de suas bolsas e de seus carros armazenam perfumes, lenços umedecidos e sacolas para jogarem os papéis sujos e camisinhas utilizadas. Nestes momentos elas guardam/resguardam não só sua privacidade, mas também seus corpos, que são tocados no seu íntimo, no cheiro, ao cheirar-se.

Erika não era só uma imagem: exalava um odor que identificava sua marca corpórea. Pensar no odor é voltar-se para os múltiplos sentidos do corpo trans. A utilização dos sentidos é uma das ferramentas para difamar o corpo trans na região do Jockey Club, e o odor assume lugar de destaque no discurso dos moradores anônimos e da mídia:

Radialista: oito e quarenta e seis. Repita. Oito e quarenta e seis.

[...]

Polícia militar promete **efetivar ações na região do Jockey Club de São Paulo para combater tráfico de drogas e prostituição** vinte quatro horas por dia a jovem pan vem trazendo nos últimos dias o relato **desesperado dos moradores que não aguentam mais a insegurança e o constrangimento**. Prostitutas e **travestis** se concentram em ruas residenciais como Carpina, Sarabatana e Lopes de Azevedo próxima da Avenida Lineu de Paula Machado os moradores descrevem que são obrigados a conviver com **pessoas nuas, camisinhas usadas, necessidades fisiológicas feitas** na porta de suas casas.

[...]

Morador Anônimo: eu resido no bairro da Cidade Jardim já faz mais de vinte anos e... o que tá acontecendo que nos últimos tempos é.. a prostituição tem se proliferado de maneira muito agressiva e desordenada, aonde, onde existe é... existe ponto de tráfico, é... briga de ponto de prostituição, é... e fora o dia seguinte em frente as nossas **casas que ficam camisinhas no chão, papel higiênico sujo, é... eles defecam na rua, urinam...** há muito atrás acontecia mais a noite, hoje está acontecendo a luz do dia, eles fazem sexo dentro do carro mesmo, e ficam pelados com os membros pra fora se masturbando então é.. uma coisa muito constrangedora para nós né...

Ao transcrever os áudios percebo a ênfase dada ao constrangimento do corpo trans, somado aos sentidos olfativos. No trecho acima o radialista da Rádio Jovem Pan volta a construir as mulheres trans como pessoas de práticas ameaçadoras e perniciosas. Nos depoimentos dados ao radialista, fica claro que o espaço da prostituição deve ser reservado apenas a mulheres cis; mulheres trans são consideradas criminosas, traficantes de drogas. A fala do radialista corrobora a entrevista do morador anônimo. Criminalizam os corpos, reduzindo-os a meros objetos a serem usados e descartados.

Le Breton considera que o olfato pode representar uma forma de difamar. O olfato é um processo que enfatiza os maus cheiros. A limpeza expurga do corpo os excrementos, vigia e pune corpos para que a transgressão seja ocultada.

Na construção olfativa na hierarquização dos sentidos, Le Breton nos convida a observar a discrepância valorativa construída no corpo e na sua dominação por meio da cultura.

Para Le Breton:

O odor do outro é uma metáfora de sua alma, ele designa um valor social. O mau cheiro físico não é senão a consequência da convicção de seu mau cheiro moral, uma licença outorgada ao desprezo. A suputação do mau odor do outro, de sua proximidade simbólica com o animal autoriza prevalecer-se de um argumento para justificar a rejeição; ela tem a vantagem de interinar situações de desigualdade social ao mostrar a necessidade de manter o outro à distância, fora das interações sociais ordinárias (2018, p. 362).

O morador anônimo enfatiza a presença dos corpos trans como *alastramento* e *desordem* de marcas corpóreas negadas destinadas ao tráfico, à prostituição, ao sexo e à nudez. Somente o constrangimento do corpo não basta ao olhar do morador, é necessário que seus sensores nasais discriminem o odor como requisito para a formalização de um atentado ao pudor; do papel higiênico sujo, das camisinhas usadas, urinas e excrementos direcionando para constituição do corpo trans é como personificar esse corpo por meio do olfato para defini-lo como indigno.

Na região pesquisada o marca texto-moral é rabiscado nos corpos trans e nos espaços onde transitam, relegando-as ao desprezo. Sendo este mau odor calculado e orquestrado na região por policiais que prestam serviço, que jogam dejetos para que o odor impregne as mulheres trans, para prejudicar o trabalho ou a aproximação de algum

cliente. Não contentes, espalham nas calçadas fezes e urinas antes da chegada das mulheres no seu ponto de trabalho, executando por meio da distribuição de odores um dos processos de exclusão para retirá-las do território.

O corpo é o meio e os sentidos são o âmago atribuído aos corpos trans simbolizados na diferença. Serres (2013) ressalta o perigo do corpo como meio. O meio segrega, separa e discrimina, estigmatiza e gera violência. Serres defende a mistura dos corpos, mistura esta que integra, incorpora e acrescenta.

As sensibilidades olfativas rondam os corpos trans na região do Jockey Club. Seguranças e policiais que prestam serviços aos moradores ficam como cães do período colonial que serviam de ferramentas para capturar negros fujões escravizados sempre de prontidão para farejar a localização dos corpos. O odor das mulheres trans estimula a violência diante da cobrança dos moradores aos seus prestadores de serviços.

Considerar a escravização do cheiro como parâmetro de estigmatização aos corpos trans é uma forma de constranger o outro no mau odor. A captura é um símbolo de uma construção racista na posição e do odor do negro. Le Breton (2018, p. 354) argumenta que o racismo frequentemente sustentou seu ódio ou um sentimento de inferioridade biológica de sua vítima pela evocação convencional de seu odor fétido. Enquanto o sentimento de inferioridade baseado no odor da mulher travesti e transexual ultrapassa o cheiro emanado de seu corpo-pele, a transfobia odoriza o podre e a violência simbólica se incumbe do resto. Travestis e transexuais passam a ser consideradas como corpos abjetos a serem eliminados e subjugados pelas múltiplas formas de controle utilizadas pelo poder.

A discriminação dos sentidos aos corpos na região do Jockey Club é uma das formas perversas de anular a marca corpórea transexual e travesti. Este processo discriminatório é uma das faces que dinamiza a violência simbólica e física dirigida aos corpos. Destacar os sentidos como audição, visão e odor são formas de apresentar o "outro", sem chegar, ou impedindo que se chegue ao tátil.

1.4 Determinismos transcorpóreos

O ser humano vive de sensorialidades diferentes segundo seu lugar de existência, sua educação, sua história de vida. Sua pertença cultural e social marca sua relação do sensível com o mundo. Toda cultura implica uma certa confusão dos sentidos, uma maneira matizada de sentir o mundo pelo estilo pessoal de cada indivíduo. De longa data nossas sociedades ocidentais valorizam a audição e a visão de uma superioridade que vai se impondo no mundo contemporâneo. (Breton, 2018, p. 34)

Os sentidos citados em tela por Le Breton são característicos da valorização dada pela hegemonia ocidental: são imposições eurocêtricas que reverberam na construção social e cultural de outros países fora da Europa, situados nos continentes americano e africano. Le Breton considera que sentidos - visão, audição e olfato - são características determinantes para desprestigiar o "outro".

Difamar os sentidos tem sido uma das ferramentas para identificar os corpos trans ao impuro. Todo esse movimento praticado pelos policiais tem por finalidade paralisar a comercialização dos corpos trans, movimento este motivado pelo investimento dos moradores que sustenta e expõe as faces cruéis da violência. Tal fenômeno não é apenas econômico, mas também jurídico, social, psíquico, um complexo processo social de criminalização.

A legitimidade das dinâmicas da criminalização aos corpos trans na região do Jockey Club só existe porque o corpo travesti e transexual está na posição de subsistente. Este corpo subsistente nada mais é do que um corpo filtrado que sustenta as estruturas e os privilégios do existente: os moradores e os policiais. Para Le Breton, (2018, p. 14) a filtragem corpórea é definida pela sociedade por meio de uma peneiração, resultando daí a seletividade entre o mundo e as significações e valores atribuídos ao corpo.

O mundo de significações e de valores despejados no âmago dos corpos trans é a estigmatização que molda o corpo travesti e transexual; é a marca corpórea que despreza a visualização da representação feminina. Por isso são insultadas verbalmente por policiais, que passam a chamá-las de *João*, *cara de macho*, *musculosa*, sua estrutura física é considerada como aberração, inumana. Não são consideradas nem homem e nem mulher dentro do determinismo biológico que rege as relações entre os sexos.

Oyèrónké Oyewùmí (2018) faz um estudo sobre a visualização do corpo e sua hierarquização social por meio da cultura ocidental. Estabelece um contraponto entre as teorias ocidentais e a teoria africana tomando como ponto de partida a visualização do corpo no discurso de gênero Yorubá. A autora destaca que a hierarquização da cultura Yorubá no período colonial estava centrada exclusivamente na escravidão e nas formas de governabilidade estabelecidas pela dominação dos corpos. Na cultura Yorubá as relações estão baseadas no conhecimento ancestral, no papel dos mais velhos como detentores da sabedoria.

A cultura Yorubá não utilizava o corpo como paradigma social de classificação de indivíduos. Por outro lado, na hegemonia ocidental a visualização aos corpos alcançou outras culturas e condicionou estas marcas corpóreas ao determinismo biológico e à visibilidade da estrutura corporal.

Oyewùmí salienta que a abordagem realizada não é necessariamente voltada para a questão da mulher. Para ela, *mulher* é uma categoria derivada das questões ocidentais, que sustenta a subalternidade em todas as suas dimensões. Refere-se ao pensamento ocidental como derivado da universalidade da razão e da racionalidade instrumental que atinge corpos e mentes.

A partir dessa razão ocidental, Mbembe (2019) tece sua crítica à hegemonia da razão, que exclui qualquer possibilidade de os negros serem seres racionais. Mbembe argumenta que o pensamento ocidental foi estruturado em torno de uma suposta *pureza* do homem branco, único detentor do pensamento crítico. A partir das questões raciais de africanos no período da mercantilização dos negros, Mbembe acusa o apagamento e negação do corpo-cor e sua destituição como um corpo-sujeito dotado de racionalidade. Para Mbembe, esse apagamento valeu-se do ódio por meio do terror: um *alterocídio*, acepção que se desenvolve na alteridade, pautado na morte ou no processo de violência destinado ao corpo. No *alterocídio*, o *Outro* não é constituído como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou simplesmente destruir, uma vez que não se conseguiu assegurar o seu controle total (2018, p. 16).

O raciocínio corpóreo argumentado por Oyewùmí denota uma marca corporal que revela o registro de um corpo fixado no imaginário social que atravessa outros corpos

destinados à distinção. A marca corpórea é uma das modalidades de negar a existência do outro, sendo a corporeidade um demarcador social que acusa e incrimina todo e qualquer indivíduo fadado à estigmatização nesta marca, sobretudo nas características que definem esta marca corpórea como risco e ameaça.

A marca corpórea negra estigmatizada no histórico da escravidão colonial/pós-colonial no Brasil como um corpo ameaçador condiciona o tratamento do negro na atualidade. Vidros de carros se fecham no trânsito, shoppings acionam seguranças, batidas policiais são algumas das rotinas de grandes cidades que estigmatizam os negros, transformando-os em objetos de ódios e preconceitos de toda ordem.

A imagem do negro é marcada e instituída por uma cultura racista que reflete no tratamento diferente do outro. Em seus relatos nas memórias das plantações, Kilomba (2019) ressalta que a construção da negritude como *Outro* é baseada na inferioridade e nas formas relacionais construídas pelo mundo branco ocidental.

Em *O devir negro no mundo*, Mbembe (2018) analisa as acepções negro e raça como sinônimos construídos pelo imaginário das sociedades europeias. Esta construção teve a finalidade de autodeterminação e de enclausuramento na condição do negro configurado na animalidade e edificado na coisificação do corpo, para expropriá-lo e demarcá-lo como propriedade do outro, considerado seu proprietário.

A justificativa do *Outro* por meio de inferioridade justifica humilhações, ofensas, castigos. Mbembe aprofunda uma discussão tanto real como fictícia sobre as relações que expressam, e o papel que desempenham no movimento histórico com as pessoas de origem africana ao ponto de transformá-las em coisa, objeto, mercadoria. Ao negro, resta apenas um corpo fantasmático, que estimula um conjunto de sensações e, ao mesmo tempo, serve de justificações para atroz discriminações. Mais do que ninguém, Frantz Fanon soube expressar essa condição abjeta.

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que **me descubro objeto** em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo **meu corpo** subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. (2008, p. 103)

A emoção corpórea definida por Fanon é atribuída aos sentidos. Foi por meio de gestos, olhares e atitudes que ele se desestabilizou diante das ofensas atribuídas a um corpo considerado estranho, não convencional. Fanon argumenta que existe o momento de ser para outro, que a inferioridade do negro passa pelo crivo do *Outro*; que ele havia racionalizado o mundo e o mundo o tinha rejeitado pelo preconceito de cor. Este *Outro* nada mais do que mero símbolo da inferioridade, uma marca corpórea definida a partir das identidades dominantes do Ocidente.

Por outro lado, o corpo trans é identificado como um ser abjeto e desprezível. Este é o preconceito despejado aos corpos trans. Deste modo, a cultura machista e transfóbica se constitui da inferiorização do corpo travesti e transexual e é sedimentado na violência. Identificam o corpo e a marca corpórea trans como elementos de alto risco. Nos depoimentos dos moradores da região, a proliferação da insegurança é atribuída à promiscuidade de variados corpos expostos nas calçadas e ruas. As qualificações que demarcam a presença do corpo trans como assaltantes, violentas, traficantes, perversas - ou mesmo a expulsão deste corpo do banheiro feminino - instituem este corpo ao aprazamento. A discriminação é o elemento constitutivo que acelera o processo de criminalização social e que perpassa os corpos e as protagonistas da pesquisa em sua estrutura física. Torna-se a marca corpórea trans: um *outro corpo*, que transita nos domínios da negação social.

Ao destacar a visualização do corpo, Oyewùmé (2018) tece críticas sobre a teoria ocidental e a determinação corporal no seio social e cultural alicerçada na visão. O olhar é enfatizado como ferramenta de seletividade e a construção deste raciocínio corporal é um subterfúgio da visão hegemônica ocidental do mundo. Para Oyewùmé, o termo correto seria *Sentido de Mundo* e não *Visão de Mundo*. Tais sentidos incluem conceitos de outras culturas e não apenas categorias forjadas pelo pensamento ocidental. Para a autora, a concepção de sociedade se constitui pelo corpo: corpos masculinos, corpos femininos, corpos judeus, corpos arianos, corpos negros e corpos brancos.

Ao classificar os corpos por categorias, a autora aponta o corpo primeiramente como metáfora do aspecto biológico e em seguida destaca o aspecto cultural ocidental da estrutura física corpórea constituída na “pureza”. Nos dois momentos, Oyemùmí atribui sua análise ao corpo físico, discorrendo sobre a percepção eurocêntrica da constituição e da destituição dos corpos. Ela destaca a destituição voltada para a “ausência do corpo”

estabelecida na diferença: são os “incorporados”. Os incorporados simbolizam a desconsideração de um corpo; são uma negação corpórea marcada na exclusão e na subalternidade. Argumenta que a ausência do corpo rotulado pela cultura ocidental estrutura-se por meio de gênero, raça e etnia. Estes fatores se tornaram parâmetros para o outro ser apenas um corpo, e não ser “outro” como reconhecimento de existência do sujeito.

Desvalidar a travesti e a transexual é negar sua marca corpórea. Este corpo trans fica marcado pelo poder e pelas dinâmicas de punição, aliado aos discursos que não se limitam apenas à questão do órgão genital, mas ao corpo todo. Vigias por seguranças “policiais particulares” que controlam seus passos na região do Jockey Club, a estrutura corporal trans é constituída como anormal. Louro (2020) considera que as características dos corpos são mediadas pela cultura que distingue sujeitos e explicita as marcas do poder. A prática para distinção do corpo refere-se, portanto, à marca dos corpos. A dominação se faz pelo olhar do outro que desqualifica os corpos sexuais. Esta argumentação se conecta à teoria *queer* que problematiza se há de fato a marcação de corpos para a hierarquização social. Os questionamentos apontados por Louro (2020) baseiam-se na crítica ao determinismo social que coloca os corpos nas posições de objetos, validada na diferenciação que classifica os corpos a partir da padronização verbalizada pela cultura dominante.

A negação da marca corpórea trans é necessária para o controle sexual a ponto de justificar a violência? As travestis e transexuais do Jockey Club diriam que sim, uma vez que seus corpos são os lócus da violência regulados pela segurança privada e pública. Nas relações de poder entre os corpos negros e os corpos trans, o corpo-cor ficou estigmatizado como um corpo-objeto instituído na herança da escravidão, enquanto a mulher travesti e transexual foram aprazadas ao “abjeto”. São seres que têm seus corpos lidos, percebidos e vigiados, não para tornar visível a normalidade apreendida pela sociedade, mas pelo contrário, para relegar a marca corpórea trans ao oculto. De que invisibilidade estamos falando?

Os corpos travestis e transexuais ultrapassam a invisibilidade ao serem consideradas aberrações? A invisibilidade que devemos nos ater é a posição do corpo travesti e transexual passível e visível para prática da violência. Este instrumento corpóreo é então destinado ao suplício, basta constatar os dados alarmantes sobre violência policial.

Ao mesmo tempo, as travestis e transexuais carecem de um olhar que as considere cidadãs.

Toni Morrison (2020) tece a relação entre o corpo escravizado e o corpo negro. Para a literária, a distinção entre o corpo escravizado e o corpo negro funda-se nas origens da escravidão - que não é necessariamente racista. Ela identifica que o racismo não nasceu da escravidão: foi a escravidão que utilizou o corpo-cor como parâmetro de dominação. Ela explica que a venda de pessoas é um comércio antigo e afirma que a servidão é o crivo da exploração. Ela destaca que a escravidão no continente americano não foi peculiar; ela se deu com a criação do negro como inimigo e o corpo-cor como paradigma para distinção social.

Nesta dissertação, correlaciono o corpo negro escravizado (ou não) aos corpos trans e suas marcas corpóreas, anexadas à cognitividade social estruturada nas instituições, sobretudo nas formas punitivas para o suplício dos corpos e sua negação. O corpo travesti e transexual é visto sob o aspecto do gênero, da binaridade de um corpo-pele que não está adequado para a representação de um corpo feminino. Ele se assenta no fenótipo corpóreo que já foi considerado pela ciência como transgressão e anormalidade. A medicina, a psiquiatria e a psicologia já retrataram esses corpos como resultado de doenças patológicas, justificando assim a desconsideração de uma marca corpórea.

Louro (2020) ressalta que a demarcação social a partir da binaridade hierarquizada masculinidade/feminilidade considera a mulher altamente perigosa expressa na sexualidade. Instruídas pela ciência, as relações de poder são paramentadas em regras e punições e legitimadas por outras categorias disciplinares tais como a igreja, a moral e a lei.

Morrison destaca que a relação entre o corpo negro escravizado e o corpo negro formalmente reconhecido como cidadão ainda se encontra estigmatizada pela escravidão. Isto resulta na demonização ou no suplício dos corpos - marcados e codificados - por um parâmetro de segregação. Sendo assim, a discriminação sustenta o racismo e as práticas punitivas. Sublinhamos que a cor da pele não tem como esconder; foi um corpo-cor que serviu de instrumento da escravidão. Para Morrison (2020, p. 88) a ciência e a estética foram pautadas porritérios iluministas, relegando o corpo negro ao desprezo. Este corpo-

cor tornou-se sinônimo de gente pobre, de criminalidade, de inflamações e protestos políticos.

Os corpos travestis e transexuais são lançados à sua própria sorte e se prestam a equivocadas interpretações. Permanecem indecifráveis, são estruturas corpóreas não compreensíveis, tampouco aceitáveis, destituídos socialmente, estigmatizados pela pobreza, promiscuidade e criminalização por uma política pública essencialmente branca e heteronormativa. O corpo trans do Jockey Club não é só estrutura de pele esticada, cujas marcas mergulham na invisibilidade social. É também corpo estranho, transformado por processos de transição, que pode ser possuído por quem quer que seja. Sua ilicitude é patente nas imediações do Jockey, local da pesquisa.

A memória de um corpo e suas marcas construídas na demarcação de poder são elementos essenciais para entendermos determinadas épocas, espaços, territórios e pertencimentos. Algumas memórias armazenadas apenas no banco de dados do dominador fazem com o que os fatos se deformem ou estejam submersos no mar do esquecimento. Dado que a única coisa que se encontra ancorada é a oralidade, isso nos possibilita imaginar, questionar e, sobretudo, resgatar fragmentos de memória. Memória construída em um exercício de montar peças ainda desencaixadas por meio dos rastros de períodos brutais. Brutalidade que se repete cotidianamente de outras formas, em outros corpos, mas com as mesmas dinâmicas.

1.5 Corpos transatlânticos

Antes de qualquer constituição de expropriação dos corpos transatlânticos escravizados ao serem desembarcados no continente sul-americano, como pensar a construção da sexualidade e a objetificação do corpo escravizado, consubstanciado na figura da monstruosidade dos corpos negros cativos em relação aos corpos trans abjetos?

Omise' eke Natasha Tinsley (2018) faz uma análise da obra de Paul Gilroy, *Atlântico Negro*, publicada em 1993. O autor denomina Atlântico Negro o deslocamento dos corpos negros e de suas identidades. Além da narrativa diaspórica negra de perda, exílio e viagens, Tinsley expande o conceito à modernidade no contexto da diáspora

africana, os corpos negros escravizados concentrados no porão do navio não ficavam apenas amontoados para serem recebidos como mercadoria na América.

O que intriga a autora é que Paul Gilroy nada disse sobre os relacionamentos *queer* forjados em navios mercantis e piratas, onde europeus e africanos dormiam com marinheiros – inclusive pessoas do mesmo sexo. Estas relações silenciosas e racionalizadas como “estranhas” (*queer*) aconteciam nos porões dos navios negreiros. Por isso, Tinsley afirma que o Atlântico não é só negro: o Atlântico foi *queer*.

O que significa a palavra *queer*¹⁵? *Queer* vem do inglês que serve de adjetivo ou verbo para se referenciar ao sujeito anormal; anormalidade esta direcionada precisamente para as questões de gênero, sexo e desejo sexual. Louro corrobora que *queer* pode ser tudo aquilo que é “estranho, raro, esquisito” e destaca que o *queer* desestabiliza e desarranja, denota um sujeito de sexualidade de conduta desviante, o excêntrico que não deseja ser “integrado ou tolerado”.

Louro acrescenta que *queer* pode ser também um jeito de pensar e de ser que não aspira, que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Para Butler (2002, p. 58), “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos”. Esta citação centra-se em seus estudos que expõem o gênero e o sexo como performance, engendrados nas modalidades de discursos autoritários e conservadores para o controle dos corpos considerados estranhos.

Tinsley começou a compreender o *Atlântico Negro* quando estava estudando as relações entre mulheres no Suriname. A denominação de Atlântico *Queer* surgiu no momento em que conheceu a palavra “*mati*”, que etimologicamente é uma palavra que as mulheres crioulas usam para seus amantes femininos. Figurativamente, “*mi*” é “minha

¹⁵ Os estudos *queer* surgiram na década de 80 nos Estados Unidos, na qual movimentos sexuais e dissidência de gênero contra os discursos e as proibições dos movimentos conservadores, sobretudo contra o governo norte americano. A construção da acepção *queer* aparece em vários momentos, e uma das suas constituições analiticamente observada pelo sociólogo Ricardo Miskolci (2012), se constitui na eclosão da descoberta da Aids nos Estados Unidos na década de 80. Vírus destinado aos corpos gays e lésbicos - e como parâmetro a sexualidade, sexo e o desejo sexual para discriminação e da estigmatização dos sujeitos LGBTQ+1 ressignificando nestes corpos de uma nova anomalia. Vale lembrar que *queer* é um xingamento, é um palavrão em inglês. Em português, dá a impressão de algo inteiramente respeitável, mas é importante compreender que realmente é um palavrão, um xingamento, uma injúria. A ideia por trás do *Queer Nation* era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o *queer*, como reação e re-sistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids. (2012, pp. 23-24).

garota” que literalmente significa companheira, como companheira de navio que sobreviveu à Passagem do Meio. Os matis eram originalmente companheiros de navio, aqueles que sobreviveram à viagem para fora da África e, juntos, vivenciaram os traumas da escravização e do transporte.

Tinsley ressalta que em diferentes partes da diáspora a relação entre as pessoas veio por meio do Novo Mundo. No mesmo navio coabitavam uma peculiaridade de experiências: o malungo brasileiro, o malongue trinitário, o “batimento haitiano e os surinameses “sippi” e “mati” são todos exemplos desse vínculo especial, não biológico, entre duas pessoas do mesmo sexo.

Tinsley (2008) enfatiza que as relações eróticas não são metáforas nem fontes desautorização. O mati e o malungo eram provavelmente conexões sexuais, outros não, mesmo sendo um contato sexual íntimo entre africanos e escravizados. No entanto, a autora compreende as relações no Atlântico como relações *queer*.

As metáforas construídas por Tinsley podem nos conduzir ao erro como uma amorosidade nas relações *queer*. Muito embora no Atlântico de Tinsley não há relações de vontade bilateral, mas de dominação e submissão, o que existe de fato é a violência subtraída dos corpos negros, que não são apenas corpo-produto, mas depósito de prazeres e de dor. Tinsley coloca a questão *queer* não no sentido figurativo da identidade amorosa gay, mas sim na práxis da resistência para a sobrevivência. Trata-se da sobrevivência daqueles que se submetiam à violência sexual cujas histórias, em algum momento, serão resgatadas do fundo do oceano.

“ Durante a Passagem do Meio, como nos dizem as crônicas coloniais, a tradição oral e os estudos antropológicos, mulheres africanas cativas criaram laços eróticos com outra mulheres nos porões segregados por sexo, e homens africanos cativos criaram laços com outros homens. Ao fazer isso, eles resistiram à mercantilização de seus corpos comprados e vendidos pelo sentimento e sentimento de seus co-ocupantes nesses navios”. (Tinsley, 2018, p. 192, tradução)

A interpretação das relações *queer* nos navios negreiros que destacamos aqui coloca o corpo cativo como símbolo do desejo e do suplício, que por meio de seus códigos fixam vocábulos de sobrevivência. A prática sexual adquire uma forma de oscilação temporal entre o subsistir ou desistir. Tinsley afirma que o oceano obscurece todas as

origens: nem o navio e nem o Atlântico podem ser o lugar para reivindicar o navio negro como originário do Atlântico negro *queer*.

As mulheres trans na região do Jockey Club fazem parte desses desejos e das repulsas transformadas em suplícios. A práxis da resistência está na exposição de seus corpos que permanecem nas ruas para sua sobrevivência e sustento, que ao mesmo tempo resistem contra a violência simbólica e física. Esses enfrentamentos não ficam apenas na permanência, mas também em ações de denúncias por telefone ao próprio Departamento de Polícia ou por meio de boletins de ocorrência ao serem importunadas pelas seguranças particulares. Pensar no Atlântico *Queer* de Tinsley é conectar estes corpos trans aos matis e malungos do corpo negro que ligam de ponta a ponta o desejo e o suplício de pessoas consideradas como aberrações.

A condição do controle de pessoas negras escravizadas no Atlântico *Queer* se aproxima dos corpos trans desta pesquisa etnográfica. Tinsley alega que o ato sexual obrigatório era uma forma desses corpos se manterem vivos. Aqui, situo as mulheres travestis e transexuais na região do Jockey Club nessa posição no controle, edificadas nas mesmas estruturas de punição, com dinâmicas que se assemelham em suas experiências nas ruas que utilizam o sexo como moeda de troca entre os policiais militares para permanecerem nas calçadas trabalhando, na maioria das vezes dentro dos camburões ou em qualquer esquina. No Jockey Club, o mesmo cliente que as procuram por sexo são os mesmo que financiam a violência, inclusive, por vezes os clientes são os próprios residentes das mansões e os policiais que fazem a segurança, ou seja, seus violadores diretos.

Dois policiais identificados como Paulino e Teodoro que executam o gerenciamento da segurança e contratados diretos dos moradores tiveram relações sexuais com as mulheres trans da região, embora a satisfação de seus desejos sexuais passou a ser uma prática de perseguição. Algumas mulheres trans que se relacionaram com eles passaram a rejeitá-los ao perceber que se tratava mais uma estratégia de dominação do espaço.

Os policiais, ao serem rejeitados, passaram a intensificar as perseguições para além das vias da Avenida Lineu de Paula Machado. Eles não só passaram a impedir as travestis e transexuais de entrar no carro dos clientes, mas também as seguiam e

utilizavam o carro de segurança como instrumento para fechar/barrar o trajeto até o motel. Esta perseguição - cuja finalidade é assustar, mas que também pode causar um acidente ou colisão - vai além do território de trabalho, e o corpo trans torna-se assim uma representação itinerante da ilicitude corpórea. A expressão "além" é para não dar margem ao contraditório, de possibilitar o entendimento de uma não-aceitação da violência, sobretudo do controle ostensivo dos corpos trans. Até mesmo porque aproximação física orientada para as práticas sexuais acontecem antes do ato violento.

As protagonistas da pesquisa têm suas especificidades e potencialidades, somadas às suas histórias de vida e suas estratégias para se manterem vivas. Multiplicando-se nas vias, resistem com seus vestidos curtos, minissaias, batons, brincos, colares, perfumes e cabelos impecáveis que não cedem às provocações. Todas, sabem que são elementos visíveis da violência que as rodeiam orquestrada por um plano de higienização. São corpos determinados/ marcados para práticas sexuais e de agressões, sejam físicas ou simbólicas.

A determinação das mulheres transexuais e travestis de se manterem no território não é só de resistência, mas é também uma das formas de romper com os discursos e práticas de ódio idealizados pelos moradores. No caso, este rompimento gera uma outra ruptura: a da violência potencializada por uma ordem que tem por objetivo normatizar/sistematizar corpos-peles considerados desviantes.

A permanência dos corpos travestis e transexuais na região pesquisada é uma das formas de obstruir as fissuras da normalidade. Pensar no enfrentamento das mulheres trans é um processo de reconsiderá-las como sujeitos de direito (o reconhecimento como minorias) e desfiar as amarras do patriarcado que permanece sob o discurso da demonização do desejo, da sexualidade e gênero. Para Miskolsci, (2018) romper com as estruturas de ordem institucional no que tange ao sexo, gênero e sexualidade é modificar direitos. Isto causa amedrontamento na sociedade autoritária que criou uma modalidade única de cidadania. Em seus estudos *queer*, Miskolsci enfatiza que países descendentes do processo colonial e da escravidão como o Brasil se constroem sobre o medo de que as pessoas alcancem a igualdade.

O pensamento do autor só nos confirma o quanto as práticas coloniais e pós-coloniais foram adensadas aos corpos negros na escravidão e que reverberam ainda no

corpo da travesti e da transexual. Corpo matizado no desejo, sexualidade e gênero, três pilares que são a centralidade da estrutura corpórea como identificadores da diferença. Trata-se de uma condição construída na seletividade moldada pelo homem branco de classe alta e, geralmente, cristã. Assim, esses corpos trans envolvem necessariamente questões históricas e raciais. Trazer como paradigma o *Atlântico queer* para refletirmos o desejo e a repulsa sob o pensamento de Richard Miskolci (2013) aos corpos das mulheres trans é pensar esses corpos como espaço de controle e submissão dos desejos incontroláveis. Aqui destaco “*Corpo Fechado: The Devil’s Work*”, documentário do prestigiado artista plástico colombiano Carlos Mota. A película retrata o poder da igreja sobre os corpos escravizados, estigmatizando a sodomia¹⁶ e a bruxaria. Abaixo as imagens um tanto representativas falam por si só, do desejo ao suplício.



Figura 14- Imagem do documentário “*Corpo fechado: The Devil’s Work*” (2018) do artista plástico Carlos Motta. <https://vimeo.com/286416640> acessado em: 19/08/2019

¹⁶ Sodomia está associado à cidade Bíblica de Sodoma, onde aconteciam as orgias, os pecados e os frenesim, sendo a cidade destruída com fogo do céu.



Figura 15 - Imagem do documentário “Corpo fechado: The Devil’s Work” (2018) do artista plástico Carlos Motta. <https://vimeo.com/286416640> acessado em: 19/08/2019

O personagem do documentário é José Francisco Pereira, um homem, negro sequestrado na África Ocidental no século 18 e vendido como escravo no Brasil. Ele foi julgado por feitiçaria e sodomia confessou ter praticado sexo com dois demônios em forma de homens brancos, altivos, bonitos e educados que o seduziram para tal prática. O vídeo documental se entrelaça aos documentos judiciais. Destaca José Pereira:

Tínhamos mantidos **relações sexuais no vaso traseiro**, eu ejaculei, sangrei, frequentemente me sentia fraco e ferido, sabemos que sodomitas estão proibidos de olhar para o futuro, pois nele a cada segundo se abre um portal estreito através do qual Deus pode entrar, fazer sexo com o Diabo, era um pacto contra a crueldade do seu dogma. Os demônios desafiam o controle de Deus (12:15)¹⁷.

O relato de Pereira é a mais pura discrepância dos fatos, dos castigos que ainda estava por vir, das tormentas entre o pecado e a santidade, que ao mesmo tempo leva-o para a fantasia entre o céu e o inferno. O vaso traseiro citado era uma palavra-crivo para entender que se tratava de sodomia, expressão muito utilizada por teólogos e canônicos católicos. A linguagem foi criada pela própria inquisição (TREVISAN, 2018). Trevisan (2018, p. 111) salienta que os inquisidores empregavam os atos de sodomia de outra

¹⁷ Carlos Motta - Corpo Fechado: The Devil’s Work (2018) <https://vimeo.com/286416640>

maneira como: coito anal de “tocamento desonesto”, “tocamento torpe”, “pecado nefando”, “trabalho nefando” ou simplesmente “nefando”.

O documentário evidencia os marcadores da época como migração, raça, sexualidade, lei e crença aos corpos indesejáveis e as formas cruéis de controle sobre a sodomia, não bastando criminalizar à luz do direito canônico, era necessário açoiar o corpo do negro escravizado de pele nua e crua em praça pública, apresentando-lhe a vergonha e a barbárie por meio do suplício. Os demônios são apresentados em corpos-padrões de homens brancos e de traços finos, restando a cobertura da integridade e a vestimenta da moralidade. Por mais que cito o corpo negro escravizado acusado de sodomia, o indígena enquanto corpo-terra foi inúmeras vezes perseguido e levado à morte pelo crime de sodomia. Em “Corpo Fechado” Pereira encarna um anjo, relatando as violências sofridas e trazendo indagações sobre as condenações do passado, e o quanto elas reverberam no futuro. A encarnação do anjo constitui-se no texto de Walter Benjamim (1940) “*Sobre o conceito da história*” onde o autor situa o materialismo histórico como teia estrutural da sócio historiografia para entender o passado, com finalidade de receber o presente de forma mais crítica.

Aqui se faz necessário apresentar a primeira travesti do Brasil (1591) residia na Bahia, ainda colônia de Portugal. Ela era negra de origem congoleza do continente africano e era conhecida socialmente como Xica Manicongo. Os estudos minuciosos sobre a primeira travesti são de documentos inquisitoriais dos arquivos da Torre do Tombo em Lisboa feitos por Luiz Mott (1990) “*Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico (Séculos XVI-XIX)*”. Os arquivos revelam uma mulher trans de personalidade forte que enfrentava os costumes e as leis se transvestindo de roupas femininas e adereços. Ela sofreu acusações e perseguições por sodomia. Necessário destacar que as perseguições sofridas por Xica não se tratavam de um desejo ao sexo oposto, mas de um corpo e mente que se construía no feminino. Coube a ela ter que se desfazer das suas vestes enquanto mulher trans para não sofrer as punições do código penal que equiparava ao crime de sodomia a vestimenta de traje do sexo oposto socialmente.

As pessoas consideradas sodomitas eram punidas severamente pela inquisição da igreja e rotuladas como transgressoras, de corpos tendenciosos e inaceitáveis socialmente. A igreja colonial tem um papel central no processo de criminalização estruturada em suas práticas religiosas repulsivas. Em “*Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no*

embate colonial”, Anne McClintock (2010) sintetiza o quanto a religião faz parte da “fantochização” dos corpos forjado na domesticidade, evidenciando o travestismo como símbolo do fetiche e da sexualização engendrada na cultura imperial. “Povos colonizados eram vistos como desviantes *sexuais*, enquanto os desviantes de gênero eram vistos como desviantes *raciais*” (2010, p. 272). A autora tem como cenário a sociedade vitoriana da Grã-Bretanha e a luta pelo poder na África do Sul. A escrita se mistura nas poesias, fotografias e crônicas de forma criativa. As críticas direcionam as opressões cruzadas entre gênero, raça, sexualidade e classe que não existem separadamente - ainda mais por se tratar da expansão imperial e do colonialismo do território instituídos na política de violência.

Neste sentido, McClintock revela o quanto os corpos moldados pela cultura patriarcal foram nocivos para o desenvolvimento de países no processo colonial. Trata-se da instituição *pater* família patriarcal, denominada por ela como reinvenção do patriarcado devido ao impacto do colonialismo na estrutura familiar. Isso resultou em uma patologia, que McClintock chama de regeneração da família do homem branco europeu na figura de colonizador em sintonia com o patriarcado. A autora inicia seu livro explicando o *best-seller* de Henry Rider Haggard, “*As minas do rei Salomão*”, através de um mapa que foi desenhado em formato de um corpo de uma mulher que levaria três ingleses brancos às minas de diamante de Kukuanaaland no sul da África.

A autora explica que a transmissão do poder masculino branco se deu através do controle das mulheres colonizadas, em decorrência de uma nova ordem global de conhecimento cultural. Neste sentido, Oyèrónke Oyewùmí (2020) explicita que gênero e raça são categorias que surgiram no período de colonização europeia tendo como eixos principais a exploração e classificação de pessoas por grupos. Vejo a metáfora do mapa utilizada por McClintock como um paradigma para pensarmos o corpo da mulher enquanto território de exploração, extraído pela cultura patriarcal. O sociólogo e psicanalista Jackson César Buonocore (2016) vislumbra a cultura patriarcal como um corpo humano que não é um ambiente neutro, mas um complexo de manifestações e de

mutações. Ele diz também que algumas religiões buscam controlar o corpo na sociedade de acordo com seus interesses morais, sociais e econômicos¹⁸.

Metaforicamente, vislumbro a cultura patriarcal como um corpo representado no preconceito, e é dentro deste corpo que a sociedade se encontra e é atingida conforme as manifestações e mutações. Ali, atores sociais se submetem por necessidade a verbalizações impostas, fundadas na moralidade, religião, economia e política, elementos constitutivos e basilares para o controle de uma sociedade patriarcal e servem para instituir e manter seus interesses. Ocorre que esta busca pelo controle da sociedade é intitulada no sentido de *domínio*, essência etimológica da palavra patriarcal (*pater*= pai e *archos*= domínio).

Quando me refiro à palavra “corpo da cultura patriarcal”, faço uma analogia com a anatomia humana, que naturalmente se desenvolve como um organismo vivo por meio das células, elemento essencial que estrutura e edifica-se em sua espinha dorsal. Logo, este corpo bem alimentado e saudável, se for fortalecido por necessidades fisiológicas, se manterá sempre firme. Foi o que ocorreu com a cultura patriarcal no Brasil: ela se desenvolveu, se alimentou e se estruturou, e permanece como um organismo vivo na sociedade brasileira.

Silvio Almeida em “*Racismo Estrutural*” (2019) sintetiza que as estruturas institucionais se ancoram em uma relação da normalidade da violência, consubstanciada na economia, na política e na subjetividade. Para o autor, são os três elementos constitutivos que compõem a estrutura institucional. Para Hamilton (1992), a noção de racismo institucional é a prática do sistema de colonização que recai em outras categorias identitárias. Neste sentido, Jesse Souza (2017) diz que as estruturas institucionais estão aparelhadas na desigualdade e na violência, resultado de uma pós-colonização instituída na escravidão.

Coloco aqui a minha desobediência teórica e metodológica para pensar a metáfora que venho discorrendo sobre o corpo e suas sequelas. Diante do adoecimento social, o

¹⁸ BUONOCORE, Jackson César. A cultura Patriarcal e a Homossexualidade. *Psicológica do Brasil*. (2016) <http://www.psicologiasdobrasil.com.br/a-cultura-patriarcal-e-a-homossexualidade/> material acessado em: 15/05/2019.

corpo estruturado na cultura patriarcal sentirá dores advindas das sequelas. Todavia, as sequelas do câncer e da punição estão representadas igualmente na incapacidade das relações sociais e familiares, bem como na inserção laboral e na frequente desestabilização do emocional potencializando o medo da punição do corpo já sensorial: a mutilação e a violência.

Com as metáforas aqui utilizadas tivemos a possibilidade de comparar a discriminação com um câncer, enfatizando que existem os resultados e as sequelas, orquestradas por um opressor que não aceita a manifestação e a alteridade de atores que compõe uma categoria estigmatizada pelo gênero, classe, raça ou sexualidade. Logo, as sequelas do câncer, assim como as da discriminação, deixam como resultado as dores da punição.

Diante das analogias aqui apresentadas compreendemos a discriminação social como motivador do punitivismo. Além do racismo que serve de estrutura para manter vivo o corpo da cultura patriarcal, equiparo a misoginia e a transfobia, dialeticamente as células cancerígenas e malignas que se manifestam dentro do corpo através de suas mutações, logo adoentando de forma lenta ou gradual toda uma sociedade pertencente a este corpo. Sociedade está estruturada no preconceito e geneticamente enraizada na discriminação.

1.6 Delito do corpo

Sara: A Sara como pessoa, como ser humano é, tem, Esperança sim muita Esperança, mas ao mesmo tempo que eu vejo os dados as expectativas de vida a violência contra a mulher trans. Eu vejo que é bem limitado, a gente vive em contagem regressiva. E tem um... e tem uma data limite para isso hoje em dia né, eu perdi várias amigas por conta de violência ou até mesmo por conta da doença ...ih... Mas assim, um exemplo se for de mulheres uma morte natural o restante foram todas de violências então porque comigo vai ser diferente, é isso que o sistema me apresenta (...)

O corpo trans enquanto delituoso não é só merecedor da violência simbólica e física, mas também sofre a estigmatização do HIV¹⁹, tornando-se para a sociedade conservadora mais uma forma patológica de discriminação e de desvalorização. Embora as protagonistas da pesquisa não sejam portadoras do vírus, trazem em seus discursos a plena consciência de que as mortes das mulheres trans ocorrem também por causa do HIV.

Poderia ter colocado o subtítulo como corpo de delito, que é um procedimento da medicina legal para comprovar a violência sofrida contra terceiros. Contudo, as práticas de violência despejadas aos corpos das mulheres trans mostram o contrário, bem como os dados que mantêm o Brasil no 1º lugar do ranking. Somos o país que mais violenta e mata mulheres travestis e transexuais, e a expectativa de vida das mulheres trans é de apenas 35 anos de idade (ANTRA, 2020).

Agatha: Já, já fui agredida por dois, já me jogaram no chão, me jogaram pedra aqui ô, porque eles falaram que eu joguei pedra no carro deles, mesma coisa por a gente tá ali trabalhando, a gente pega nossa roupa, se troca e vai embora pra casa, aí ele ficam jogando o carro em cima da gente, jogando luz, aquela luz mais forte que ele tem, fica ameaçando a gente, discuti com eles, discuti assim verbalmente, ele veio e me atingiu com uma pedra.

A protagonista da pesquisa nos relata acima as formas de suplício que sofreu no Jockey Club. Adriana, Nicolý, Sara, Agatha, Erika e Ana Flávia sofreram com algum tipo de violência física ou simbólicas de policiais militares, desde gás de pimenta no rosto a bombas para dispersá-las dos seus pontos de prostituição. Erika foi atingida friamente com um tiro de festim nas nádegas, marcando na sua pele hematomas dos socos e empurrões. Embora Erika teve o direito de fazer o exame do corpo de delito, seu direito se esvaiu quando o exame desapareceu dentro da própria corporação da polícia. O inquérito foi arquivado por falta de provas, e Erika não pôde dar continuidade a uma ação penal ou mesmo a uma queixa-crime. Não foi diferente para Adriana:

¹⁹ De acordo com o boletim epidemiológico anual sobre HIV/Aids elaborado pela pasta, dos 41.919 novos casos de HIV registrados ano passado, 53,8% concentram-se entre homens homossexuais e bissexuais, diante de 30,3% entre heterossexuais e 1,3% de usuários de drogas injetáveis (UDI). Entre as mulheres, 86,8% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual, e 1,2%, na de UDI. De 2007 a junho deste ano, aponta o documento, foram notificados no Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) 342.459 casos de infecção pelo HIV no Brasil, dos quais 44,4% (152.029 casos), na região Sudeste, 20% (68.385) na região Sul, 19% (65.106) na região Nordeste, 9% (30.943). <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hivaids-2020> - acessado em 10/01/2021.

Adriana: (..) os outros locais em relação a delegacia e tudo você vai e você vê o interesse deles de querer fazer queixa, você vê o desinteresse deles da corporação que irá abafar o caso essa é a realidade não vai além da delegacia da corporação em si você chama eu chamei várias vezes a viatura passou 3 viaturas na vida do Jockey daquela noite e nada ninguém parou entendeu? Várias vezes eu liguei ninguém apareceu tá tudo bem, passou nada aconteceu de manhã no outro dia nada aconteceu na delegacia nada aconteceu (..)

As experiências de Erika e Adriana demonstram uma insatisfação com o sistema de justiça brasileiro, sobretudo no primeiro atendimento pós violência. Segundo os dados do Instituto Sou da Paz²⁰, a cada 10 inquéritos realizados no sistema de justiça brasileiro, 6 são arquivados por falta de provas correspondendo a (63%), ou quando não são separados por menor título penal. Todas elas experimentaram a inércia do poder público de justiça e a morosidade do primeiro atendimento em uma delegacia de polícia. Além de serem cortejadas por olhares sarcásticos e sorrisinhos entre os dentes.

Neste sentido, o corpo dessas mulheres torna-se o próprio delito a partir do momento que é atacado pela violência nas ruas iniciada pelas mãos dos agentes do Estado e que termina legitimamente com o desaparecimento das provas do corpo lesionado. O que sobra é um corpo delituoso. Pensar o corpo como delituoso é lembrar os estudos antropológicos forenses no período colonial, nos quais os negros e negras escravizados serviam de modelos. Seus corpos eram submetidos à exposição em nome da ciência, suas fisionomias, anatomias frenologia foram determinantes para transformá-los em seres perniciosos. A antropologia criminal era baseada no darwinismo social e nas teorias raciais. Não bastasse isso, eram comparados aos macacos de forma pejorativa para associá-los ao animalesco. Estaria o corpo da mulher trans paramentado no darwinismo social? Nicolý descreve a marginalização e os estereótipos:

Nicolý: Fiquei trabalhando na rua durante 16 anos, com esses 16 anos graças a Deus nunca me ocorreu de nada de clientes vim querer me bater deixar de mim pagar nada disso aconteceu comigo, mas pelo outro lado é... ao invés de a polícia militar defender a gente eles apontava a gente ameaçava a gente se queria cobrar da gente e várias vezes já passou policiais é num ponto onde eu trabalhava me xingando de Macaca e pedindo para eu sair do local que ia dar a volta porque você me encontrasse no mesmo local iria me matar, já tive vários confrontos policiais e na região onde eu trabalhava em

²⁰ Instituto Sou da Paz - Diagnostico dos inquéritos policiais de homicídios na cidade de São Paulo (2019) [file:///C:/Users/Paulo%20Ramos/Desktop/Inqueritos Policiais Homicidios Sao Paulo.pdf](file:///C:/Users/Paulo%20Ramos/Desktop/Inqueritos%20Policiais%20Homicidios%20Sao%20Paulo.pdf) . Acessado em 23/03/2020.

São Paulo na avenida muito conhecida que se chama Jockey Club de São Paulo

Com a normatização da punição no Brasil, nasce o código criminal (1830) antes da própria constituição do país. O código se sustentava na punição moderada de escravos considerados delinquentes ou rebeldes contra os ditames da sociedade imperial que demonizava a feitiçaria e a sodomia baseando-se nos valores canônicos e da justiça colonial. Neste sentido, Perdigão Malheiros (1866-1867) analisou as punições e a escravização dos indígenas e dos africanos marcados pela promiscuidade e pela desordem. O ensaio histórico sociojurídico de Malheiros direciona a crítica ao direito romano no tocante às atrocidades, bem como na expropriação dos corpos considerados como propriedade para torná-los inumanos.

Segundo Campello (2018), o sistema jurídico brasileiro estruturou-se nas dinâmicas imperiais e coloniais que reverberam até hoje na sociedade. Para o autor, a escravidão foi um alicerce para o levante jurídico da sociedade brasileira. Neste entendimento, a jurista Dina Alves em *“Réis Negras Judiciário Branco”* (2015) argumenta que o Direito Penal brasileiro surge do poder que organiza as relações sociais e fundamenta-se por uma ideologia racista, patriarcal, homofóbica e classista.

As dinâmicas continuam a permear os corpos considerados diferentes deslocando-as para a estigmatização e a criminalização, e a pessoa travesti e transexual é destinada ao tratamento diferenciado de um *modus operandi* dos atores que compõem o sistema punitivo brasileiro. Por exemplo, o policial chama Nicolý de macaca. Enquanto mulher trans negra, atinge diretamente a sua trajetória: ela não sofre apenas por ser trans, mas também por ser preta. Para a filósofa Magô Tonhon (2019), “o racismo, assim como a transfobia, são filhos dos mesmos pais, categorias de opressão constituintes de um projeto colonial”. Neste sentido, Erika, Nicolý, Sara e Ana Flávia se declaram mulheres negras na pesquisa trazendo em seus discursos a soma das categorias raça, gênero, sexualidade, classe e território como potencializadores da opressão e da discriminação. O discurso de Sara e Nicolý nos mostra isso:

Sara: então é....isso é bem interessante que você está falando até porque a gente sabe o crime de gênero né tá se enquadrando no de racismo a gente sabe que 90% das mulheres trans são de periferia negras então assim. Para

discutir gênero a gente vai discutir não tem como, não tem como é isso que eu penso. E a raça não é só você ser preta é você está preto não é? Porque se você está dentro de uma comunidade você está preto você não tem as mesmas oportunidades não daqui do Morumbi eu vou daqui. Né? É o que eu penso então tem mais esse requisito para nossa trajetória, para nossa bagagem.

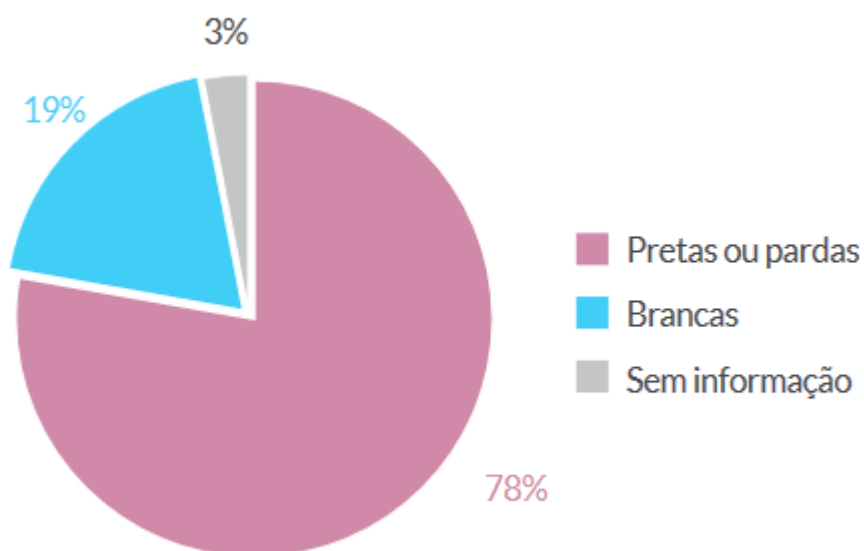
[...]

Nicolly: (...) não estou falando aí porque eu além de eu sofrer eu sou duas vezes mais por ser transexual e por ser uma transexual preta e da periferia, porque eu moro fui nascido e criado na periferia né, a segunda maior comunidade de São Paulo.

Carla Akotirene (2019) denomina de Interseccionalidade a soma das categorias como forma de opressão de um corpo múltiplo. Este corpo unifica as opressões por meio das categorias interseccionais de gênero, raça, sexualidade e classe. O conceito de Interseccionalidade desenvolvido pela estadunidense Kimberly Creshaw em seus estudos sobre a crítica do direito permite entender melhor as desigualdades e as opressões sobre determinados grupos. Para Akotirene (2019, p.14), “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. Em “*A Dívida Impagável* (2019) Ferreira denota que os mecanismos coloniais de expropriação consubstanciada nas operações de poder/controla aos corpos racializados, que ora se atenta as questões gênero, ora a sexualidade, sinalizadores da diferença físicas legitimada nas práticas institucionais de justiça.

Necessário salientar que não quero criar uma hierarquia de opressões. Contudo, é necessário nos atermos à caracterização das vítimas que é de extrema importância uma vez que todas sofrem com a transfobia. Nesse sentido, a raça/cor é um dos elementos elucidados na pesquisa. O Relatório da Violência contra LGBTQ (2013) evidencia que os negros sofrem mais violência totalizando 39,9% das vítimas, seguidos por brancos (27,5%) e amarelos e indígenas (0,6%). No gráfico abaixo, a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2020) aponta exclusivamente a porcentagem das mulheres trans que sofreram violência:

Gráfico: Perfil das vítimas por raça



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

Fonte: *O Dossiê de Assassinatos e Violência contra as Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020.*

O Dossiê da Associação de Travestis e Transexuais no Brasil aponta que as pessoas trans têm 9 vezes mais chances de serem violentadas fisicamente ou assassinadas do que uma pessoa cisgênera. A violência reverbera mais nos corpos-peles nas mulheres trans negras que formam a maior parte dos índices de evasão escolar. Isso se reflete nas oportunidades baixíssimas no mercado formal de trabalho e explica por que a maioria delas recorre à prostituição como fonte de renda. Nicolý nos confirma estas estatísticas em seu relato enquanto mulher trans e negra:

Nicolý: (...) ih... na escola todo mundo já via me xingava de bichinha tinha aqueles bullying né? Aí viadinho, bichinha e assim foi. Aí na minha adolescência com 14, 15 anos eu comecei a deixar fazer a minha transição deixar o meu cabelo crescer, tomar hormônios né? Foi aonde eu me identifiquei uma transexual, morava com a minha mãe estudava conforme passar muito preconceito e bullying na escola eu acabei brigando com o professor e sair da escola, ou seja, eu não conclui meu ensino médio.

O relato contado por Nicolý se alinha as lembranças de Erika e Sara: as três protagonistas negras da pesquisa tiveram que romper com os estudos devido às perseguições e à discriminação sofrida nas escolas. Elas tiveram que lidar com os apontamentos, expulsões e conflitos com os professores e colegas que normalmente

resultavam em uma batida policial, quando eram levadas para justificar sua própria violência e comportamento e não a dos outros que haviam lhes importunado. Elas sempre ocupavam lugar de causadoras da desordem.

A discriminação é um dos fatores determinantes no que concerne a identidade das mulheres trans segundo os dados do Dossiê ANTRA (2020). 94,8% da população trans afirma sofrido algum tipo de violência em decorrência da discriminação. O Relatório da Violência LGBTQ (2013) é dividido por subtipos. A orientação sexual abrange 76,37% das entrevistadas, seguido da identidade de gênero (15,21%). O conceito de discriminação é muito amplo e serve para denominar o núcleo ou coletivo que não se enquadra na identidade imposta por uma sociedade que não aceita a diversidade e a multiplicidade. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o substantivo discriminação representa:

ato ou efeito de discriminar 1. Faculdade de discriminar, distinguir, discernimento 2. ação ou efeito de separar, segregar, pôr à parte 3. tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, intolerância, preconceito 4. ato que quebra o princípio da igualdade, como distinção, exclusão, restrição, ou preferências motivados por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso, ou convicção de políticas (2009, p.693).

O historiador e pesquisador Leandro Karnal (2015) expõe o sentido da discriminação como a transformação do preconceito. Ele ressalta que palavra discriminação está contida com fluidez à expressão xenofobia, homofobia e todas as palavras usadas para conceituar comportamentos do indivíduo que não aceita as diferenças. Aqui cabe a transfobia, que é uma prática de violência e discriminação contra as pessoas trans. Para Mott (2006), a homofobia, assim como a transfobia não se trata apenas de um crime comum, mas especificamente de um crime de ódio motivado por uma ideologia dominante da sociedade.

O Relatório de Violência Homofóbica (2013) define a transfobia da seguinte forma:

Neste relatório entende-se homofobia como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. A lesbofobia, a transfobia e a bifobia serão compreendidos pela homofobia, para melhor fluência no texto (2013, p.5).

A transfobia/homofobia estampam as capas dos noticiários como uma violência permitida e gratuita:

Advogado em Minas é acusado de espancar e chamar mulher trans de 'traveco de merda'

O caso está sendo investigado pela Polícia Civil de Minas e já foi apresentado ao Tribunal de Ética e Disciplina da OAB-MG

Polícia investiga agressões a travestis na região do Jockey, em SP

Por **Estação** - 20 de novembro de 2017

F FOLHA DE S.PAULO >

Annotations

Erika Hilton é surpreendida por 'garçom reaçã' em gabinete e pede proteção da GCM

NONE JANUARY 27, 2021

ponte

Início » Notícias » Geral »

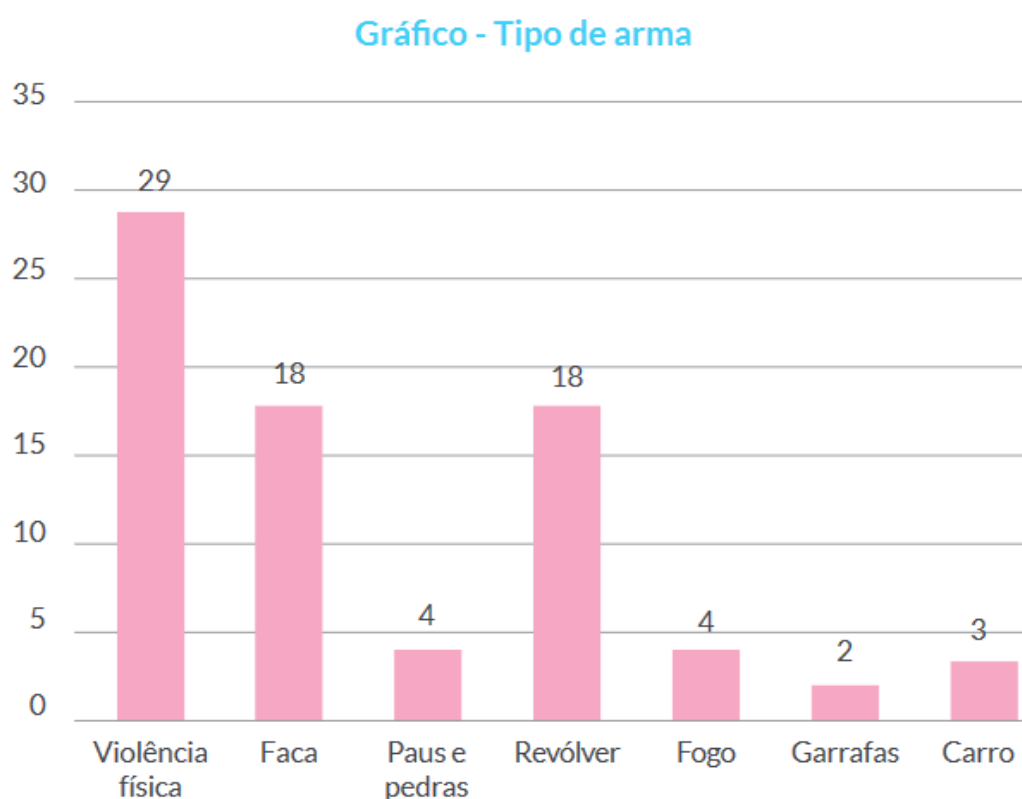
Jornalista trans e negra é agredida por PM na zona leste de SP

29/02/20 por Caê Vasconcelos

Fontes: são de diferentes jornais como: Jornal de Brasília, Jornal Estação, Folha de São Paulo e Ponte.

Os noticiários que pesquisei sobre mulheres trans sempre estão ligados à violência. Elas são estampadas como criminosas, assaltantes ou as criadoras do desconforto de determinados bairros. No entanto, as mulheres transexuais e travestis também são professoras, advogadas, cabeleireiras, arquitetas, maquiadoras, jornalistas, deputadas, vereadoras e prostitutas. Grande parte delas tiveram que se prostituir para

sobreviver, sendo que 90% se prostituem para obter sua primeira renda ou para complementar a renda segundo os dados do ANTRA (2020). Por mais que estejam em lugares laborais que não lhes eram antes permitidos, por mais que algumas delas tenham seus corpos institucionalizados nos cargos políticos, ainda são corpos-peles motivo de negação, ameaça e de discriminação. As vias públicas são os lugares onde as mulheres trans são mais violentadas, sobretudo em ruas vazias com pouca iluminação e de noite. Essa violência se inicia fisicamente, sendo um caminho para a morte segundo os dados do Observatório Trans (2020):



Fonte: Sayonara Nogueira/Observatório Trans

Fonte: O Dossiê de Assassinatos e Violência contra as Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020.

Dessa maneira, a violência foi se instalando no Jockey Club diretamente nos corpos das mulheres trans que se prostituem. Para muitos, a violência dos corpos só é considerada uma violência quando se há o evento morte, naturalizando a violência física a simbólica com um mero castigo. Essa violência que se instala no Jockey Club direcionado aos corpos trans. A região é uma zona de disputa entre as mulheres trans e os

moradores juntos dos policiais militares e seguranças particulares, que segundo as protagonistas da pesquisa os policiais venderam a segurança como produto, amparados na soberania do Estado há quem eles representam. O dizer de Sara apresenta muito isso:

Sara: é uma perseguição na verdade por que assim, eles trabalham com arma do Estado, arma que eles ficam apontando pra gente, pra cliente, fora do horário do serviço deles fazendo bico sabe? Tratando a gente como se fosse se fosse criminosos, ih... isso tá sendo muito constrangedor, vai ter um dia que vai sair uma merda aqui, vai um dia de eu ficar muita louca, e meter a mão na cara de um deles, ou eles meter a mão na nossa cara, porque ele provocam que nem no sábado eles me chamaram de pau no cú, arrombado e de um monte de coisa.

Aqui temos apresentação dos sujeitos que agem com a prerrogativa da soberania do Estado. “Em defesa da sociedade”, Michel Foucault (2018) sintetiza as teorias jurídicas e os saberes científicos concentrados no poder e na soberania. A dominação é o enfoque do Estado que usa dinâmicas de conquista de territórios para o controle da sociedade. Para Foucault, “a soberania é o ciclo do sujeito ao sujeito, o ciclo do poder dos poderes, o ciclo da legitimidade e da lei” (2018, p.38). O autor destaca que o poder é um conjunto que se dá de forma horizontal ou vertical, no qual estão estabelecidos na multiplicidade de poderes que funciona a partir de uma unidade embasada na teoria da soberania.

A multiplicidade dos poderes para Foucault está representado em “*Microfísica do poder*” (1998). Para ele, a governabilidade, a soberania e a disciplina são as três palavras-chaves do controle das instituições e estão diluídas nas práticas sociais que se transformam em poder atravessando os corpos dos indivíduos. Na obra “*Vigiar e Punir*” (1999), a microfísica do poder atua no funcionamento das múltiplas instituições e nos corpos que fazem parte delas com sua materialidade e força nas estruturas como escolas, presídios, igrejas, delegacias etc. Esta dinâmica é mais visível nas instituições de justiça e no corpo-poder: perito, delegado, polícia, psicólogo e psiquiatra. Para Foucault:

Sob a suavidade ampliada dos castigos, podemos então verificar um deslocamento de seu ponto de aplicação; e através desse deslocamento, todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime da verdade e uma quantidade de papéis até então inéditos no exercício da justiça criminal. Um saber, técnicas, discursos “científicos” se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir (1999, p. 26).

A amplificação da punição da justiça criminal é suavizada no mal atendimento das delegacias e fóruns, bem como na redação decisiva de alguns juízes que atenuam um

crime. A tortura cometida por alguns agentes públicos que por satisfação ou por favorecimento sistêmico e de domínio, acaba sendo enquadrada como um mero crime de maus tratos, por exemplo. Dessa forma, é necessário vislumbrar que as decisões acabam influenciando na naturalização da prática do poder de punir.

Michel Foucault (1999) afirma que os dispositivos disciplinares produzem penalidades na norma e se apoiam no sistema de justiça. A entrevista do Major Marcelo Tasso a rádio Jovem Pan revela a política de controle no Jockey Club:

Radialista: Além das ruas Carpina e Sarabatana o cenário é visto na Manágua, Maracaíbo, Ilimani e todos os Santos, em praças como a Professor Cardin o major Marcelo Tasso da polícia militar pede aos moradores que procurem a delegacia e registrem as ocorrências para autorizar a ação da PM.

Major Marcelo Tasso: os moradores que se sintam violentados com essa prática compareçam à delegacia de polícia e registrem esse interesse de prosseguir com uma ação penal, por que só a ação da polícia, ela é uma ação que acaba reprimindo (ou repelindo) então nos colocamos uma viatura, a viatura faz o patrulhamento naquele momento, as pessoas saem daquela região, quando a viatura sai vira as costas, as pessoas retornam para aquela região, auxiliamos deste sentido denunciando os locais de tráfico de drogas, denunciando as pessoas que fazem a utilização nesta droga, seja a placa do veículo ou característica física dessas pessoas, nós estamos aqui para servi-los vinte e quatro horas por dia e 365 dias ou hora. (rádio jovem pan)

Na entrevista, o Major apresenta todos os instrumentos de controle e de vigilância que autorizam a penalização das mulheres trans, seja com a ostensividade por parte da sua corporação ou pela via judicial. Ele agrava a situação ao incluir as mulheres trans no tráfico de drogas da região. Esta é mais uma das formas de estigmatizá-las para normalizar a criminalização desses corpos. Neste sentido, Foucault (1999, p. 207) afirma que “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes as instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza”.

Neste sentido, o controle espacial no Jockey Club é constituído pela dominação entre sujeitos e assujeitados. Os logradouros que dão acesso a ruas fechadas com minijardins ou alguma intervenção de arte, guaritas e muitas câmeras de vigilância distribuídas entre as esquinas são formas de controle espacial. Além das ameaças, a violência física e simbólica gestando a transfobia. Em número de punições, o Estado de São Paulo é de longe o lugar que mais violenta e mata mulheres trans, de acordo com a tabela (ANTRA, 2020):

Tabela: Ranking por estado

Ranking	Estado	2020	Estado	2019	Estado	2018	Estado	2017
1°	SP	29	SP	21	RJ	16	MG	20
2°	CE	22	CE	11	BA	15	BA	17
3°	BA	19	BA	8	SP	14	CE	16
4°	MG	17	PE	8	CE	13	SP	16
5°	RJ	10	RJ	7	PA	10	RJ	14
6°	AL	8	PR	7	MG	9	PE	13
7°	PE	7	RS	7	MT	8	PB	10
8°	RN	7	GO	6	PR	8	PR	9

Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

Fonte: *O Dossiê de Assassinatos e Violência contra as Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020*.

Dados que reflete nas falas de Sara:

Sara: É isso que eu tenho pra mim é como eu falei lá no começo eu vivo uma contagem regressiva tô com 33 anos. E quem me dirá que vou passar dos 35 (...)

A contagem regressiva de Sara é moldada no pessimismo desenvolvido em suas experiências marcadas pela violência e negação que rondam o seu/seus corpos-peles e se internalizam em suas mentes. As protagonistas da pesquisa não fazem parte da espacialidade do Jockey, a não ser como mercadoria do sexo ou para o suplício da carne. Todo o aparato de controle na região tem por finalidade estabelecer a ordem na relação entre a cidade e os corpos.

Teresa Caldeira (2000) em “Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo” destaca o segregamento da metrópole paulistana que se constrói no espacial e se organiza como espaço urbano para diferenciação e de separação. Trata-se de uma segregação consubstanciada nas regras culturais e históricas. A vida pública indica como os grupos sociais se relacionam e a maneira como as políticas públicas de segurança se organizam, distinguindo sua atuação nos bairros de classe alta e nas periferias. A autora

destaca o investimento da segurança privada nos bairros de poder aquisitivo alto que reflete os índices de violência de uma classe alta e média consumista. Esta classe aplica a política de controle ostensivamente nos mais pobres e aos indesejados para mantê-los distantes de suas vidas sociais. Para a autora, esta é uma forma de tornar os pobres e indesejados vítimas das novas fórmulas de vigilância, na qual a difusão da segurança privada potencializa a discriminação. Teresa Caldeira afirma que parte da vigilância privada é desenvolvida por policiais militares efetivos em suas corporações. Ela destaca:

O Estado deve ser capaz de controlar a arena em que empresas ilegais de segurança privada fundem-se com esquadrões da morte e justiceiros e com as ações ilegais da própria polícia. O controle desse mercado ilegal não pode ser separado do controle dos abusos da força policial, em si uma tarefa difícil. Isso indica o quão difícil será controlar um setor que prefere ser deixado de lado para servir à elite, que sabe como se organizar para defender suas próprias regras, dinâmicas e lucros, e que no terreno clandestino é capaz de desfrutar do apoio de uma parte significativa da população para as suas ações de vingança privada (2000, p. 204).

Foi o que aconteceu no Jockey Club com os policiais militares que prestam serviço de segurança privada e vivem dos lucros clandestinos, utilizando-se das mesmas dinâmicas e organização da venda da segurança, pela segurança. Segundo Erika:

Erika: (...) alguns policiais que chegou aqui no bairro começou a ver entendeu, como o movimento do bairro. Começaram a ver que era um bairro que é... que a classe média, alta entendeu? Que eles começaram a tentar ver um meio de arrancar dinheiro porque aqui também é assim, nós só pelo fato de ter a gente, mas como qualquer outro bairro que tinha pessoas do porte que tenha aqui vai ter a criminalidade, porque assim entendeu o que é uma praça com toda, portanto assim toda a praça em São Paulo se tiver alguém sempre vai ter criminalidade, é porque é uma praça pública uma praça aberta entendeu então ele acabou criando olha que nos morador acabou ver os carros dos moradores entendeu, eles acharam uma maneira de como arrancar dinheiro entendeu?

Para Teresa Caldeira (2000), o controle por meio da espacialidade não se refere só à dominação geográfica. É uma forma também de controlar os corpos que ali transitam através das diversas operações da segurança privada que são justificadas pela segurança pública no dia-dia, a qual a autora chama de “fala do crime”. Neste sentido, Achille Mbembe (2018) caracteriza o controle por meio da espacialidade como processo da “*Necropolítica*” traduzida por ele como política de morte de quem deve viver ou morrer. Sua análise é constituída nos estudos foucaultianos do biopoder, na qual a vida do

indivíduo fica sob o controle da soberania. Achille Mbembe (2018) aponta que o controle espacial na modernidade se utiliza das mesmas dinâmicas das ocupações coloniais. Para Mbembe:

A “ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição de novas relações sociais (“territorialização”) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas de enclaves; subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação de pessoas com diferentes categorias; extração de recursos; finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginário culturais (2018, p. 39).

Denotamos aqui que os corpos-peles das mulheres travestis e transexuais fazem parte desse controle e da dominação espacial, que se assemelham às práticas das ocupações coloniais, onde os corpos das mulheres trans são a própria fronteira. Para Denise Ferreira (2019), “os corpos considerados indesejáveis violam o espaço e o tempo”, corpos estes disponíveis à violência na espacialidade e na temporalidade. Mesmo que esses corpos estejam disponíveis a atrocidades, as mulheres trans do Jockey Club levam consigo a coragem de enfrentar seus algozes: desde denúncias nas ouvidorias da polícia e nos núcleos de direitos humanos ao enfrentamento físico e discussões nada amistosas. Elas sempre verbalizam na cara de seus algozes artigos do código penal, os direitos e garantias de ir e vir normatizado constitucionalmente na CF/88, e as formas jurídicas das políticas públicas voltadas para a categoria LGBTQ.

Neste sentido, tivemos um avanço como a criminalização da homofobia/transfobia equiparado ao crime de racismo com base na **Lei nº 7.716/1989**. Alcançando tais direitos como união estável, mudança do nome e gênero no registro de nascimento e redesignação sexual, entre outros. Além das leis de competência estadual e municipal que promovem a articulação de políticas públicas voltadas para a categoria LGBTQ, há iniciativas da sociedade civil e de instituições privadas. A Fundação Getúlio Vargas (FGV), por exemplo, criou um **Protocolo Contra o Enfrentamento da Violência**

LGBTFÓBICA²¹ que tem por finalidade orientar os policiais em suas abordagens no Brasil.

Conforme a **Lei Estadual 10.948/2001**, a discriminação contra a população LGBT consiste em “qualquer ato constrangedor, vexatório, intimidatório ou violento, devido à orientação sexual ou identidade de gênero”. São considerados atos discriminatórios pela lei “a proibição da livre manifestação de afetividade, como beijos; a proibição de ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento, como restaurantes, shoppings; a demissão do(a) trabalhador(a) ou sua não contratação, em razão de orientação sexual e identidade de gênero, dentre outros. O(a) agressor(a), pessoa física ou jurídica, se condenado(a), poderá ser punido(a) com advertência ou multa”. Além disso, as empresas poderão ser penalizadas com a suspensão/cassação de licença de funcionamento²². Todos esses direitos se constituem nos tratados e segmentos de leis internacionais que o Brasil participou nos últimos 20 anos. Um deles é o Princípios de Yogyakarta sobre a Aplicação do Direito Internacional de Direitos Humanos às Questões de Orientação Sexual e Identidade de Gênero (2006):

Compreendemos identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (2006, p. 06)

O direito de escolha é garantido e o indivíduo tem como princípio a liberdade que é vinculada ao direito personalíssimo ou ao direito de personalidade sob a ótica jurídica. O direito de personalidade é subjetivo e não pode ser transferido, e funda-se no aspecto da individualidade, consubstanciado no direito à honra, imagem e a identidade.

²¹ FGV lança protocolo para atendimento policial em casos de LGTBfobia Disponível em: https://portal.fgv.br/noticias/enfrentamento-lgbtphobia-brasil-e-tema-debate-webinar_fgv-lanca-protocolo-para-atendimento-policial-em-casos-de-lgbtphobia.shtml - acessado em 20/01/2021.

A Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) lançou um Protocolo Policial que tem por objetivo servir como base na elaboração de políticas públicas e também auxiliar a polícia no trato diante de casos de LGTBfobia. O documento é fruto da Clínica de Políticas de Diversidade da FGV Direito SP que, após pesquisas e contatos com agentes de segurança pública, do setor público e eleitoral, e a partir de uma interlocução com os grupos organizados da sociedade civil comprometidos com a luta contra a LGTBfobia. A Clínica de Políticas de Diversidade da FGV trabalhou em parceria com a Renosp-LGBT (policiais LGBT), a ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos).

²² SÃO PAULO, Defensoria Pública do Estado de São Paulo – Núcleo da Diversidade e Igualdade Racial.

Cada indivíduo que compõe este coletivo luta pelo mesmo objetivo, por direitos, e principalmente pelo reconhecimento de sua dignidade. Dignidade, ora contemplada para todos os seres humanos sem distinção, titulado como princípio fundamental sensível da redação normativa do artigo 1º, inciso III da CRFB\88. A República Federativa do Brasil corrobora como princípio fundamental para as relações internacionais a prevalência dos direitos humanos no artigo 4º, inciso II da CRFB\88. A universalização da dignidade da pessoa humana nos ordenamentos jurídicos regionais e externos é essencial, e tem por finalidade proteger o maior número de pessoas sem distinção. Para compreender de forma precisa o conceito de direitos humanos, foi necessário desmembrar o sentido etimológico de humanos e direito.

Humanos: parte da espécie “*HOMO SAPIENS*” classificado como homem, mulher ou criança unificado a um substantivo chamado “*PESSOA*”, identificado como “*GÊNERO*”, elemento principal para a construção de uma sociedade. Nos Direitos Humanos são pleiteados que se deve tratar uma pessoa como igual, dando-lhe o direito de viver livre desde o momento de se comunicar e pensar. Interessante é que os Direitos Humanos são o único direito aplicado para todos sem distinção. Ocorre que essa não distinção é essencial para a construção de uma sociedade igualitária sem estigmas e livre da padronização de uma identidade dominante. Toda essa importância se dá aos elementos constitutivos dimensionais como a liberdade, igualdade e fraternidade, caracterização essencial referente a uma pessoa.

Essa característica essencial dos Direitos Humanos está interligada à historicidade da palavra binômica que consiste no ato e no fato, principalmente nos aspectos do Direito Positivo serve de subsídio para a construção da defesa normativa dos direitos humanos. Estas características são desenvolvidas para diferenciarmos os Direitos Humanos dos Direitos Fundamentais. Direitos fundamentais são a positivação de direitos, observados e reconhecidos conforme a necessidade humana e, inerentes à soberania popular. Os direitos humanos é uma ferramenta essencial de proteção individual, coletiva e difusa e deve proteger o maior número de pessoas sem preconceito de raça, cor, sexo, credo, idade, nacionalidade ou condição social. Toda essa proteção por núcleo está ensejada na inerência. Segundo o escritor Antônio Houaiss, inerência é o “estado de coisas que, por natureza, são inseparáveis e que somente por abstração podem ser dissociadas 1.1 relação entre o sujeito e uma qualidade que lhe é intrínseca”.

Para Ricardo Castilho:

Está fundada no conjunto de direitos inerentes à personalidade da pessoa (liberdade e igualdade) e também no conjunto de direitos estabelecidos para a coletividade (sociais, econômicas e culturais). Por isso mesmo, a dignidade da pessoa não admite discriminação, seja de nascimento, sexo, idade, opiniões ou crenças, classe social e outras (2015, p. 252).

A dignidade pleiteada pelo Direito brasileiro como direito fundamental está elencada na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, da qual o Brasil é signatário. A verdadeira democracia é fundada no pluralismo e na dignidade da pessoa humana que lhe é inerente. É estabelecido no artigo VII:

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra e qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)

Isto corrobora a redação normativa do artigo 3º, inciso IV da CRFB\88: “realizar a promoção do bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” Neste sentido, a Constituição Federal da República Federativa do Brasil institui e assegura no preâmbulo:

[...]

o exercício dos direitos sociais coletivos e individuais baseado na liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a **igualdade** e a **justiça** como valores supremos de uma sociedade fraterna, **pluralista** e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional (Constituição Federal do Brasil, 1988)

Este parágrafo nos orienta a aceitar e a respeitar a pluralidade, que é sinônimo de **multiplicidade, diferenças, alteridade** e da **diversidade** sem preconceito, para coibir a discriminação enraizada e institucionalizada por uma cultura.

Por mais que tenhamos uma variedade de positivação de direitos que complete em suas redações normativas a dignidade da pessoa humana, para além da aplicação de uma lei ou sua efetivação é necessário uma pedagogia entre o ensinar e o aprender como um processo contínuo da civilização. A educação é uma libertação das amarras de identidades iniciadas na segregação e na redução do outro, parte de um processo instituído pelo patriarcado que se valeu do racismo, machismo, misoginia, homofobia e da transfobia. A vereadora da cidade São Paulo, mulher trans e negra, Erika Hilton afirmou no programa

Roda Viva (2021) que “só vamos construir um diálogo com quem está do outro lado que olha para a pauta de gênero e sexualidade como uma coisa demoníaca, se partirmos para o campo da didática, da pedagogia”.

CAPÍTULO III

Corpo Complexo



Figura 16 - Imagem “Ele me bebeu” (2021) do artista Paulo Ramos criado exclusivamente para a dissertação.

Seriam as mulheres trans um corpo complexo? Ou a negação e a seletividade tornam esses corpos a própria complexidade a partir dos olhos de quem as vigiam? Edgar Morin diria que sim, uma vez que o *complexus* não se resume a uma só palavra, não se resume em uma palavra-chave, daquilo que não pode ser simplificado, reduzido ou sucinto. Para Morin (2005, p. 6) “a complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução”. Neste sentido, o corpo da mulher trans seria um problema? Ainda mais por se tratar de um corpo não passável, que não se encaixa na caixa da hermenêutica da padronização dos corpos socialmente aceitos. Através dessas indagações, convido Edgar Morin e outros autores para sentarem-se à mesa e dialogar com as inquietações das protagonistas da pesquisa diante de suas transições corporais, vestimentas e suas maquiagens que são tão *complexus* quanto.

Neste encontro, Berenice Bento (2006) nos revela a “*Reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*”. A socióloga não discute gênero a partir da referência biológica, mas das formas em que os sujeitos se atualizam nas suas práticas cotidianas para serem reconhecidos como membros legítimos do gênero com o qual se identificam. A identificação de Nicolý e Erika vislumbra a complexidade:

Nicolý: virei travesti, porque meu sonho era ser travesti era ter peito, cabelão, bunda, me sentir uma mulher completa hoje eu me sinto uma mulher completa para mim eu sou travesti (...)

Erika Mickhouse: Hoje graças à Deus eu sou travesti mesmo entendeu, é coloquei peito fiz várias plásticas(...)

As protagonistas em suas transições tinham a necessidade, um sonho de reinventar o seu corpo-pele na figura feminina para sentir se mulher. Soma-se a isso os atributos que todas as protagonistas de pesquisa se moldam: elas se complementam por meio dos silicones, próteses, cirurgias de feminilização do rosto e das maquiagens em várias camadas. É quase um corpo inacabado que se transforma a todo momento. Para Edgar Morin, o inacabado ou a incompletude faz parte da complexidade por meio de uma necessidade estética.

Para Nicolý, ser considerada mulher é muito importante, mas ser travesti é uma forma de romper com a normalidade com o duplo encantamento/ estranhamento. Em “*A Reinvenção do corpo*”, Berenice (2004) contextualiza através das narrativas de vida das pessoas trans - suas experiências e transições sexuais geradoras dos medos, receios, qualidades e defeitos - demonstrando o caráter performático do gênero que perpassa a adequação de seus corpos, sobretudo no imediatismo do processo de transição corporal.

Ana Flávia: ah vou mudar fisicamente falando, eu tenho um problema, eu acho que eu comentei com você aquele dia, vamos falar silicone industrial eu era muito nova, a vontade de ter um corpo escultural, a vontade de ter um [peito]de menina era muito grande, nova sem juízo, sem conhecimento, sem alguém pra te auxiliar se faz besteira, e a besteira que eu fiz foi colocar silicone industrial. Se eu pudesse voltar no tempo eu não faria de novo, entendeu?

Nicolý: (...) estava já na minha transição, já estava formando os seios cabelo, já estava um pouco mais comprido e eu descobri com uma amiga minha de fazer programa, vi que na rua estava dando muito mais do que trabalhar na lanchonete porque na lanchonete eu trabalhava ganhava 2,20 na época a hora trabalhada então disse para muito sofrido e a minha transição estava custando muito caro porque a gente quer se vestir a gente quer se arrumar entendeu então tudo é muito mais caro (...).

As protagonistas da pesquisa põem na roda suas dificuldades e suas ansiedades na transição de seus corpos, ainda mais por se tratar de mulheres trans que se encontram na faixa etária dos 34 e 39 anos de idade. Elas presenciaram a transição não só de seus corpos-peles nos anos 80, 90 e 2000, mas também a inserção da pauta da transição sexual como política pública na esfera da saúde brasileira.

Mesmo com o avanço da política pública de transição sexual ainda há obstáculos, como a espera de atendimento no SUS. Na maioria das vezes, elas acabam recorrendo a

clínicas clandestinas que injetam Silicone Industrial (SLI).²³ O SLI é uma substância que não pode ser utilizada em pessoas; ele é usado para lubrificação de maquinários de aeronaves, motores e ilustração de pneus de automóveis, dentre outras finalidades. As aplicações dessa substância aos corpos das mulheres se dá por causa da sua situação financeira. A pobreza é o principal fator para que muitas permaneçam na rua para que consigam pagar e manter os seus corpos impecáveis como elas mesmas dizem, “bem menininha”.

As mulheres travestis e transexuais buscam a adequação do corpo de acordo com a identidade do gênero feminino. Desde a feminilização de rosto e corpo às próteses de silicone que deixam os peitos avantajados, ao silicone industrial malsucedido que afeta este corpo que busca a perfeição.

Ana Flávia: (...) não sou piadinha tanto no começo da transição, porque a partir do momento que você vai refinando um pouco seus traços você vai sendo melhor aceita né, olha que coisa, que coisa doida né? Por isso que eu falo assim, a gente vive uma sociedade que tem um padrão de beleza né? Tudo que foge daquele padrão de beleza é hostilizado né? De uma certa forma é incrível como as pessoas são né? Então a partir do momento que você vai refinando mais seus traços você vai tendo uma vida mais tranquila.

Os traços finos sintetizados pela protagonista da pesquisa estavam presentes em seu diálogo algumas vezes. Ela, sobretudo, sentia a necessidade de fazer uma cirurgia de feminilização facial, dizendo que tinha traços ainda brutos. Nicolý também expressava este mesmo desejo em alguns momentos, como se o rosto e o corpo fossem únicos em suas transições. Le Breton (2019, p.30) diz que “o corpo é, de alguma forma, um interruptor, permitindo a afirmação da diferença individual coroada pelo rosto”. Essa necessidade é substituída pelas camadas de maquiagens em seus rostos, pelas *necessaires*

²³ Um trabalho de pesquisa que analisou os dados do Projeto Muriel: Vulnerabilidades, Demandas de Saúde e Acesso a Serviços da População de Travestis e Transexuais do Estado de São Paulo (Projeto Muriel). O projeto estudou uma amostra de 673 travestis e mulheres e homens transexuais em sete municípios do Estado de São Paulo (São Paulo, Campinas, São Bernardo do Campo, Santo André, Santos, São José do Rio Preto e Piracicaba). Acredita-se que desde a década de 1980 as injeções de SLI são usadas na modificação dos contornos corporais no Brasil. No Brasil, apesar de ser essa uma prática sabidamente muito frequente, seu caráter clandestino é restritivo ao desenvolvimento de pesquisas que ampliem o conhecimento acerca das motivações para o uso do SLI, de suas consequências para a saúde e de outros fatores que possam estar a ele associados. A realização de estudos sobre o tema é necessária para que se possa verificar a magnitude desse problema de saúde e fornecer informações para a construção de estratégias e de políticas públicas mais eficientes. Dentre os procedimentos que acontecem fora dos serviços de saúde, destacaremos no presente estudo as injeções de SLI que são utilizadas por travestis e mulheres transexuais e que podem resultar em diversos problemas de saúde, tais como infecções, migração do produto para outras áreas do corpo, deformidades, siliconomas, necroses teciduais, embolia pulmonar e até a morte. (2015, p. 2-3).

enormes cheias de batons, lápis, *blush*, rímel e paletas de várias cores em pó para sombrear as pálpebras.

Para Le Breton (2019, p.256), “a flexibilização do uso cosmético leva a mulher a modelar para si um rosto que a torne mais próxima de seu ideal”. Em “*Rostos: Ensaio de antropologia*” (2019), Le Breton desvenda as significações e os valores associados ao rosto. O antropólogo aponta que a identificação do rosto confere as determinações sociais e culturais, sendo ele um outro centro de vínculo social, além do corpo.

Neste caminho, “*Toda Feita*” (2005) é um livro fruto de um trabalho de pesquisa etnográfico do cientista social Marcos Bento Benetti. Ele narra as vivências das travestis enquanto garotas de programas em Porto Alegre. O autor revela os códigos e os símbolos dos corpos travestis que atravessam sua corporeidade relacionada à questão de gênero. Neste sentido, Benetti (2005) expõe que as transformações do corpo trans é uma forma de se adequar ao mundo que nega a sua transição; transição na qual esse corpo reinventa-se em sua interioridade. Para muitos, o corpo trans nasce de fora para dentro, mas, para as mulheres trans, é necessário nascer dentro para fora:

Ana Flávia: (...) lá no fundo eu já sabia que eu era uma mulher, mas eu entendia enquanto criança, olha que coisa inocente, como criança eu me via uma mulher, olha que coisa louca gente, pensava eu tenho um negócio pendurado aqui, um órgão genital que quando eu crescer vai cair, aí vai ficar normal (risos). Falava gente que coisa louca, eu achei que minha aparência ia continuar de criança eu achei que era uma mulher, por mais que fisicamente era um corpo masculino e que minha aparência era daquele jeito mesmo e a única coisa que ia mudar era o órgão. Mas, porém, como minha mãe tinha uma cabeça fechada eu não pude começar uma transição cedo, com treze anos eu sabia o que eu era, porque eu passei pela fase do questionamento, não acredito, não pode ser, passei por tudo isso dessa negação (...).

Antes da transição do corpo trans existe um sentimento de pertencer internamente ao corpo feminino, desde o maneirismo até as vestes. É o que representa a fala de Ana Flávia que vislumbrava ocupar fisicamente esse corpo de mulher em sua visualidade e não se considerar natural por causa de sua genitália. Seu pensamento atendia sua feminilidade e por isso precisava se dedicar às vestes, aos hormônios e aos implantes de silicones. As transições não se resumem apenas ao corpo, elas estão também nas vestimentas, é um processo contínuo de transformação que visibiliza a marca corpórea das mulheres trans. Os tecidos que cobrem suas peles é o objeto enquanto elas são o sujeito que faz esse corpo se reinventar no mundo.

Neste sentido, Edgar Morin (2005, p. 43) afirma que “o mundo está no interior de nossa mente, que está no interior do mundo”. Para ele, sujeito e objeto são inerentes, embora não resultem em uma via unificadora e harmoniosa que gera uma incerteza generalizada. Tanto que Erika e Adriana destacam em suas vivências:

Erika: Minha mãe chorava muito porque ela não queria ter um filho trans a preferência dela, ela pode até ter um filho trans, mas que fosse gay entendeu que andasse com roupa mais masculina, porque o preconceito seria menor entendeu.

Adriana: (...) quando mais jovem mais, quando era menor lembro que 7, 9 anos eu já gostava de usar roupa da minha mãe escondida quando eu ia trabalhar entendeu, o salto da minha mãe, sempre gostei (...).

Letícia Lanz diz:

O corpo, particularmente o corpo vestido, é o palco onde se processa a maior parte dos ‘eventos transgêneros’. É o corpo que se subleva contra o dispositivo binário de gêneros e é o corpo que, da mesma forma, busca reajustar-se a essa mesma ordem que o excluiu, em outra categoria de gênero (2014, p. 102).

As roupas utilizadas pelas protagonistas da pesquisa são o início de uma experiência clandestina de perceberem a vigilância dentro de suas casas. Elas mantinham os sensores de seus corpos-peles em alerta quando ninguém estava dividindo os cômodos de seus lares. Em casa elas estavam desautorizadas a usar os trajes do sexo oposto e fadadas a se vestir e se portar em conformidade com seu gênero de nascimento representado no órgão genital. Em “*O corpo da roupa*” (2014), Letícia Lanz sintetiza as narrativas de vida das pessoas trans entre a transgressão e a conformidade com a norma de gênero que gera uma tensão no dispositivo binário em que o corpo está socialmente construído. A pesquisadora joga para fora do armário as vestimentas que ela chama de “roupas proibidas” ou do “gênero oposto” cujo uso transfigura a milenar transgressão do travestismo (2014, p. 236).

Não basta ter os acessórios, é necessário construir um novo corpo que se adeque aos trajes. Neste entendimento, Lanz (2014) denota que o corpo físico passa a ser visualizado pela sociedade cisgênera como objeto de corporificação da subjetivação de

gênero construído socialmente. Para Bento (2006, p. 149), quando os elementos constitutivos estão em desacordo com a normalidade da categoria gênero, há um nível de deslocamento entre as determinações do masculino e feminino que se concentram na regulação da heterossexualidade. A binaridade sistematiza o corpo, assim como as roupas que vestem o determinismo corpóreo levam ao dúbio. Segundo Lanz:

Através da repressão ao tipo de vestuário que desejam usar a fim de expressar sua identidade de gênero que pessoas transgêneras são desde cedo cerceadas na sua liberdade de expressão. Quando uma pessoa transgênera é “descoberta” usando roupas pertencentes ao gênero oposto àquele no qual foi classificada ao nascer, fato que geralmente tende a ocorrer ainda na primeira infância, ela é duramente reprimida pela família. Se é verdade que a preservação da dignidade e autonomia do indivíduo na sociedade está estreitamente relacionada ao uso do vestuário, ou seja, à livre escolha do que cada um deseja usar, é também verdade que um dos modos mais insidiosos de se exercer o poder sobre outros é por meio do controle do seu modo de se vestir (2014, p. 236).

Lanz (2014) corrobora que o gênero é um atributo ou propriedade que nasce com a gente e que não pode ser trocado ou removido; é uma marca que permanece nos corpos representados em seus estereótipos da categoria de gênero homem ou mulher que nos foi consignados ao nascer. Leticia Lanz destaca que todo esse processo da conformidade com o gênero se mantém nos discursos das pessoas trans, de que o gênero não é inalterável, mas sim um resultado de um processo de aprendizagem social. Para muitas das mulheres esta aprendizagem é muito dolorosa, como no caso delas:

Sara: É eu já trabalhava, trabalhava num bar. E nesse mesmo encontro que eu tive comigo enquanto Sara, eu tive um desencontro quanto a minha pessoa que é o gênero biológico, porque eu estudava aí pessoal não aceitava muito. E inclusive foi tema de muita briga.

Erika Mickhouse: (...) eu sofria muito bullying na escola muito bullying mesmo? Então assim eu acabei não aguentando então eu só estudei até a sexta série já teve, uma escola que eu acabei sendo expulsa e... eu acabei saindo de dentro uma viatura duas escolas, duas escolas de onde eu moro acabei sendo expulso porque assim o preconceito era tanto e eu não ia o mesmo não me aguentava das pessoas com preconceito eu reagia então toda vez que eu reagia sempre sai como errado eu nunca sei como certo.

Flávia: (...) porque minha mãe na época ela não aceitava o fato pelo menos de um falar que eu era gay, nossa a gente teve muita briga nessa época por muitas, mas hoje a gente se dá tão bem. Mas antigamente ela preferia ter um filho morto do quê viado, prefiro ter um filho ladrão do quê viado, aquilo ecoava na minha mente eu ficava nossa... sabe?

Os encontros e desencontros com Sara no seu íntimo rompiam a sua feminilidade, assim como grande parte das mulheres trans que são interrompidas em seu processo de transição sexual. Muitas delas são impedidas de transitar em determinados lugares, e na maioria das vezes a violência inicia dentro de suas casas, como vimos aqui com Ana Flávia. Os barulhos que ecoavam dentro de seus tímpanos da negação por sua sexualidade na sua transição para mulher trans se convertiam em uma aceitação de “bandido” ao invés de “gay”, que é aquilo que a sociedade nega e menospreza, ou quando não mata. Erika, em sua experiência de ter o seu corpo um problema, ultrapassou os muros da escola e foi levada como criminosa em decorrência de sua sexualidade que provocava tensão/tesão entre seus professores e colegas, alunos corpos/mentes de reproduções miméticas de seus pais.

O preconceito é um dos elementos que desnuda o corpo das mulheres trans e reduz suas vontades e seus quereres. A roupa que elas vestem é parte dessa complexidade dos acontecimentos, ações, interações, retroações e determinações, que segundo Morin (2013) está constituído no nosso mundo fenomênico, aquilo que é o tecido entre a unidade e a multiplicidade. O corpo trans busca o reconhecimento do gênero feminino tornando-se sua marca corpórea. Para Butler:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor (2018, p.32).

Judith Butler propõe o gênero como um conceito aberto e fluído que vai além de uma discussão binária e unitária. Isto nos conduz à complexidade, ainda que a multiplicidade seja negada pela unidade que representa o gênero feminino interligada às questões sociais, culturais e políticas. Butler (2013) afirma que as práticas reguladoras que dividem o gênero é uma forma de estabilizar a identidade e têm por finalidade regular e normatizar as características descritivas das pessoas. Isto está instituído nas amarras da cultura do patriarcado que governa o gênero, tornando as identidades algo imutável pelas quais as pessoas são definidas.

Contudo, quando “o corpo” é apresentado como passivo e anterior ao discurso, qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita. Essas concepções têm precedentes cristãos e cartesianos, os quais, antes do surgimento da biologia vitalista no século XIX, compreendiam “o corpo” como matéria inerte que nada significa ou, mais especificamente, significa o vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáforas premonitórias do inferno e do eterno feminino (Butler, 2018, p. 164).

A autora (2018) crítica o pensamento cartesiano descrito no dualismo entre corpo/mente que estruturalmente está consubstanciado à cultura/natureza no tocante à categoria gênero. Esta categoria foi originada no regime da conformidade binária, e, para a autora, marcam os corpos que se inscrevem numa significação de gênero e formam uma hierarquia explícita de corpos que ficam desprovidos de valor. Butler (2020) reafirma em “*Corpos que importam*” que o corpo e suas reformulações estão matizadas na matéria como efeito da dinâmica de poder, ao passo que o corpo e a matéria são indissociáveis das normas regulatórias.

Neste sentido, Morin (2013) ressalta que a lógica cartesiana não acompanha nem dialoga com os corpos múltiplos e diversos, pois se apoia na disjunção entre corpo e mente, sujeito e objeto. Neste caminho, o pensamento complexo nos conduz a pensar no impossível e no improvável em relação à humanidade, que em suas transformações está ligada à ordem/desordem/interação/reorganização. Dualidades excludentes como corpo/mente, masculino/feminino não servem mais de parâmetro para discriminações e preconceitos e violências.

Sara: É eu sei que eu faço parte dessa história entendeu e a para as próximas que vierem esse sistema de reprodução não continue, é essa a minha Esperança de tipo assim a trans ela não ter essa opção de se prostituir pode ser uma opção sim, mas que ela tem vários mercados que ela seja bem aceita nas escolas. Que ela seja bem aceita nos locais públicos nas repartições públicas e que vários tipos de... preconceitos venha sendo quebrado para que esses corpos continuarem reexistindo né, é o que essa é minha Esperança. Mais né a gente está falando do ser humano então vamos ver.

Nicolly: (...) porque tanta separação gente acho que a gente deveria não deveria se falar você é homem, mulher, trans, travesti, gay, homossexual, sapatão na onde somos seres humanos pronto acabou só de você ser humano tá ótimo aí você é uma pessoa você existe entendeu?

Para Sara, a esperança também é um imperativo da antro-po-ética por mais que seu corpo-pele esteja marcado pela linearidade do reducionismo e da simplificação que limita a fronteira de seu corpo/ mente. Da mesma forma, as protagonistas da pesquisa afirmam que todos devem ser tratados com respeito e não por categoria, mas sim como seres humanos.

Cabe a nós aprender/ensinar para fazer emergir uma experiência propriamente humana, um respeito ao próximo, fundado na unidade da diversidade. Somos unos e múltiplos, sempre reitera Morin. Precisamos construir bifurcações que nos levem a enfrentar a discriminação e o preconceito que se instalam nas relações humanas e no meio ambiente, sendo o otimismo o caminho de estradas cruzadas para encontrarmos a tolerância e a compreensão.

Entrevista não, põe na rodaaaa...

Paulo: Flávia põe na roda sua idade, a sua relação com sua família e a rua? Pode trazer o que você quiser.

Flávia: então... por onde a gente começa vai. Vou falar primeiro que tenho conhecimento do Jockey e depois falo de mim.

Paulo: tá

Flávia: eu não trabalho lá a tanto tempo como as outras meninas, porque eu cheguei em São Paulo eu fui trabalhar em outro lugar. Eu fui trabalhar no centro, na Rego Freitas trabalhei no centro de noite e lá eu sofri perseguição por cafetina foi daí que eu fui trabalhar no Jockey durante o dia e tô até hoje. Como eu não sou tão antiga como as outras meninas é... eu tô falando até antes de ter essas seguranças particulares, hoje tá uma maravilha por que as meninas antigamente passaram por coisas na época que tropa policial na cavalaria que iam atrás delas, botavam elas pra correr, prendiam elas, ficava o tempo todo encima eu não passei por essa época entendeu, tipo a única época que passei que foi constrangedora foi quanto teve aquele assalto ao jornalista do SBT Carlos Nascimento depois que as meninas roubaram assaltaram ele, piscava o olho era viatura te levando para delegacia, tipo mandando você embora, por que até então o jornalista era amigo do governador na época do Geraldo Alckimim e colocou a polícia tática em cima da gente e era assim sempre levando a gente para delegacia.

Paulo: e quantos anos você está Jockey?

Flávia: No Jockey eu creio que devo tá uns... sete? Sete, acho que uns sete anos eu acho. Tem meninas que tá ali há vinte, a Dani mesmo acho que deve tá uns vinte anos ali. Então assim de algo mais recente depois de essa época agora que são policiais militares né, como eu te disse eu nunca fui muito abordada e nem muito hostilizada, mas outras meninas foram, eu acho que assim, é pouco triste viver num país especifico onde pobre já tem muito valor e se você ainda for trans e tá na rua fazendo programa menos ainda, parece não tem, vou te falar eu sou obrigada a pagar imposto, eu não ando no ônibus de graça, eu não entro no mercado e não pego nada de graça nenhuma mercadoria eu tenho deveres a cumprir igual a todo mundo, eu pago imposto igual a todo mundo, só que parece que eu não tenho os mesmo direitos, as pessoas parece não ter os mesmos direitos, é tipo... só faltam eles sei lá, eles pintam e bordam nada acontece parece que não existe lei, para que tem sempre alguém para encobrir alguma coisa, ou... olha tantas meninas já foram reportagens lá, você sabe disso já fizeram entrevista e nada aconteceu, nada mudou, ninguém se quer foi chamado para... como é que se fala, foi visto mais a fundo isso né? Então você fica de mãos atadas por isso que eu acho que muitas meninas não querem mais falar ou se recusam ou ficam medo porque elas perceberam que não acontecem nada. Não existe punição porque seu fosse uma mulher trans, tivesse ali na rua porque eu gostasse de estar ali na rua porque fiz amigos ali, ou se eu tivesse uma condição financeira grande, eu tivesse um nível social alto, eles não iam mexer comigo ou com qualquer outra tivesse num nível social econômico alto, porque o Brasil é o país que manda que tem

dinheiro e obedece quem é sábio infelizmente. E é deprimente viver numa país assim, revoltante na verdade, então assim eu sinceramente, as vezes a Erika ela tem a razão dela, as ela fica alterada porque... ninguém quer se unir. Mas aí vem aquela velha história, deveria ser todo mundo mais unido? Deveria. Mas não são ih... cada um pensa quase que em si. Ah mas se eles não mexem comigo porque vou comprar a briga da outra pra eles não me deixar trabalhar também. Se eu falar para você se eu já pensei isso? Eu já pensei isso. Porque eu... vamos lá parte das meninas tem casa e família aqui, já tem eu suporte uma estrutura eu não tenho ninguém, eu não tenho carro. Aí você já imaginou se eu comprar a briga de todas elas, e depois eles não me deixarem trabalhar, porque é uma coisa falarem assim eles tão errados, isso não pode ser feito ok, mas quem vai tá por mim 24 horas do meu lado pra falar isso pra eles ou pra me proteger, ninguém se entendeu então assim eu aguento as coisas até certo ponto, eles nunca foram muito encima de mim, mas um coisa que eu preciso saber sempre é os meus direitos porque assim, se chegar pra cima de mim querendo fazer abuso, aí pode levar pra delegacia pode levar pra onde quiser, mas eu não vou permitir, não porque eu sou trans, não porque eu sou pobre, preta ou estou na rua fazendo programa que eu vou permiti a pessoa sem motivo algum me agredir porquê... se sabe que eles mesmos fardados não podem agredir as pessoas, mesmo se eles tivessem fardados eles não podem agredir. Como assim vou chegar abordando e batendo, batendo em cliente que já aconteceu muito, destruindo bem de cliente, furando pneu, furando bicicleta com que direito, não tem esse direito, mas eles fazem sabe por quê? Porque a gente mora no país da impunidade, é por isso que eles fazem, então é um pouco triste né? Nossa você ficou em silêncio o que acontece?

Paulo: Eu tô ouvindo, eu quero te ouvir.

Flávia: (risos) Então, com relação a isso você tem páginas e páginas escrita um pouco da história de algumas meninas né? E do que acontece lá, mas sinceramente eu vou falar tudo que penso, tudo que me vem a mente, você está fazendo uma entrevista, mas eu estou encarando isso de uma forma informal. Sinceramente desculpa se eu tiver sendo idiota ou pessimista sinceramente isso não vai dar em nada, talvez eu esteja errada de pensar assim, você pode até pensar assim que tem pessoas como você que pensa que não vai dar em nada, mas é porque de tanto apanhar sabe? De tantas coisas que acontecem que ficam por isso mesmo, tudo sempre igual, tudo fica impune sabe? Como você vai acreditar que agora vai ser diferente, nossa você pensar que tudo é movido a dinheiro, mas é. Vai dar alguma coisa eu vou até o fim, porque eu vou colocar os melhores advogados possíveis pra fazer justiça, mas eu não creio, existe também de uma certa forma falta de interesse das próprias pessoas atingidas creio eu. Porque eu já falei, falei pra uma pessoa, porque se fosse eu, eu iria até embora de São Paulo, fala comigo, me xinga, mas não me encosta. Se eu tivesse levado um tiro, como diz por fogo no parquinho, eu ia até o fim, eu não admito isso você entendeu, é igual você falou é total medo e de respeito da lei, tipo vou atirar e vou bater por que sei que não vai acontecer nada comigo, por que eu sou lei entende? Então assim, as próprias pessoas envolvidas também fazem, talvez seja até por medo, ou não vão adiante, não levam isso até o fim entende? Outra coisa é eu te daquele dia que você esteve lá, tipo alguém tem que responder por eles, se eles não são capazes

de responder por si, alguém tem responder por eles, alguém tem que ser incriminado por eles você concorda? Por que se não pode fazer justiça contra eles mesmos, se eles não podem ser indiciados por algum tipo, eles trabalham pra alguém não ali de graça rodando gastando gasolina, eles estão ali pra alguém, esses alguém quem são? São os moradores da associação, as pessoas que moram ali. E aí então eles fazem vista grossa, aí vou te falar, eles sabem o que acontecem? Eles sabem muito bem o que acontece ali, mas pra eles é ótimo tipo, vamos tirar os ratos daqui tirar os bichos daqui ih... independente da forma que for feita ou é prometido a entrevista pra rádio jovem pan, aquela porcaria de rádio, assistência, um acompanhamento psicológico pra isso, pra quilo outro ah... tão bonito de falar na rádio né? De falar na tv ou qualquer lugar, ah vamos fazer isso por eles, por elas, aí meu Deus doce ilusão (risos irônicos). Simplesmente isso. Uma sujeira só. Mas uma pergunta que você queria fazer?

Paulo: Estou aqui mais pra te ouvir mesmo. Mas começamos pelo Jockey, mas queria ouvir sobre a Flávia mineira, família e futuro.

Flávia: Eu comecei pelo Jockey para fechar esse assunto até porque é pesado, então tem que deixar o mais leve pro final, pra gente ficar mais leve, pra gente ficar mais descontraído eu acho sabe? Pra não fechar com esse peso assim... porque falar de pensamento e coisas ruins atrai pensamento e energias ruins, por que querendo ou não falar de coisa ruim automaticamente a gente vive esse sentimento entendeu? Então naquele momento você passa a sentir aquilo, mas assim eu não sei um dia isso vai ter um fim, eu não espero estar lá para ver esse fim porque eu creio fortemente que eu vou encontrar um outro caminho, entendeu? Isso nunca vai acabar, mas tomara que melhore para as novas gerações que vão precisar, que ali vão estar, porque assim é... têm meninas boas, assim como têm meninas ruins também, assim como tem héteros bons e héteros ruins então não está ligado ao ser trans ou sexualidade né? Ou gênero, mas espero que um dia isso consiga ter um ponto final sabe, essa situação de agressão de violência, agressão também não é só uma pancada sabe, agressão não é só tapas, agressão é verbal também, por que falar dói também entendeu? As palavras ditas machucam as vezes muita mais do que um tapa, eu acredito nisso porque fica ecoando né, cê leva um tapa ali oh, doeu ali e daqui a pouco passou a dor, a palavra sempre fica na cabeça ecoando sempre você revive essa dor, aí você pensa e fala será que eu sou isso mesmo, será que eu sou tão insignificante sabe? É aí que você tem que ter força e psicológico né? Eu vi algo esses dias que pessoas que te agridem é porque se sentem muito inferiores do que você, e o fato de você ser quem é incomoda essas pessoas de modo que elas precisam de diminuir para sentir melhores. Eu sou uma mulher trans, eu sou bem resolvida ih... esse fato incomoda muita gente se entendeu? Que tem suas próprias frustrações na vida pessoal ou profissional, porque eles queria ser, quem quisessem ser e não conseguem então eu penso assim. Vamos lá Ana Flávia por Ana Flávia ahahahah... Aí meu Deus do céu (risos). Bom. Antes de ser Ana Flávia era só Flavia, o Ana veio com esse negócio de mudança de documento os meus dois primeiros nomes são masculinos, aí uma advogada me explicou no registro eles tinham que sair, quanto o primeiro e o sobrenome, aí eu falei nossa vai ficar um nome muito curto né, você não pode escolher sobrenome, mas você

pode escolher um nome composto, aí foi onde veio o Ana. Mas Ana Flávia começou a sua transição, vou fazer um resumo ou você quer saber desde criança.

Paulo: Como você sentir melhor.

Flávia: Você é um ótimo ouvinte. Bom, Ana Flávia nasceu Flávio né, ih... Ana Flávia tem mais dois irmãos um mais velho quatro anos e um mais novo um ano, eu fui... meu pai foi embora de casa... aqueles velhos problemas matrimoniais, quando eu tinha seis anos de idade meu pai foi embora, porque ele traía minha mãe ela descobriu e eles se separaram. Então desde meus seis anos de idade eu tive uma infância um pouco difícil, quando meu pai morava em casa o meu pai um pouco mais velho que eu teve todas as “regalias” vamos se dizer assim, ele ia para escola... ele sempre foi um pouco mais rebelde, a regalia ele sempre tinha lanche pra levar e aquela cuidado todo, quando eu e meu irmão mais novo começamos a escola meu pai não estava mais em casa, minha teve que trabalhar e sempre deprimida, ainda tinha que cuidar da gente. Então assim a gente passou bastante aperto, eu com seis anos de idade, meu irmão com cinco a gente ia pra escola sozinho, a gente se levava, a gente se cuidava. Ao mesmo tempo eu não posso reclamar eu tive uma infância boa, porém eu amadureci muito rápido tive que amadurecer muito rápido, então eu sempre tive uma mentalidade muito madura. Eu comecei a... com a minha mãe criou a gente sozinha praticamente como eu posso dizer... a gente tinha um pensamento muito fechado, ela tinha uma cabeça fechada, e lá no fundo eu já sabia que eu era uma mulher, mas eu entendia enquanto criança, olha que coisa inocente, como criança eu me via mulher olha que coisa louca gente pensava eu tenho um negócio pendurado aqui, um órgão genital que quando eu crescer vai cair, aí vai ficar normal (risos). Falava gente que coisa louca, eu achei que minha aparência ia continuar de cria... eu achei que era uma mulher, por mais que fisicamente era um corpo masculino e que minha aparência era daquele jeito mesmo e a única coisa que ia mudar era o órgão. Mas porém como minha mãe tinha uma cabeça fechada eu não pude começar um transição cedo, com treze anos eu sabia o que eu era porque eu passei pela fase do questionamento, não acredito, não pode ser, passei por tudo isso dessa negação, mas aí eu fui completamente feliz e disse não, isso mesmo eu sou assim parece que eu tirei 300 quilos das minhas costas, aí falei agora tenho que... minha mãe tinha uma cabeça muito fechada aí falei meu Deus tô lascada, como me que.... porque minha mãe na época ela não aceitava o fato pelo menos de um falar que eu era gay, nossa a gente teve muita briga nessa época por muitas, mas hoje a gente se dá tão bem. Mas antigamente ela preferia ter um filho morto do que viado, prefiro ter um filho ladrão do que viado, aquilo ecoava na minha mente eu ficava nossa... sabe? Tudo isso é melhor do que ser sabe, ih... só que com o passar do tempo a minha mãe sempre foi o amor da minha vida, só que, mesmo ela sendo o amor da minha vida eu não estava disposta a sacrificar a vida pela dela, mesmo ela sendo o amor da minha vida eu não estava disposta a me reprimir por causa dela. Eu tive várias conversas com ela, eu falei mãe você a vida que você quis viver, independente se você fez ou não coisas que gostaria, mas você viveu a sua vida você não pode querer, é muito egoísmo da sua parte querer que eu viva em função da sua, que pra você ser feliz eu tenho que ser infeliz não egoísmo? Mas era difícil ela entender, e eu bati na mesa tecla

sempre não mãe eu vou ser feliz. Antigamente eu vim pra São Paulo, hoje a Ana Flávia está com trinta e quatro anos de idade, eu vim pra São Paulo com vinte três. Eu comecei uma transição escondida acho com 18, 19 anos de idade, eu já tinha passado pela puberdade masculina porque eu começava a tomar hormônio o seio começava a crescer ela desconfiava e eu parava, aquele medo todo sabe? Porque assim, a coisa que eu mais me arrependo talvez hoje foi ter começado muito tarde, mas não tive opção. Hoje tá muito mais fácil, para as meninas trans tem menina trans de seis anos de idade entendeu, na minha época era bicha, porque se eu tivesse interrompido a minha puberdade masculina, eu tenho certeza que hoje eu seria uma trans mais passável, mas eu passei por um processo longo de puberdade masculina.

Paulo: Por que você seria mais feliz se você tivesse iniciado isso antes?

Flávia: Se eu tivesse começado antes, e tivesse interrompido a minha puberdade masculina, eu teria passado pela puberdade feminina, eu teria me desenvolvido como mulher e não como homem entendeu? Então fisicamente eu seria muito mais feliz, naquela questão que eu te falei eu seria muito mais passável. Mas sabe mais o me deixa feliz, mesmo tendo meus traumas, eu sou muito autocrítica, claro que fisicamente eu não estou contente, não vou dizer que estou jogada as traças, lá no chão, mas tem muita coisa pra se fazer e melhorar, mas o que me deixa muito contente é saber a pessoa que eu me tornei, isso eu consigo reconhecer saber a pessoa que eu sou então tô aqui e isso não se compra, e isso não se compra em lugar nenhum isso é evolução. Então eu comecei uma evolução tardia como eu te disse, algumas já tinha cogitado a possibilidade de vim pra São Paulo, mas ela não deixava chegou um certa época perto dessa idade eu trabalhava no salão sai do salão falei mãe vou pra São Paulo, ela disse não vou mais te impedir, e já tinha muitas meninas da minha cidade que trabalhavam aqui, daí eu fui vendi umas coisas que eu tinha, daí falei vô, já tinha combinado com algumas que estavam aqui, porque assim eu sempre ouvia assim das meninas lá da minha cidade de pessoas normais héteros cis do só do meio, nossa você é tão bonita vai pra São Paulo que você vai ganhar dinheiro, o quê que você está fazendo aqui tá perdendo seu tempo, aí falei bom uma coisa que eu sempre soube até antes de vim pra cá era de fazer programa, porém era um caminho necessário para chegar até aonde eu queria, falei tá então que vou fazer vou pra lá. Pra você ter uma noção eu cheguei em São Paulo com 23 anos até eu chegar em São Paulo e cair na rua eu nunca tinha sido ativa na minha vida, eu tinha um problema pra você se ter uma noção eu vô falar, eu falo pra muita pouca gente, mas você vai saber agora. Eu cheguei no médico o meu órgão genital masculino estava infeccionando por falta de lavar, porque quando eu entrava no banho eu não queria por mão, então assim, quando alguém tentava me tocar já doía, só quando eu cheguei em São Paulo o que acontece eu caí na rua e a verdade da rua é a escola da vida né? Eu passei entender uma coisa ou eu aprendo a usar ou eu morro de fome, foi aonde eu comecei tomando estimulador tipo *viagra* essas coisas para poder funcionar e foram experiências ruins, tipo além de eu ficar nervosa acelerava meu coração, eu tinha efeito colateral me dava uma dor de cabeça terrível, mesmo eu não achava que era cem por cento não era legal, mais a minha vontade de vencer é muito maior eu falei não, não vou jogar a toalha, eu falei não porque quando eu

vim pra São Paulo minha mãe disse assim: “Você não vai durar vinte dias” . Já fazem onze anos que eu tô aqui, ela acreditava que eu não ia aguentar, que era fraca. Daí eu vim pra São Paulo cai lá na região central e passei por vários lugares e casas, uma única vez eu morei em casa de cafetina foi uma experiência horrível, eu parei na casa de cafetina porque eu praticamente fui jogada na rua, porque eu morava com menina da minha cidade nos dividíamos um quarto, um quarto na Amaral Gurgel com uma amiga e a gente dividia a diária, eu pagava a minha parte ela não pagava dela, foi se acumulando, se acumulando um dia ela pegou sua boa mala de viagem e foi embora. E essa menina ela se drogava, ela chegava a noite depois do trabalho ih... e jogava a comida no chão era terrível, aí o que acontece que a parte dela ficou pra quem pagar? Pra mim. Ela foi embora eu não dei conta, aí fui colocada pra fora, o único lugar que eu fui pra casa dessa cafetina, que era uma menina que morava na mesma rua que eu me levou pra lá. A única coisa que eu tenho que agradecer a Deus mesmo tanto nessa vida é que de uma forma ou de outra sempre colocou uma pessoa boa na minha vida, seja menina, ou seja cliente, eu já tive muito cliente que me ajudou ao ponto de eu falar eu não tenho dinheiro de ir embora, de não ter dinheiro pra comer, eles irem lá só levar o dinheiro pra mim. Passe por muita coisa. Quando eu fui morar na casa dessa cafetina eu tive arma apontada na cabeça, eu na época que eu sai da casa dela, ela começou a perseguir porque queria que eu pagasse rua no centro, e eu não ia pagar, eu sempre fui meia personalidade forte nesse sentindo, eu falei eu não vou pagar, aí me ameaçou várias vezes, aí parou um caro cheio de cara desceu pra me pegar, só deu tempo de correr pra dentro do hotel, aí depois eu viajei pra Minas pra dar uma arejada, quando eu voltei, já voltei pra ir pro Jockey. Aí falei bom, eu também não tenho peito de aço né? Graças a Deus eu sempre tive uma intuição de muito forte, sempre tive os orixás que me guiavam, que cuidavam sempre de mim, me tiravam de muita enrascada eu acho, porque também eu sempre fui um pouco bocuda (risos). Sempre fui um bocuda, eu sou até hoje não vou mentir. Então assim vamo lá, eu me lembro como se fosse ontem eu peguei a minha malinha na casa da minha mãe e ela e prima eu peguei carona com minha prima que tem uma lojinha de roupa e compra no Brás, e ela ia vim com marido dela de carro e deu uma carona, minha me levando e dizendo “ainda dá tempo de desistir” eu com um coração estraçalhado porque eu sempre fui muito apegado a minha família muito, com o coração na mão falei não vou olhar pra trás, se eu olhar pra trás eu desisto. Aí eu cheguei na casa da minha prima, a gente pegou o carro, o carro saiu, só de falar para você eu tô vivendo o sentimento, ela pegou saímo a ficou minha irmã e minha mãe lá parada e eu não olhei para trás, porque eu sabia que eu desistiria e no meio caminho antes de sair da cidade falei pra minha prima que todo mundo parece que testa a gente, a capacidade, no meio ainda da cidade minha prima olhou pra mim e falou “ainda dá tempo de desistir” ao ver meu rosto, ou o modo como eu tava, ela falou ainda dá tempo de desistir, eu falei, não, eu quero ir. Mas posso de garantir depois que eu passei a fazer a transição e não parei mais, depois que vim pra São Paulo o relacionamento com a minha mãe é a coisa mais maravilhosa do mundo, eu tenho prima próxima testemunha de Jeová, a gente se dá muito bem, e olha que testemunha de Jeová, eu passei o natal na casa da filha dela tudo testemunha de Jeová a minha prima de segundo grau ela é médica e a gente passo o natal em Passos na casa dela, quando eu vô pra lá essa parte da família fica muito junto, muito unida, eu me, dou muito bem com toda a minha família: primos, avós, avôs,

tias, tios com todo mundo, e isso é uma coisa que eu agradeço, isso é uma coisa que eu falo gente tenho uma família tão maravilhosa porque assim é tantas trans que são expulsas de casa tantas, eu conheci uma menina na Santa Cruz que foi expulsa de casa por ser trans, uma menina super nova, tava morando tipo em albergue aquilo me cortava o coração, aí eu falo nossa minha família é maravilhosa sabe? Eu já ouvi de trans é... falar pra mim um seguinte “Flávia eu sou soro positivo, eu bebo, eu me drogo sou depressiva, mas eu não sou depressiva por que eu sou soro positivo, eu sou depressiva por causa da solidão, minha família não me aceita”. Aí eu falo nossa que coisa. Porque quando você já nasce assim você é tão machucada pela vida, e a família é o único alicerce que a gente tem, é a única estrutura básica assim, e se a gente perde até isso, a gente perde o sentido da vida, assim as vezes imagina. Por isso que todo dia a Deus eu peço que cuido da minha família da minha mãe principalmente, porque quando eu tô lá no chão as vezes, que ainda vou pro chão que ainda as vezes eu caio, lembra da minha família é a única coisa que me dá força, de continuar. Então assim, a Flávia mulher trans que eu passei a entender no decorrer dos anos, eu passei a perceber que eu sou uma mulher determinada talvez nem não tanto como eu gostaria de ser, de quanto eu imagino na minha cabeça, mas que eu sou uma mulher forte, sou uma mulher determinada, eu sou uma mulher amiga, eu sou uma mulher companheira. Eu tenho os meus defeitos, muitos defeitos. Mas se eu for fazer um *flashback* de tudo que eu já passei e quanto eu cresci como pessoa eu fico feliz com o resultado, ih... é tão interessante isso, eu sou uma mulher trans, mas as vezes eu esqueço que eu sou uma mulher trans, pra mim eu sou uma mulher normal, mulher cis gênera (entre risos aparecendo seu sotaque), mas sempre tem um *engrasadim* que faz a gente lembrar né! Então pra mim eu nasci cis gênera, uma coisa que te falei, eu acho que eu tenho uma coisa quando eu converso com as pessoas eu contágio as pessoas elas falam que eu tenho uma coisa muito gostosa, tem uma senhora evangélica que tem uma venda aqui perto casa essas mulheres costumam ser um pouco mais críticas até por questão da religião. Nossa eu vô lá ela me trata como se fosse uma rainha “aí você tem uma energia muito boa, você anda sempre de bem com a vida”. Eu posso tá no chão, mas eu estou sempre brincando sorrindo , tá as coisas não tão fáceis legal, só por isso eu vou viver na tormenta não, amanhã é outro dia, então assim hoje como mulher trans eu sou feliz, acho que a felicidade 100% não existe acho a felicidade plena, tem coisas que gostaria de mudar, ah vou mudar fisicamente falando, eu tenho um problema eu acho que eu comentei com você aquele dia, vamos falar silicone industrial eu era muito nova, a vontade de ter um corpo escultural, a vontade de ter um de menina era muito grande, nova sem juízo, sem conhecimento, sem alguém pra ti auxiliar se faz besteira, e a besteira que eu fiz foi colocar silicone industrial. Se eu pudesse voltar no tempo eu não faria de novo entendeu? Porque mudou bastante a minha vida me limitou, me limitou bastante. E eu tive que apreender a conviver com isso com as minhas frustrações. Vamos lá eu coloquei silicone industrial morava na casa de cafetina eu não pude fazer o repouso, foi assim que desceu pro meu pé, hoje não consigo usar quase nenhum tipo de sapato, a não ser um tênis fechado, isso me causa um enorme frustração e tristeza, eu não consigo ir a uma praia porque não vou pôr um chinelo, eu não consigo ir num club ou na piscina e colocar um chinelo, isso me traz muita tristeza entendeu? Foi uma escolha minha, e eu tenho que arcar agora com as consequências né? Então assim, isso já faz tanto tempo, mas mesmo

assim isso me traz um aborrecimento diário sabe, e não tem como voltar a trás, então você entende essa busca da feminidade poderia dizer da perfeição, mas eu acho que não tem muito a ver com a perfeição, tem mais a ver do querer ser feminina, do que é ser feminina porque a gente coloca essas coisas no corpo em busca de ter um corpo feminino, de sentir melhor, se olhar no espelho e se gostar mais, mas as vezes a gente enfia os pés pelas mãos. Hoje em dia com tanta informação não vê meninas trans mais fazer isso colocarem essas coisas no corpo, seu eu tivesse a instrução que elas têm talvez eu não faria né? Se eu tivesse tido né? Mas vou até, a gente está numa conversa informal, mas eu vou mostrar pra você ver como é (mostra os pés) por isso eu não consigo usar muitas coisas, eu morro de vontade de usar outros tipos de roupas, mas que não combinam com o tipo de sapatos que eu uso sabe, roupas mais femininas, eu tô presa a isso. Vamos lá, eu consegui cirurgia gratuita, já cheguei a fazer na virilha para tirar para operar, só que pretendo um dia tentar operar, mesmo que a cirurgia seja gratuita eu tenho que tá com uma condição financeira legal, porque requer muito repouso absoluto e o médico me falou que não é questão de uma cirurgia só, as vezes é duas, três. Porque cê fez uma e o lugar é onde desce mais, aí tem que operar de novo e assim por diante, sendo até um risco. É um risco muito grande, mas as vezes, eu sei que não deveria ter esse pensamento, mas as vezes eu me sinto até uma coisa esquisita, como se eu fosse um ser estranho todo deformado sabe? É por isso que eu te falo você precisa ter um nível de maturidade para lidar com essas, senão você fica depressiva, senão você pira sabe? Isso influencia diretamente na minha vida pessoal, de vez em quando eu falo assim poxa, eu tava casada a um tempo atrás, eu tenho uma enorme dificuldade de dizer sobre isso, mas eu nunca toquei nesse assunto, não sei se percebeu, se percebeu foi discreto, mas ele sempre brincava comigo assim “aí quero te dar um tênis de presente. Eu só uso botinha e ele gostava de tênis esportivo, eu quero te dar um tênis de presente que número você calça, esse assunto é mais desconfortável da minha vida quando alguém vem falar isso comigo, eu sempre dava um jeito de fugir sabe? É... eu não sei te definir, mais ou menos isso, mas enfim. Mesmo com todos esses “poréns” ainda consigo ser feliz, ainda consigo sonhar, ainda consigo imaginar, ainda consigo acreditar que uma hora as coisas dá, que uma hora eu não vou precisar ir pra aquele lugar. Na sociedade apesar da Ana Flávia não ser uma mulher trans passável, porque eu vou te falar porque como eu te disse eu sou uma pessoa muito autocrítica, a minha imagem nossa... não adianta falar pra você que eu sou feliz, mas ninguém sabe como está aqui dentro, porque fisicamente eu teria que nascer de novo (risos). Então a gente tem que se conformar o que tem pra hoje é isso. Na sociedade apesar da Ana Flávia não ser uma mulher trans passável, eu acho que sou muito respeitada, eu não ouço tanto como no começo da transição a “chacotinha” sabe? Não sou piadinha tanto no começo da transição, porque a partir do momento que você vai refinando um pouco seus traços você vai sendo melhor aceita né, olha que coisa, que coisa doida né? Por isso que eu falo assim, a gente vive uma sociedade que tem um padrão de beleza né? Tudo que foge daquele padrão de beleza é hostilizado né? De uma certa forma é incrível como as pessoas são né? Então a partir do momento que você vai refinando mais seus traços você vai tendo uma vida mais tranquila. Apesar de não ser passável eu tive uma educação, eu sei me impor, então a minha imagem é bem melhor do que tempos atrás, então isso me traz uma certa segurança, e um certo respeito. Eu acho superlegal, eu moro aqui nesse bairro uns 6 anos,

eu vou no *Carrefour*, eu no terminal João Dias, eu vô no Extra no Açai eu conheço muita gente até os próprios trabalhadores todo mundo fala comigo, brinca, conversa? As vezes se eu dou uma sumida eles perguntam “está tudo bem, tá sumida”. Eu fiz amizade lá Jockey olha que interessante, lá no Jockey lá na onde a gente fica daquela parte de cima onde era uma empresa perto dos seguranças, um lugar que tava vazio alugaram, agora um salão de beleza que veio do Jardins. Só que a gente não sabia que era um salão, mas tinha uma moça que descia ali num carro muito simpática as vezes dava uma brincada, conversava um dia parei ela e falei escuta aqui vem cá o que é aquilo lá, ela contou é um salão não sei o quê, no que ela contou um salão, ela tava com assistente dela do lado eu falei legal porque eu já trabalhei em salão, já fui cabelereira e tal, meu... o salão é da cidade jardins um salão chique. Aí eu conversei um pouco com ela sobre o Jockey não era nenhum *glamour* nem nada, ela já passou o contato pra mim, ela me manda mensagem, ela falou assim eu vou te ajudar você sair desse lugar. Hoje teve um caso lá que o motoqueiro saiu acelerando e a polícia subiu correndo doida atrás dele, na mesma hora ela mandou mensagem, “oi Ana tudo bem a gente ouviu a polícia subindo aqui aconteceu alguma coisa tá tudo bem?” Eu falei não tá tudo bem, ela falou “aí eu fiquei preocupada qualquer você me chama viu”.

Paulo: ela é a dona?

Flávia: não acho que ela é cabelereira, e assim uma pessoa que eu conheci uns dois dias e está uma energia tão boa, parece que a gente já se conhece e ela passou hoje lá parou no ponto e disse: “olha não esqueci de você não viu? Vou te ajudar. Falei nossa que legal, sabe assim quando você conversa com uma pessoa que parece que o fato de você ser trans não relevante sabe? Você é só mais uma pessoa isso é tão bom sentir isso sabe? Porque eu cheguei a perguntar pra ela você vai arranjar algum trabalho pra mim, ela falou que tinha uma amiga com salão que sempre também está precisando. Aí eu quase falei pra ela, mas eu sou trans, mas isso não devia ser um quesito né? Isso não devia importar, eu falei, mas eu perguntei se não ia ter problema de eu ser mulher trans, não deveríamos chegar a esse ponto de perguntar isso né? Tipo eu tenho capacidade eu sou trans e aí? Mas aí sabe, as meninas me criticam muito Paulo porque as falam que sou uma pessoa que converso muito, quando estou ali trabalhando eu conheço alguém seja mulher, seja homem, seja o que for, eu fico ali conversando horas, aí as meninas falam: “você fica só aí conversando, você quer ganhar dinheiro como? Aí entra um diferencial, que eu vou te falar agora, eu valorizo muito mais a pessoa, uma boa conversa do que dinheiro. Quando eu conheço uma pessoa que eu sei que é especial, que eu sei que é diferente, é o tipo de pessoa que você gosta de ter na sua vida, sabe aquela pessoa que conversa por duas horas, parece que passou dois minutos se ficaria o tempo todo conversando. Outra coisa eu ver programa de astronomia falar planetas, de constelações de vidas em outros planetas, de... sabe eu fico fascinada eu adoro como mulher trans, eu adoro programa de carro, eu adoro assistir corrida de fórmula 1, eu sou fascinada por formula 1, entendeu? Quando eu falo, muitos dizem nossa quando eu falo que adoro jogar vídeo game, eles falam não acredito. Eu não sou aquela menininha “frufuzinha”, eu sou “mulecona”, se você me chamar para ir no *shopping* ou fazer uma trilha, eu prefiro fazer uma trilha, eu queria acampar se entende? Aí não vamos fazer compra? Que compra, pra que compra, me chama pra fazer outra coisa produtiva (risos).

Flávia: O que acontece no Jockey é só a ponta do iceberg, tipo assim muitas meninas vão prostituição porque é a única opção que tem entendido? As pessoas criticam você está na rua fazendo programa, mas elas não te dão oportunidade de sair disso, então assim as vezes acho muito frustrante a pessoa falar assim, eu escolhi ser mulher trans, sou feliz, mas para ser trans eu preciso me prostituir eae.. as vezes aquilo fere tanto a pessoa porque no momento as vezes tem trans trabalhando? Tem. Mas se a gente for fazer uma pesquisa de quem estiver trabalhando deve ser uns 10%? Será que chega a isso? Que estão empregadas formalmente, então eu mesmo conheço muitas que gostariam de sair, então o fato de estar ali, de estar acontecendo as agressões com esses seguranças que são policiais, que são militares, é só um pontinho pra mim do problema. As meninas estão ali precisam trabalhar, mas o problema maior pra mim são as oportunidades, porque lá tudo bem tem os seguranças que agredem, que oprimem. Pensa comigo se tivessem oportunidade para as pessoas trans talvez ali não teria ninguém, se a gente tivesse o mesmo grau que uma pessoa cis tem, talvez teria muito menos pessoas na rua fazendo programa, talvez um dia, quem sabe talvez nem teria. Cê entende? Isso é um ponto que frustra, até por mim, por várias outras, sabe? É... eu vejo a vida passar o tempo passa, os anos passam e parece que nada muda. Claro muita coisa mudou, mas a gente enfrenta o preconceito, mas temos mais oportunidade de discussão, o assunto passou a ser falado muito mais, muito mais abertamente né? Sobre sexualidade, sobre gênero, passou a ser um assunto muito falado, mas ainda tem muita coisa pra se caminhar, é só um pequeno passo a caminha é muito longa ainda, espero que coisas tendem a mudar. Infelizmente com o presidente que a gente tem no poder as coisas só vão regredir, infelizmente temos uma coisa tão chucra de cabeça de mentalidade tão pequena, de tanta falta de conhecimento na verdade né? Mas ainda tenho esperança que isso ainda vai melhorar. Ainda tenho esperança que as pessoas trans ainda vão poder chegar nos lugares pra poder procurar um emprego e não vão ser avaliada pela sua aparência.

Põe na roda Erika Mickhouse

Paulo: Erika põe na roda sua idade, a sua relação com sua família? Pode trazer o que você quiser.

Erika Mickhouse: Meu nome é Erika Mickhouse eu tenho 34 anos, e assim eu já trabalho há 17 anos já na noite São Paulo entendeu e assim eu comecei a eu comecei transformar meu corpo com os 18 anos de idade esperei até uma data. Quando eu fiz 18 anos de idade eu comecei a fazer toda a transformação no meu corpo. Ih... assim hoje eu sou uma mulher trans entendeu, me amo, me adoro graças a Deus. No começo foi muito difícil para minha família aceitar né, porque eu só fui criado pela minha mãe, fui criado pelo meu pai pela minha mãe até os 7 anos, quando chegou 7 anos minha mãe separou do meu pai, eu fiquei morando com a minha mãe. Então aceitação foi bem difícil foi bem complicado no início. Minha mãe chorava muito porque ela não queria ter um filho trans a preferência dela ela pode até ter um filho trans, mas que fosse gay entendeu que andasse com roupa mais masculina, porque o preconceito seria menor entendeu. Então assim o fato da violência sofreu muito porque assim eu não sou de agora já vivi muitos anos atrás, nos meus 8 anos de idade praticamente era um... uma criança já assumida entendeu, mas o preconceito era muito difícil ainda mais em São Paulo. A gente levava pedrada entendeu quando a gente andava é até assim na minha época, na minha época o que era demais travestis os que

virava trans é muito difícil você vê era um em cada bairro cada bairro onde moto tinha eu tinha uma. Então assim a gente acaba se conhecendo, hoje em dia agora tem milhares né, através de nós né, que viemos primeiro apanhamos muito entendeu? Para conseguir chegar aos 34 anos que a faixa etária de idade para uma mulher trans no Brasil é até 35 anos né, não passando disso acaba não chegando não né, porque a violência é demais. Porque assim se hoje eu tô viva eu estou super bem graças a Deus é através do meu trabalho e através de eu ter um carro porque assim eu tenho um carro que eu não ando muito de pé né, eu ando mais de carro do que de pé na rua, então assim A violência para mim é acaba sendo um pouco mais difícil, mas que eu não deixo algum lugar dependendo do lugar onde eu tô, sempre tem aquela violência de olhares entendeu, tipo de comentários, mas nem por isso né, graças a Deus eu me amo entendeu? Sou Paulistana entendeu, sou negra também amo minha cor entendeu, támo aí na luta não podemos parar.

Paulo: Oh Erika nesse seu período de 17 anos enquanto garota de programa no Jockey Club né? Como é que é viver o Jockey por 17 anos?

Erika Mickhouse: Ah é bem difícil, assim não posso reclamar que assim, graças o que eu tenho é graças ao Jockey Club entendeu? Através de muito sofrimento entendeu, muitas noites de frio pedrada tiro de polícia entendeu, porque aqui é assim entendeu a onde rola o dinheiro sempre tem suas máfias né? Então assim como quando não era cafetão, quando não é era cafetina entendeu? É a própria polícia entendeu, assim oprimindo a gente entendeu, fazendo a gente para a gente sair do local, porque assim todo mundo quer ganhar no local entendeu, não é um... é vários todos mundos quer ganhar entendeu? Porque acaba sendo um bairro rico e tudo né, mas o que acontece, mas o que muita gente não sabe que antes de eu chegar aqui já existia o que essa avenida aqui como prostituição já tem mais de 50 anos, então assim até os moradores que mora aqui eles sabem, já conhece que a prostituição sempre existiu aqui entendeu? E támo aí.

Paulo: Você falou no começo da relação com a sua família né, da violência, de ser negada pela sua mãe porque ela queria que você fosse você fosse gay ao invés de travestir

Erika Mickhouse: Isso.

Paulo: E por que que ela por que que ela não queria?

Erika Mickhouse: É porque ela ainda não conhecia tanto né assim, ela tinha um pouco de receio né do que as pessoas iam falar os amigos de trabalho que ela trabalhava num lugar entendeu, e nesse lugar que ela trabalhava era na Força Sindical, e ela tinha medo de os amigos dela saber que tinha um filho trans dentro de casa porque ali já comentava, já tinha muito preconceito né, então se ela tinha certo receio até dos amigos dela me vê entendeu, me ver depois para tirar chacota dela para ter um filho trans entendeu e graças a Deus hoje em dia eu sou um dos filhos mais querido dela. Hoje graças à Deus eu sou travesti mesmo entendeu, é coloquei peito fiz várias plásticas, é tenho meu marido entendeu, moro no mesmo quintal que elas têm uma ótima relação graças a Deus, não só eu e ela, mas como o restante da família entendeu. Então assim eu plantei uma agora eu tô colhendo entendeu, mas foi muito difícil para mim chegar até onde eu cheguei para

mim ter o respeito da minha própria família. Minha família no início me via só como mais uma entendeu? Vai virar travesti, vai ser aquela travesti esculachada entendeu, uma travesti de beira de rua, mas não, eles viram que eu sou totalmente diferente, sou totalmente o oposto eu trabalho a pagar minhas contas, eu corra atrás eu luto todos os dias. Pra no futuro eu estar bem e procurar outra profissão viver melhor né ter outra qualidade.

Paulo: Como está a questão da escolaridade?

Erika Mickhouse: Então não vou mentir eu parei na sexta série, porque assim eu fui estudar em uma das escolas quando era mais jovem eu acho que eu tinha o quê meus 18 anos, 18 não 17 para 18 e assim eu sofria muito bullying na escola muito bullying mesmo? Então assim eu acabei não aguentando então eu só estudei até a sexta série já teve, uma escola que eu acabei sendo expulsa e... eu acabei saindo de dentro uma viatura duas escolas, duas escolas de onde eu moro acabei sendo no expulso porque assim o preconceito era tanto e eu não ia ele não me aguentava das pessoas com preconceito eu reagia então toda vez que eu reagia sempre sai como errado eu nunca sei como certo. Pelo fato de que hoje eu ser homossexual entendeu de eu ter uma opção totalmente diferente dos outros meninos então essas duas escolas acabei sendo expulsa e chegou um momento que eu acabei eu acabei procurando outros caminhos entendeu pra mim ganhar dinheiro então eu acabei deixando o estudo de fora porque eu nunca imaginei que hoje até a porta do mercado de trabalho que eu já estava funcionando, eu pensei que não ia ter o mercado de trabalho eu pensei que a gente ia ser sempre mais uma entendeu, porque até hoje dia até o emprego ainda continua difícil com travestir, é mais fácil um sapatão achar um emprego que é um travesti ganhar um emprego.

Paulo: E por que você acha que é mais fácil sapatão arranjar emprego do que um travesti?

Erika Mickhouse: O que outra coisa eu não sei porque, eu aí eu acho que o respeito entre eles acaba sendo até melhor, o homem ele veio com outra visão, sempre quem acaba sendo patrão quase nunca é a mulher sempre acaba sendo sempre ser no homem então para o homem ele aceita muito mais um sapatão do que um do que um homem gay, do que uma trans entendeu?

Paulo: Érica é você falou que você é casada. Como a experiência de ser casada? Sempre sonhou em casar ou um sonho se realizou?

Erika Mickhouse: Assim não é que é um sonho né porque assim eu já fui casada duas vezes né, já foi casada dez anos entendeu, eu me casei com 19 anos era bem jovem entendeu? E assim que acabei de casa dez anos depois eu separei arrumei outra pessoa fiquei um ano separei depois arrumei outra pessoa é quase o caso da *Gretchen*, depois arrumei outra pessoa fiquei cinco anos e separei dela agora já vai fazer um ano qualquer outra pessoa então assim eu não estava planejando essa última separação que eu falei não vou ficar sozinha, eu não quero mais casar com ninguém, eu não quero mais me envolver com ninguém porque eu só me desiludi entendeu só me dizer nos dias de prejuízo financeiro entendeu? Assim com essa questão de estar casada, está casada eu sempre

querer ter alguém do lado porque eu acho que não precisa ter ninguém do nosso lado pra gente se amar, primeiro lugar nós segundo nós, segundo nós e terceiro nós entendeu? E assim agora estou casada de novo, estou curtindo o momento entendeu e assim meu marido que entrou na minha vida eu tenho 17 anos que eu conheço ele mora na rua da minha casa a gente era amigo quando era mais jovem entendeu eu nunca imaginei que eu ia querer ficar comigo e assim ele é pai tem um filho de 8 anos entendeu e acabou acontecendo, acabou acontecendo ele me mandou uma mensagem a gente acabou se aproximando e tamo aí junto um ano.

Paulo: Érica a mulher trans, o corpo da mulher trans tem Esperança?

Erika Mickhouse: Lógico que tem, tem que ter, o mercado de trabalho tem que dar oportunidades para a gente né, porque assim as pessoas têm que a gente não só pelo corpo porque o corpo não diz nada o que dizer a mente no dia a dia o corpo bonito no temente entendeu é mais fácil é feia e tem uma mente boa, então pensa assim.

Paulo: Certo. Erika é eu percebi algumas falas suas né que vocês construiu sozinha você fosse levantar sozinha né é? O Jockey como vive o Jóquei, como se dá os acontecimentos com relação a essa violência dos corpos de vocês?

Erika Mickhouse: Começou em 2017 né, porque assim eu vou alguns policiais que chegou aqui no bairro começou a ver entendeu como o movimento do bairro. Começaram a ver que era um bairro que é que que a classe média alta entendeu, que eles começaram a tentar ver um meio de arrancar dinheiro porque aqui também é assim nós só pelo fato de ter a gente mas como qualquer outro bairro que tinha pessoas do porte que tenha aqui vai ter a criminalidade, porque assim entendeu o que é uma praça com toda portanto assim toda a praça em São Paulo se tiver sempre vai ter criminalidade é porque é uma praça pública uma praça aberta entendeu então ele acabou criando olha que nos morador acabou ver os carros dos moradores entendeu, eles acharam uma maneira de como arrancar dinheiro entendeu? Então assim chegou um deles aqui começou a trocar ideia com todas as meninas entendeu, e aí até que conseguiu chegar até associação dos moradores. E aí falou que é da segurança tudo aí foram na prefeitura achar uma maneira de fechar todas as ruas entendeu para tentar inibir a gente para tentar bloquear a gente falava que ajudar a gente com auxílio tudo entendeu foi passado até na rádio jovem pan passou em vários canais que ele se ajudar a gente, mas tudo só veio acontecer através da violência primeiro aconteceu a violência de começar a vim aqui bater na gente espancar a gente dar tiro na gente entendeu? Aí depois entendeu esse procurar a mídia e foram com outra versão para a mídia e assim até as ruas fechadas nem a mídia ficou sabendo que elas fechadas aí fechar todas as ruas entendeu, que é sempre o mesmo direito que os moradores também têm e aí e aí a violência continuou até hoje, hoje não é possível começou em 2017 já tem 2021 e até hoje ele continua aqui do bairro ganhando propina aqui dos moradores. Só vejo eles apaisana aqui dentro do bairro se é policial militar policial tem que estar com a viatura não fora do horário de trabalho trabalhando aqui.

Paulo: Érica como é que esse corpo experimenta o mundo?

Erika Mickhouse: Aí eu como experimento mundo, o mundo é maravilhoso ué. O corpo trans é isso o mundo é maravilhoso as coisas que são muito boas eu gosto de viver o mundo só é um pouco difícil né, no início é tudo difícil a gente sai de casa você enfrenta uma guerra né, se você sai, mas não sabe se vai voltar para casa.

Paulo: É não sabe se vai voltar para casa, porque se trata de um corpo trans?

Erika Mickhouse: Isso porque a gente não sabe né, tem um medo né quando sai de casa né, além de ser um corpo trans é um corpo trans é negra entendeu, então tem tudo isso tem um medo da violência, e pelo fato de ser trans, porque ser trans aqui no Brasil em São Paulo não é fácil. É o que eu falo tem que saber andar atendeu, saber entrar e saber sair e se você não sabe entrar e saber sair você não sai pra lugar nenhum.

Paulo: Outra coisa que eu queria te perguntar e eu não vou te perguntar Érica tem sonhos?

Erika Mickhouse: Lógico que eu tenho vários, penso no futuro entendeu gosto muito de ver confeitaria então se eu já viajei para fora do país conheci muitas coisas diferentes entendeu, então eu tenho outros sonhos mais para frente de abrir alguma coisa em italiano aqui no bar aqui no Brasil, não sei ainda não estou vendo não é devagarzinho devagarzinho. Mas é o primeiro preciso sair daqui me informar para depois eu conseguir abrir esses são os meus sonhos mas, mais no futuro mais à frente então aí, está na mão de Deus.

Paulo: Você se acha uma guerreira?

Erika Mickhouse: Lógico eu sou uma guerreira pelo tempo de estrada que eu tenho com certeza sua guerreira estou aqui até hoje trabalhando lutando entendeu sem fazer mal para ninguém com certeza. Tenho expectativas e de vida assim. Como qualquer outro ser humano.

Paulo: É o que você vê do lugar que você trabalha?

Erika Mickhouse: O que eu vejo do lugar que eu trabalho que é existe muita hipocrisia enquanto muitos tudo enquanto muito se tem carro de milhões, muitos embaixo da ponte aqui sem ter nada entendeu sem ter nada passando fome, passando necessidade, tem muitos que moram aqui que passa que eles viram a cara para a gente como se fosse bicho como se a gente não fosse um nada entendeu, mas por que pelo porte de vida que tem entendeu? Então assim o que eu acho que existe muito aqui em São Paulo é isso é muito injustiça muito tempo demais outros de menos aí muitas pessoas falaram é porque não estudou tá mas também tem muito nordestino que vem para cá e também tem também tem mesmo sem um estudo entendeu então tenha atenção diferença.

Paulo: Qual a importância do ser mulher?

Erika Mickhouse: A importância de ser mulher é se amar e amar as outras mulheres também, é porque assim eu sou uma trans entendeu, mas eu amo a mulher também porque eu vi uma mulher né graças a Deus, minha mãe é uma mulher entendeu então assim eu amo as mulheres então eu me espelho nelas entendeu, não quero ser uma mulher, eu não

sou nenhuma mulher eu sou uma travesti? Porque eu sou da época entendeu que não existe esse negócio de mulher trans essas coisas era travesti, gay, lésbica entendeu era assim que a gente fica é assim que se conhecer hoje tem vários nomes agora é mais diferente tudo então se eu me vejo como uma mulher travesti entendeu assim eu me amo entendeu que era dia que passa.

Paulo: E a luta onde fica a luta?

Erika Mickhouse: Aí a luta vou ser bem sincera pra você, para ter a luta a gente tem que vestir a bandeira entendeu mas com respeito, então assim eu sou uma mulher eu sou uma travesti então assim eu acho que poder brigar, lutar gente tem que ter respeito, respeito e o que acontece com muitas travesti é que elas não são respeitadas. Então assim a gente correndo atrás do respeito dessa maneira a gente nunca vai achar o respeito primeiro lugar que ele vem ele vem de casa então você entendeu eu tenho um momento que eu tô trabalhando ainda assim eu me visto sensual mas eu não fico com as partes íntimas de fora entendeu não fico um peito para fora eu acho que é um desrespeito à sociedade também, então assim entendeu trabalho com meu carro sempre, sempre muito bem vestido entendeu? Tem-se um decote realmente um assanhamento tem entendeu, mas com nada para fora entendeu estou achando se a gente quer o respeito a gente a gente que dá o respeito primeiro lugar com respeito veio de casa você não tem respeito em casa vai ter respeito lugar nenhum. Aqui é Erika Mickhouse ahahahahaha.

Põe na roda Nicolý

Paulo: põe na roda sua idade, a sua relação com sua família? Pode trazer o que você quiser.

Olá meu nome é Nicole Rodrigues dos Reis sou uma transsexual preta e tenho 35 anos de idade a... minha transição quando eu comecei desde criança é desde criança sempre foi muito afeminado então tipo não precisou eu me revelar como transexual ou como gay eu como homossexual para a minha família porque todos já sabia porque desde criança sempre gostei era mais pro lado feminino gostava sempre de brincar de boneca e é isso, ih... na escola todo mundo já via me xingava de bichinha tinha aqueles *bullying* né? Aí viadinho, bichinha e assim foi. Aí na minha adolescência com 14, 15 anos eu comecei a deixar fazer a minha transição deixar o meu cabelo crescer, tomar hormônios né? Foi aonde eu me identifiquei uma transexual, morava com a minha mãe estudava conforme passar muito preconceito e *bullying* na escola eu acabei brigando com o professor e sair da escola, ou seja eu não concluí meu ensino médio e eu sempre tinha que trabalhar comecei trabalhando com o meu padrasto de servente ajudante de obra né foi muito difícil, mas tive que trabalhar, mas fazia isso mais pelo dinheiro para não ter que seguir outros espaço como na carreira de... profissional do sexo, aí trabalhei com o meu padrasto dos 15 aos 17 anos de servente ajudante de pedreiro depois fui trabalhar em uma lanchonete. Aos 17 anos eu virei gerente de uma empresa de anunciante só que eles não queria me registrar fiquei trabalhando 1 ano e 8 meses e eu já estava já na minha transição já estava

formando os seios cabelo já estava um pouco mais comprido e eu descobri com uma amiga minha de fazer programa, vi que na rua estava dando muito mais do que trabalhar na lanchonete porque na lanchonete eu trabalhava ganhava 2,20 na época a hora trabalhada então disse para muito sofrido e a minha transição estava custando muito caro porque a gente quer se vestir a gente quer se arrumar entendeu então tudo é muito mais caro para a gente né aí eu saí da empresa onde eu trabalhava e fui começar a fazer programa e morava com a minha mãe e meu padrasto foi daí que eu praticamente criei a minha irmã que minha mãe teve um filho depois de 45 anos criei ela e minha mãe trabalhava eu tomava conta dos casa durante o dia e à noite eu fazia programa só que para minha mãe na hora estava bom aí ela me expulsou de casa eu ia completar 18 anos, fui embora de casa com uma mão na frente outra atrás só levando alguma roupinha e de lá para cá eu nunca mais voltei a casa da minha mãe fala com minha mãe em tudo até agradeço ela ter me expulsado porque para mim foi um aprendizado né? Apreendi muito na rua foi fazer programa onde para chegar na rua vinha muitas outras transexuais querendo vir cobrar a rua de mim botar para correr eu tive que enfrentar muito correr, né? Aí nesse decorrer do tempo eu comecei trabalhar conquistei o meu espaço né de garotas de programa na rua e fiquei trabalhando na rua durante 16 anos, com esses 16 anos graças a Deus nunca me ocorreu de nada de clientes vim querer me bater deixar de mim pagar nada disso aconteceu comigo mas pelo outro lado é... ao invés de a polícia militar defender a gente eles apontava a gente, ameaçava a gente se queria cobrar da gente se é várias vezes já passou policiais é num ponto onde eu trabalhava me xingando de macaca e pedindo para eu sair do local que ia dar a volta porque você me encontrasse no mesmo local iria me matar, já tive vários confrontos policiais e na região onde eu trabalhava em São Paulo na avenida muito conhecida que se chama Jockey Club de São Paulo é onde existe várias garotas de programa transexuais a mais de 35 anos e na época que eu fui para lá não quase não tinha moradores só tinha empresa aí de repente do nada começou a aparecer moradores e querer fechar as vias para proibir a gente de fazer programa lá e nisso eles contrataram os policiais né para poder fazer a segurança do local aí nisso eles botavam os policiais para tacar bomba na gente bater na gente agredir a gente expulsar os clientes é tentar roubar os clientes, extorquindo, falando que ia que é levar isso para a polícia e muitas das vezes é eu te comprei com o decorrer desse tempo eu comprei um carro e às vezes se eu não saísse com meu carro de lá junto com o cliente e deixasse meu carro na praça ele sempre furava os quatros pneus e às vezes eu ia tentar fazer um boletim de ocorrência e não tinha como porque o mesmo policial que fazia o trabalho privado lá trabalhava na PM durante o dia então era muito difícil eu não sabia para onde é correr pedir um socorro porque nós transexuais a gente não temos não temos voz na sociedade então a gente são vistas sempre como marginais aí tinha umas amigas minhas começou a fazer plásticas etc e tal, aí muitas vinha de fora aí eu dava minha casa falava que eu cuidava delas das pós cirurgia e foi aí que eu conheci uma... uma moça que me ajudou muito que foi aonde ela praticamente me tirou do mundo da prostituição né, ela me ajudou muito eu fui cuidar dela ela sabia que eu cuidava de garotas posso fazer cirurgia né, ela pediu para mim cuidar dela que ela ia fazer uma plástica que ia trocar os seios e se eu poderia cuidar dela durante uma semana a gente fechou um valor aí nisso ela acabou gostando muito de mim, aí eu contei a situação que eu sofria muito na rua devido os

policiais não deixar a gente trabalhar ficava muito em cima da gente jogava na nossa cara batia com pau teve amiga minha que já te levou tiro, de tiro de borracha na bunda e tipo não deu nada aí ela viu que essa trajetória de trabalhar na rua era muito perigoso aí ela pediu para mim se eu queria continuar trabalhando com ela como assessora, aí foi daí que tipo minha vida deu uma reviravolta né, eu comecei a trabalhar com essa moça né, de assistente pessoal cuidando das coisas dela é marcando ensaio fotográfico porque ela é uma musa e miss né, e eu ela me deu várias oportunidades de tipo nunca fui um lugar num shopping muito fino JK ela me fez me proporcionou em isso viagens né, e tipo eu do lado dela as pessoas me tratavam normal na alta sociedade entendeu? E se eu não tivesse com ela as pessoas já me olhava meio diferente né, e preconceito a gente sempre sofre né é claro que hoje tá um pouco menos, antigamente eu sofria mais passava na rua as pessoas chamava de viado, falava que ia morrer que ia tacar fogo em mim, e hoje em dia muitos olhos sempre tem uma piadinha outras mal gosto e... aí a gente vai levando né, mas não é todo dia que a gente tenha Santa paciência, às vezes a gente se vira xinga quer debater né, porque a gente... a pessoa olha de cara feia a gente quer saber por que que a pessoa está olhando para a gente de cara feia entendeu? Como se a gente fosse uma outra pessoa, um alienígena fosse uma pessoa estranha sendo a gente é uma pessoa normal e muita gente vê a gente transexual como algo muito negativo é como se a gente fosse sempre à brava, sempre barbaqueira aí muitas pessoas que não falava comigo aí chega na minha vezes começa a conversar comigo aí fala nossa acho que você tá brava e você é super legal, aí tira todo aquele conceito sabe da transexual, mas mesmo assim sempre fica com o pezinho atrás né.

Paulo: O que que você pensa Nicole é sobre esse corpo trans né? O quê que esse corpo trans experimenta, existe esperança para o corpo trans?

Nicolly: Então o trânsito eu não tenho muita esperança né, porque praticamente tô na estatística de vida, porque é... transexual no Brasil se ela passar dos 35 anos ela é uma guerreira entendeu porque a estatística de vida de uma transexual aqui no Brasil é até os 35 anos de idade entendeu? Porque aqui no Brasil é muito violento e muitas morre não consegue chegar aos 35 anos de idade e se eu passar dessa esse ano vou me sentir muito privilegiada né, e o que eu penso tipo que que as pessoas nos respeito porque a gente somos pessoas igual as outras pessoas, a gente sente amor, a gente sente ódio a gente quer estar no lugar onde todo mundo quer estar esquece sentir bem sabe a gente quer chegar no lugar e quer ser tratada normal sabe não chegar em um lugar onde a pessoa não sabe se tratar como você deve ser tratada como uma pessoa normal, aí fica na dúvida ainda de aí como que eu posso te chamar senhor ou senhora entendeu? Pra mim conquistar a minha identidade de gênero trocar o meu nome nossa foi uma dificuldade eu tive que arrumar um advogado para poder ir lá falar que eu tinha o direito de ter o meu nome de trocar o meu nome que é um direito eles queriam me cobrar 3000,00 reais, sendo que era uma coisa, que é o nosso direito a gente lutou por isso, então eu não tenho que pagar por uma coisa que a gente está lutando foi isso daí foi uma conquista né e até hoje ainda falta um documento que a CNH minha que eu não estou conseguindo fazia uma transição de nome porque eles tão querendo dificultar uma coisa entendeu? Mas o meu objetivo é casar eu

agora eu estou namorando né, estou quase noiva eu pretendo ter a minha casa conquistar o meu espaço sabe, ter filhos quem sabe adotar uma criança, sabe ter cachorro eu sonho ir para uma igreja casar assim porque não eu sou um ser humano eu acho que Deus quando criou a gente não falou que ai o que é certo o que é errado, ele falou simplesmente chama o próximo entendeu e eu não sei porque o do ser humano é tem tanto ódio no coração se que não quer ver o próximo feliz sabe tipo ficar muito incomodado então a gente é uma pessoa normal, a gente eu só queria tipo um pouco mais de respeito né um pouco mais de espaço para a gente um pouco mais de voz, porque as transexuais são vista como marginal com uma coisa negativa, se você pesquisar ai uma coisa coloca transexuais, transexual matou transexual fez isso, mas ninguém sabe o motivo o que a gente está sofrendo a gente que só é vista com os marginais como o errado como algo negativo né? Então a gente chega no shopping dependendo do jeito que você está vestindo, eles te olham ignora se você está vestindo um pouquinho melhores vai lá tenta te atender um pouquinho melhor às vezes se a coisa não tem um preço eles querem vender pelo dobro porque já aconteceu de eu chegar dentro de um bar e eu vi que a *Coca-Cola* era 5,00 o cara queria me cobrar 10,00 entendeu? E me tratar como ele se é no que eu estou disse da maquiada produzida como uma mulher, como uma senhora, como uma dama entendeu? Então acho que a gente merece um pouco mais de respeito e a gente está cansada de sofrer.

Paulo: Nicolý olhar para o passado dói ou te dar força?

Nicolý: Olhar pro passado me dá força né porque... às vezes hoje eu queria ter tentar terminar a minha escolaridade né, terminar o ensino médio fazer um curso, só que daí às vezes eu paro e penso meu a minha vida é difícil ou eu paro de trabalhar que eu moro de fome e não vou ter como pagar aluguel eu vou estudar os dois não tem como eu fazer, mas o meu sonho é terminar e ter um curso um diploma entendeu? Mas eu olho para trás assim me dá força porque tudo que eu conquistei tipo foi do nada não é hoje eu tenho meu carro né, tô conseguindo juntar um dinheiro para futuramente comprar o meu espaço a minha casa que é o meu sonho ter minha casa própria e isso para a gente é muito difícil né, então mas eu olho para trás e eu acho que esse tipo se eu fosse aquela que morasse com meus pais minha mãe não tivesse mandado embora eu acho que eu ia ficar um pouco mais acomodada com a situação então pelo fato dela ter me mandado embora expulsado de casa acho que isso me deu força né porque daí a gente eu construí tudo né? Sair de casa sem nada fui para a rua né, briguei pelo espaço briguei com os policiais porque não me deixe não me deixava trabalhar e... eu pedi eu não tinha para onde pedir socorro porque sei que você vai na polícia militar para fazer prestar uma queixa eles te deixa a noite inteira fala que não vai atender e quando ai você quer mesmo fazer um boletim porque isso não vai dar nada entendeu zuando a nossa cara sabe vários momentos já passei por isso o Nicole.

Paulo: Nicole ser trans é estar impedida de olhar para o futuro?

Nicolý: Sim. Ser trans é ser impedida porquê ... as pessoas não falam que aceita mas ele na verdade no fundo eles não aceita eles não dão oportunidade, então se a gente não for brigar, brigar, brigar e essa nova geração que está vindo não for forte o suficiêcia para

poder conquistar o nosso espaço a gente não vai ter espaço porque cada dia que passa eles mata mais o povo GLBTQI+ é tanta siglas que eu não estou conseguindo nem acompanhar tudo isso, tipo na minha época eu era gay e comecei gay ,e virei travesti porque meu sonho era ser travesti era ter peito cabelão, bunda, me sentir uma mulher completa hoje eu me sinto uma mulher completa para mim eu sou travesti só que mudou tudo, agora eles falam transexual, transex, trans não binário, trans binário então para mim isso tudo, esse jogo de siglas tipo para mim tá isso para mim é uma sigla mais uma sigla menos para mim tipo eu, não entendo nada eu estou um pouco perdida ih... é um pouco difícil também as pessoas entender isso se eu que sou nesse meio eu não tô entendendo direito essas siglas toda, porque tanta separação gente acho que a gente deveria não deveria se falar você é homem, mulher, trans, travesti, gay, homossexual, sapatão na onde somos seres humanos pronto acabou só de você ser ser humano tá ótimo ai você é uma pessoa você existe entendeu? Aí essas novas trans as novas trans é hoje em dia... indica um pouco meio assim tem umas que eu não sei mesmo se elas quer ser trans, ela sabe o que é ser trans e sabe o quanto a gente já lutou, até agora para conquistar isso sabe e tem muitas que tem um tipo, muitas têm uma noção assim errada, acho que elas acha que é contos de fada quem um dia desse eu dei uma entrevista para o UOL né, por causa do desliga a visibilidade trans da visibilidade trans, aí tinha uma trans de 16 anos né já estava começando tomar hormônio a mãe ajudou da hormônio colocou um cabelinho nela e ela estava terminando de fazer o ensino médio e o entrevistador perguntou para ela é qual carreira queria seguir se ela pretendia fazer faculdade ou um curso técnico profissionalizante, ela me disse que que não sabia ainda que ela queria ser aí foi e falou assim eu gosto de bichos de animais eu queria ser ver veterinária ai na hora passou um cachorro machucado ai o entrevistador perguntou para ela olha o cachorro machucado você cuidaria ai eu não posso ver sangue, meu então tipo talento ainda sabe muito devagar está muito atrás que nem o hoje em dia uma coisa do curso da escolaridade meu não é como antigamente, antigamente no segundo ano... e já come... já começava a aprender a ler hoje em dia sem ver crianças adolescentes na quinta, na sexta que não sabe ler não sabe interpretar um texto sabe? Então eu acho que ao invés do mundo está avançando não parece que ele está retrocedendo voltando um sabe, parece que está começando a engatinhar ainda também com o presidente que temos que não sabe nem se pronunciar dar uma entrevista então não é diferente então acho que a pessoa hoje também com esse tal do mundo virtual de muita tecnologia foi o que acabou porque na minha época mesmo lá atrás eu fui conseguir meu celular com 18 anos e eu que tive que comprar hoje uma criança de 5 anos se não tiver um celular quer é bater na mãe no pai e na minha época não era assim a gente tinha que respeitar muito os nossos pais tanto que o respeito da minha mãe até hoje entendeu?

Paulo: Como é a relação com sua família hoje?

Nicolly: A relação com a minha família super maravilhosa porque todos me aceita todos já sabia que eu era transexual né, que eu era muito afeminada eu na minha adolescência para ir para a escola eu pegava a roupa com a minha mãe emprestada então isso para eles tipo nunca foi um motivo assim de preconceito então ele já sabia desde criança né, então

a minha relação com minha família é muito boa não tenho o que reclamar e nem me queixar da minha família, porque todos me receberam de braços aberto quando eu conquistei o meu carro quando eu comecei a namorar entendeu, quando eu falo que eu quero viajar que eu quero é fazer alguma coisa então todo mundo na uma força, me apoia entendeu, pessoas tivessem um pouco mais de respeito não só pelas pessoas transexuais, mas sem pelos próximos né tipo porque... não estou falando ai porque eu além de eu sofrer eu sofro duas vezes mais por ser transexual e por ser uma transexual preta e da periferia, porque eu moro fui nascido e criado na periferia né, a segunda maior comunidade de São Paulo então as pessoas tem que respeitar, respeito eu acho que é tudo porque quem respeita o próximo vai respeitar o sexo há vai respeitar o gordo vai respeitar o bissexual, vai respeitar o preto, o branco, o magro, mendigo, o ladrão, o bandido, o policial, o político respeitando o próximo acho que é o que importa né, as pessoas não tem que aceitar a gente se ela só tem que ter um respeito, assim como eu com elas e elas comigo de certo.

Põe na roda Adriana

Paulo: Adriana põe na roda sua idade, a sua relação com sua família? Pode trazer o que você quiser.

Adriana: Eu sou de Manaus, Amazonas própria da cidade de Manaus a cidade criada e eu tenho agora são 2021 né? Faço 39 anos, é nossa 39 ih... 39 anos uma mulher trans agora, mas antes eu passei por toda transição, mas não quando jovem, quando mais jovem mais, quando era menor lembro que 7, 9 anos eu já gostava de usar roupa da minha mãe escondida quando eu ia trabalhar entendeu, o salto da minha mãe, sempre gostei de os depois de 15, 16 eu fui fazendo minha transição entendeu, e depois estou aqui Adriana Lima a única. (risos). Eu posso dizer que... na minha transição eu sempre fui uma trans é... feminina bem feminina sempre fui passável nos locais assim, sempre passei nos locais despercebida, tipo assim, assim eu sou muito é muita gratidão a minha a genética né, que é muito da minha genética que nesta uma plástica que eu não mudei de tanta coisa assim também mais assim meus traços indígenas e tudo mais me ajudaram muito, que eu sou um corpo passável como você diz. Ontem mesmo tava falando eu vou de cabo, à rabo e ninguém percebe um “oi” “tchau” entendeu? Senhorita, senhora, senhorita isso. Mas eu sei que tem muitas amigas minhas que sofrem entendeu que não podem sair de casa e chegam ali na esquina começa “o pei, pau, o pei pau”, aquela cachorrada de gente, que não é estudada.

Paulo: Adriana é você acha que no Jockey quando você sofreu a violência, o seu corpo ali era um corpo não passável?

Adriana: Não, não o meu corpo, não é o fato do meu corpo não ser um corpo não passável o fato era que eu era uma pessoa não passável para estar naquele local como eu desejava, as pessoas, a segurança ele sempre lutaram para tirar as trans dela lá tanto, que não foi só

eu foram outras, umas sim que chegaram a denunciar e outras que ficaram em silêncio, mas estamos aqui.

Paulo: Sim é aí assim a partir de agora assim acho que as perguntas que vão surgindo você pode ficar à vontade para falar te lembrar de alguma fica à vontade e fala é sua acho que eu quero que você fique à vontade.

Adriana: Não, não eu quero que você fale eu gosto de responder, não muito boa em contar história não a vida já foi tão sofrida pro meu lado, já sofri tanto, já corri de polícia, entendeu, antigamente fazia tipo um rapa das trans entendeu que não queria ninguém na rua tipo as gata tinha que sair se escondendo ai sempre foi uma coisa tudo isso aqui em São Paulo já aconteceu muita coisa aqui em São Paulo até que até aqui mesmo no Jockey na cidade universitária teve uma vez eu não sei o que aconteceu eles um alguma alguém aprontou uma, matou alguém ou sei lá roubou arma, só sei que eles não deixaram ninguém ficar na rua voltaram todo mundo para casa e era o maior inferno entendeu, eles iam para cima gritar nossa.. já teve briga já recebi spray de pimenta sabe aí que loucura 2006 se eu não me engano 2005 eu lembro que tinha a Amanda Mel se eu não me engano é uma loira cheio de bicho de pelúcia ela trabalhava na frente na avenida em frente do Jockey e o policial um dia antes tinha passado o spray de pimenta em mim quando foi no outro dia quando era no plantão da noite ele foi bater de frente com a Amanda pegou foi para briga com ele foi pro chão, outra bixa entrou, aí de lá foi cinco carros de trans pra delegacia a favor da Amanda nossa foi uma putaria porque o policial era horrível ele sempre enchia o saco de todo mundo. Tanto é que fui para delegacia, eu fui já... fui logo pra procuradoria, só Deus sabe coo eu estava sem nenhum álcool no meu corpo, engraçado, lembra que eu falava pra ti né, estava com tanta raiva, toda dolorida quase não dormia, tudo mais, mas tô aqui não sossego enquanto eu não dê queixa, não dê parte isso não pode ficar em branco, os policiais acham que é Deus, acha que, que... pode fazer o que quiser não.

Paulo: Adriana e você acha assim que as demais trans ali do Jockey, por exemplo você foi denunciar as outras tem a coragem que nem você tem, que que nem Érica tem?

Adriana: Não, não, não, não são todas. Tem muitas que pensam assim eu vou chegar lá não vai resolver nada tá, outro dia vou ter que trabalhar melhor deixar para lá tenta passar entendeu, pois então eu preciso da rua eles tão lá tem que baixar a cabeça para eles e é isso aí.

Paulo: Você se recorda assim um pouco de como começou com Teodoro, e quanto tempo se ficou no Jockey antes de vir para o Brasil? Você já havia ficado no jogo outras vezes e você já passou por outros tipos violência no Jockey como jogar em spray de pimenta na sua cara como você falou e tal, se acha que tocar o seu corpo naquele dia foi uma coisa pior do que as outras.

Adriana: Foi provavelmente, foi pior. Provavelmente você pode de retirar daqui é uma coisa entendeu? Você gritar e vim eu não fazer nada tipo, quase do meu lado eu vim eu vi a minha amiga sendo chutada por um policial e ele falava assim não vai sair não porque para vocês saírem vão andando não sei o que é gritando sabe? E..e jogando espera aí ai a

a sorte que eu estava de óculos do lado esquerdo porque senão tinha dado bem na minha cara, mas aí eu senti só aquele calor do spray ao redor... do lado minha orelha.

Paulo: Sim, e pensar aquele dia que você sofreu a violência com o Teodoro como é que está a situação você se recorda de alguma coisa.

Adriana: Toda vez o Teodoro enchia a paciência, toda vez toda vez o Teodoro vinha a paciência ele ficava até de mutuca com a viatura com o carrinho dele aí ele saía do carro ficava atrás da moita olhando a gente de longe eles sempre, sempre ficava enchendo a paciência.

Paulo: E como é que era esse encher a paciência?

Adriana: Encher a paciência da querer tirar a gente dali entendeu, ele queria ver algum ato, alguma coisa de errado, algum homem perto da gente entendeu, aí ele já vinha com tudo, sabe independente.

Paulo: E quando ele sai da moita e vai para cima de Adriana o que você sentia naquele?

Adriana: Eu me sinto frágil porque, né eu me sinto nada porque, ele está com uma arma ele está armado entendeu ele é policial todo mundo sabe que ele é policial armado entendeu, eu vou bater de frente com o policial entendeu, não dá não dá ainda mais eles sujos, eles que estão sujos, que fazem trabalho sujo.

Paulo: Aí eu volto de novo naquilo né que você vai atrás é das pessoas pedem ajuda ninguém faz nada o que você sentiu aquele dia que nós fomos em 3 lugares diferentes?

Adriana: Eu senti muito por mais... que a gente vai nos locais eu quando eu fui defensoria, eu achei até mais interesse da parte deles entendeu, os outros locais em relação a delegacia e tudo você vai e você vê o interesse deles de querer fazer queixa, você vê o desinteresse deles da corporação que irá abafar o caso essa é a realidade não vai além da delegacia da corporação em si você chama eu chamei várias vezes a viatura passou 3 viaturas na vida do Jockey daquela noite e nada ninguém parou entendeu? Várias vezes eu liguei ninguém apareceu tá tudo bem, passou nada aconteceu de manhã no outro dia nada aconteceu na delegacia nada aconteceu aí quando eu cheguei aí na Defensoria eu cheguei lá depois dias depois dias depois lá que eu fui já de repente o Teodoro de repente não via a hora de me ver lá e já foi bater lá, deixou o carro mais longe veio a pé para conversar comigo há “porque você foi me denunciar procuradoria” quem disse que você tinha que fazer isso, não poderia fazer isso por aqui pela delegacia, eu falei assim, mas eu chamei eu chamei não fui atendida aqui na delegacia ninguém correu ao meu chamado então eu tive que procurar uma área maior eu tive que procurar uma junta maior do que a delegacia que esteja acima da delegacia, porque estava fazendo de palhaça, eu sou uma cidadã brasileira independente se eu moro mais lá fora do que aqui no Brasil.

Paulo: E como é que morar fora no Brasil enquanto mulher trans?

Adriana: Eu acho mais seguro, muito mais seguro, muito mais evoluído entendeu é muito é tudo sabe amo tenho minha cachorrinha o que é italiana a minha filha que é italiana com a mãe brasileira, mas tudo bem.

Paulo: Adriana não sei se você está vontade para falar você falou no começo de buscar isso de pensar nisso você falou que foi muito tranquilo sua transição para a mulher trans sobretudo com a sua família se eu sofreu nenhum tipo de violência?

Adriana: Pra você ter uma ideia a minha família com a minha transição até a minha avó minha, própria falecida avó era maravilhosa minha vó falava “você é a neta mais linda que eu tenho” (risos). Até a minha avó quando ia fazer compras quando eu voltava a minha avó “o que que você comprou” eu tinha que parar na casa dela que a gente morava perto, porque cinco casas depois era nossa casa eu tinha que parar primeiro na casa da minha avó para mostrar as coisas comprava vestido calçado acessórios era muito, muito minha avó era tudo.

Paulo: Qual o nome da sua vó?

Adriana: É Raimunda, que Deus tenha

Paulo: Você consideram indígena?

Adriana: eu me considero uma mestiça entendeu eu sou mestiça eu me considero mestiça eu não me considero nem indígena e nem branca eu sou uma mistura eu sou uma mistura Brasil indígena entendeu então você sabe que o nosso Brasil ele é feito da mistura não é nós somos todos mestiços, nós somos todos filhos de um pai só.

Paulo: Adriana fica à vontade para falar ou não?

Adriana: tanta coisa que aconteceu que eu não gosto nem de lembrar tipo, agora mesmo você faz lembrar de coisas boas como coisas ruins ao mesmo tempo sabe coisas ruins se eu pudesse eu passava borracha e as coisas maravilhosas que a minha avó maravilhosa que eu amo tanto.

Paulo: Então vou respeitar o seu espaço e desculpa por te fazer chorar.

Adriana: Não, não, não acontece são duas emoções ao mesmo tempo são as emoções boas e emoções muito, muito como se diz muito profundas e tristes sim temos grandes abençoadas e emoções ainda tristes ai, mas a vivendo e aprendendo, eu espero que eu tenha sido uma boa ajuda para as novas gerações de agora entendeu? Espero ser uma boa ajuda que ninguém, jamais seja mais humilhada por outro ser porque isso não pode acontecer, não pode a gente tem nossos direitos e ainda mais a gente sabe ainda bem ainda mais se você sabe entrar e ir voltar entrar em qualquer lugar você tem que lutar pelos seus direitos, tem que lutar entendeu? Independente se você tiver em outro país independente se você tiver todo o mundo de seus direitos, tem deveres têm seus direitos e deveres entendeu? Jamais, jamais peço que todas as trans ali LGBT completo entendeu não deixa de ser humilhada por ninguém, ninguém é mais que você, por que a vida da gente não é fácil entendeu? Porque a vida da gente não é fácil, não é fácil porque não é fácil a gente chegar num lugar assim o que todo mundo fala Adriano é um pouco passável entendeu me passa despercebido eu não sou uma menina vulgar já foi a minha época quando era novinha de andar de sainha, de mini saia para lá para a rua depois você vai se lapidando e não precisa daquela vulgaridade toda.

Paulo: Você se acha corajosa?

Adriana: Corajosa é pouco, eu sou guerreira.

Paulo: Por que corajosa é pouco?

Adriana: Não basta ter coragem, tem que ter pulso entendeu para enfrentar a vida você se arrumar e sair para o mundo tem que ser guerreira entendeu? Cada fronteira é uma batalha vencida, mas é verdade é uma batalha vencida é uma guerra vencida eu não estou falando de falar de sair fora do país só o fato de você sair, se assumir se aceitar é uma batalha vencida e depois você só vai abrir nas suas fronteiras, abrindo a fronteira pra sua família abrir fronteiras com vizinhos, abrir sua fronteira de abrir novos caminhos, independente se você vai estudar se vai fazer ensino superior ensino médio independente você tá vendo essas fronteiras entendeu você aceitou eu vou estar indo para a escola levando a sua aceitação para todos e todos tem que te respeitar pelo que você é e não pelo que eles querem que você seja, é muito lindo isso.

Paulo: E se tentam fechar essa fronteira como fizeram no choque que você faz?

Adriana: A gente corre atrás para vencer a guerra, para quebrar essa fronteira.

Paulo: Adriana o que que os vizinhos têm contra as meninas do Jockey?

Adriana: Tem vizinhos que até que saem com a gente que eu já fui à casa entendeu eu tenho até a foto aqui da casa na casa dele e da *neca*²⁴ dele, do ser humano todo mundo tem suas vontades seus desejos suas fantasias. Ao mesmo tempo, eles estão pagando para botar a ordem dentro do condomínio, mas já foi feita tanta coisa ali porque antigamente já aconteceu muito roubo de acontecer morte, entendeu eles fecharam tanto é que deixaram praça rua, dali que é a maior coisa ali agora para você transitar ali dentro das ruas né é muito dificultoso não é rápido você entra você sai agora tem que dar um giro uma volta você entra vai vai... entendeu um sentido único, antigamente não era assim qualquer lugar entrava entendeu, tinha mão pra tudo, mão ida, mão de vinda, mas eles fazem tudo precisamente né junto com a prefeitura e tudo mais para fechar tudo eu acho que daqui a pouco eles põem grade em tudo e as grades vão ficar bem lá, bem lá ... mesmo na sarjeta da avenida.

Paulo: Esse fechamento devido a quantidade de clientes que iam atrás de vocês e você acha que que diminuiu?

Adriana: Diminuiu, diminuiu bastante fora quando os clientes paravam ele já paravam já viam o carro deles atrás com a luz acesa entendeu intimidando o cliente para ir embora tanto que o Teodoro ele falou outro dia para mim assim olha “a gente vai trabalhar junto vamos trabalhar um do lado do outro”

Paulo: Depois da violência e por que ele falou isso?

Adriana: Porque eu não fui retirar a queixa da procuradoria aí ele foi em cima de você para você não trabalhar ficou eu tenho vídeo tudo.

²⁴ Neca no vocabulário pajubá significa pênis.

Paulo: Esse tempo atrás eu fui andar ali perto do Butantã grande parte das mulheres trans que trabalham naquela avenida que liga o túnel como a Avenida Lineu de Paula Machado liga o túnel?

Adriana: Ali onde tem a Odebrecht.

Paulo: Eu percebi que ele tem muitas meninas com traços fortemente de indígenas né?

Adriana: Sim, grande parte delas é de lá de Manaus. Manaus é uma fábrica de trans.

Paulo: Qual o nome da sua mãe?

Adriana: O nome da minha mãe é Maria Elísia, tenho uma irmã, uma sobrinha linda inclusive daqui a pouco ela faz aniversário dia primeiro mais uma guerreira na família

Põe na roda Sara

Paulo: Sara põe na roda sua idade, a sua relação com sua família? E põe na roda o que você se sentir vontade.

Sara: Boa tarde. Estava até começar do começo ela me descobri mulher trans aos 14 anos, eu tinha bastante amigas trans na época eu... comecei usando hormônios. E era tudo muito, muito lindo né ver aquelas mulheres aquelas divas que me inspiravam. É eu já trabalhava, trabalhava num bar. E nesse mesmo encontro que eu tive comigo quanto Sara eu tive um desencontro quanto a minha pessoa que o gênero biológico porque eu estudava aí pessoal não aceitava muito. E inclusive foi tema de muita briga. A ponto de ter que largar meus estudos, mas todos retomei agora estou fazendo o EJA né? Mas aí eu desliguei uma prática da minha vida da né que foi imposta para viver realmente a minha vida, mas aí esse caminhar foi bem difícil por quê? Eu do bar onde eu trabalhava e aí eu depois eu fui trabalhar de telemarketing e nesse meio de transição quando eu me assumi mulher mesmo a empresa que eu estava não me aceitou do jeito que eu me assumi? Então um é o fui me prostituir que é o mercado de trabalho que é aberto para todas né dependendo da região que você vai aí tem todo o sistema para você ser inserida, mas eu já tinha bastante amigas que... eu consegui ir para esse mundo, mas não foi flores assim tem um lado que a gente chama né, que a gente sente mulher realmente desejada. Dentro daquele trabalho fora daquilo no dia a dia tem os empecilhos que às vezes até vou sair no mercado é complicado chegar lá vocês esbarra com um monte de... você já tem que andar armada nessa, já chega numa loja armada? A armada que eu falo assim, sempre uma resposta na ponta da língua para se caso alguém jogar uma piadinha então você sempre tem que estar preparada pra tudo isso. Dentro dessa trajetória que eu comecei a me prostituir, com 17 para 18 anos eu já, já foi criado maldade muito cedo porque a rua te ensina a ser maldosa sabe, maldosa no sistema de defesa então você sempre vai esperar o pior das pessoas. Porque aquele mesmo homem que sai com você na noite fala com você linda, que você é uma Deusa, no outro dia ele, ele... pode estar com aquela turma do que vai querer xingar que vai querer agredir ou até mesmo fazer um programa com você e

depois ainda te roubar como já aconteceu comigo. É bem complicado, mas eu gostei do que eu me tornei sabe só não queria que fosse tão difícil chegar até a Sara é. É isso?

Paulo: O corpo trans é um corpo esperança? O que Sara tem a dizer?

Sara: A Sara como pessoa como ser humano é tem Esperança sim muita Esperança, mas ao mesmo tempo que eu vejo os dados as expectativas de vida a violência contra a mulher trans. Eu vejo que é bem limitado, a gente vive em contagem regressiva. E tem um e tem uma data limite para isso hoje em dia né, eu perdi várias amigas por conta de violência ou até mesmo por conta da doença ...ih..., mas assim, um exemplo se for de mulheres uma folha de morte natural o restante foram todas de violências então por que comigo vai ser diferente é isso que o sistema me apresenta, e me dá de expectativa mas, eu tenho Esperança sim. É eu sei que eu faço parte dessa história entendeu e a para as próximas que vierem esse sistema de reprodução não continue, é essa a minha Esperança de tipo assim a trans ela não ter essa opção de se prostituir pode ser uma opção sim, mas que ela tem vários mercados que ela seja bem aceita nas escolas. Que ela seja bem aceita nos locais públicos nas repartições públicas e que vários tipos de... preconceitos venha sendo quebrado para que esses corpos continuarem reexistindo né, é o que essa é minha Esperança. Mais né a gente está falando do ser humano então vamos ver.

Paulo: Sara falar dos dados da gente as mulheres trans que morrem, você se vê parte da violência enquanto mulher trans negra?

Sara: Então é...isso é bem interessante que você está falando até porque a gente sabe o crime de gênero né está se enquadrando no de racismo a gente sabe que 90% das mulheres trans são de periferia negras então assim. Para discutir gênero a gente vai discutir não tem como, não tem como é isso que eu penso. E a raça não é só você ser preta é você está preto, não é? Porque se você está dentro de uma comunidade você está preto você não tem as mesmas oportunidades não daqui do Morumbi eu vou daqui. Né? É o que eu penso então tem mais esse requisito para nossa trajetória, para nossa bagagem.

Paulo: Além da esperança a Sara têm sonhos?

Sara: Um monte, um monte de sonhos, um monte não se nem por onde começar? Mas é mesmo que eu consiga alcançar esses meus sonhos eu não vou conseguir olhar para as outras mulheres trans e saber que elas não alcançaram então meu sonho vai ser um sonho vazio meu maior sonho é? Tipo assim. Só vai ser bom para mim quando for bom para todos é isso que eu penso é isso que eu desejo entendeu então seria muito egoísmo eu expor meus sonhos aqui.

Paulo: Certo. Quanto tempo você está Jockey?

Sara: No Jockey eu tô uns 7 anos. Mas eu já foi de outras avenidas aí depois eu parei um tempo que eu fui casada, aí fiz um curso de cabeleira enfrentei maior preconceito que o pessoal falava vai ser cabeleira tá, mas dentro desse submundo existe um preconceito porque você coloca o gay e trans, para os gays a acessibilidade é mais fácil, a passibilidade, para trans não ela que mostrar que ela é boa, e que ela tipo assim é uma

mulher de família se você tiver de um pelo na cara já é... entendeu? Já é algo que vai te deixar malvista dentro do espaço de trabalho entendeu, então dentro desse mundo também existe um preconceito, eu já passei por isso num salão muito famoso a dona não eu tipo assim? A pessoa que me indicou falou que a dona não iria me aceitar pelo fato das e trans é um salão que só tem gay.

Paulo: E porque aceitar os gays e não as trans?

Sara: Está entendendo que quando eu te falo que nesse submundo ainda tem um mundo escuro. Então não dá para falar assim LGBTQIA+ tem que ter uma atenção para esse pessoal que né tá na estatística de fato é isso que eu penso.

Paulo: Sara em casa?

Sara: Em casa, é eu acho que é um momento que eu me desarmo mesmo sabe é um momento que graças a Deus aos orixás eu tenho uma mãe que é uma mega mãe sabe então assim é um momento é o meu momento mesmo como pessoa. Aqui você está vendo um personagem que está se prostituindo está vendendo sabe então assim em casa eu sou a filha querida todo mundo comemora quando estou em casa eu sou alegria da família, mas passou do portão para fora, aí já vem a Sara personagem, mas assim eu tive muita sorte muitas não tiveram essa sorte, não é? Eu não foi colocada para fora de casa minha mãe me acolheu sempre muito preocupada vai fazer um curso de alguma coisa mas é muito fácil ela vai fazer um curso neste curso você vai ter oportunidade o mercado vai te aceitar vai ter. É eu acho estranho agora que estão sendo falado de oportunidade para mulheres trans, chega meio que levantar a bandeira porque está na moda, você não vê se realmente estão aceitando estão acolhendo se aquele lugar está preparado para isso né? É tipo *Pink Money*²⁵. É isso? Então é bem complicado é um assunto delicado, mas assim. Voltando lá pra minha mãe. Ela sempre teve essa preocupação hoje lá não sabe o que eu faço isso porque eu cheguei trabalhar em salão aí fui demitida volta aí pra rua voltei pro Jockey é e é onde eu tenho uma independência financeira porque você também ser contratada para ir para um sobre emprego porque é isso que acontece você vê as como como faxineira. Você vê as trans linha de produção, nos bastidores, mas você não vê ali ela dá na cara da ordem sendo que ela é um ser humano competente como qualquer outro você não vê elas nesse cargo tão assim? Não estou desmerecendo de quem exerce essa função, mas eu mereço e eu quero mais. É isso que eu tenho pra mim é como eu falei lá no começo eu vi uma contagem regressiva tão com 33 anos. E quem me dirá que vou passar dos 35 vou a vida toda contando moedas, não quero isso para mim.

Sara: Não é complicado uma pessoa contratar policiais para tirar outra pessoa que está trabalhando né até a forma de trabalho dela. Por que ela não quer na esquina da casa dela sendo que nem ela fica na casa dela mesmo? É muito estranho tudo isso, não é? Uma casa de não sei quantos metros quadrados para estar incomodada quase esquina é doido tudo isso. É loucura.

²⁵ O dinheiro rosa ou pink money descreve o poder de compra da comunidade LGBT, especialmente no que diz respeito a doações políticas

Paulo: Você pensa em fazer faculdade?

Sara: Eu tô em dúvida entre advocacia ou serviço social.

Paulo: E por que você tem essa vontade de fazer um ou outro?

Sara: Porque um ataca e o outro acolhe. Então eu vou fazer a diferença entendeu ou eu vou acolher ou eu vou para cima. A trans é isso né, ou ela ataca ou ela acolhe. Ou ela faz os dois.

Paulo: Quem você ataca? E quem você acolhe?

Sara: Eu ataco o sistema, e acolho a minoria.

Pões na roda Agatha

Paulo: Agatha põe na roda sua idade, a sua relação com sua família? E põe na roda o que você se sentir vontade.

Agatha: Agatha surgiu com 10 anos de idade né, eu tive uma infância muito boa muito maravilhosa e graças a Deus, tive uma Juventude também muito boa estudava, trabalhava só que no momento em que eu me descobri realmente esperei a oportunidade né que eu já sabia disse corpo tinha algo diferente tinha algo para pôr pra fora e quando eu me descobri foi com 15 anos, aos 15 anos resolvi ser a não ser Agatha, mas botar para fora os meus sentimentos que estavam presos dentro de mim, e quando eu não cheguei a contar para a família né, foi através de amigos, então a família ficou desconfiada aí foi o momento certo eu cheguei e falei olha eu sou gay, essa transição é eu sou gay peguei um tapa na cara, peguei uma surra, mas para mim praticamente a minha família era uma família muito tradicional, uma família que ela ainda que era a base da *peâ*²⁶ para poder educar, uma pessoa boa, estudar, não roubar se eu mexesse em algo tinha que pedir, seja um centavo que fosse, então fui praticamente ensinada assim, então eu apanhei nesse dia e praticamente para mim foi uma revolta, mas ao mesmo tempo tipo estou livre eu posso fazer agora o que eu quero, porque minha família praticamente nem tanto me deixou de lado porque para um família tradicional é difícil aceitar um filho gay, para muitas não, mas pra minha foi um pouco difícil, olhei de um lado para outro, olhei para fora e disse... eu acho que chegou a hora de procurar o meu rumo, comecei a trabalhar trabalhei com eventos um negócio de decoração e começou a ganhar meu dinheiro como eu sei comprar minhas coisas comecei a ser independente já ajudava em casa e só que as coisas praticamente não foi tanto como eu esperava foi difícil minha família até aceitar, o meus estudos também, senti isso sim eu falei que eu nunca ia virar travesti para os meus amigos né, mas a gente não sabe o nosso futuro né o dia de amanhã, só que eu olhei o seu digo já que não é para dar trabalho a família então vou conhecer o mundo lá fora e resolvi ir resolvi rir com 18 anos sair da minha cidade de Belém do Pará porque eu morava com a minha tia fui morar com a minha tia de uns 4 anos que a minha mãe doou para

²⁶ Linguagem regional de Belém do Para que significa bater, apanhar, castigo.

minha tia, mas nas minhas férias eu ia visitar minha mãe adorava lá meus irmão tudo a gente sempre, sempre teve uma boa bom... familiar vamos dizer assim, e com 18 anos eu conheci uma amiga para uma cafetina aqui de São Paulo, e uma outra vez de um outro amigo me indicou pra ela mandou a passagem eu vim para São Paulo. Vim conhecer já sabe tudo praticamente não sendo uma pessoa inocente, mas cabeça aberta, mas uma coisa muito centrada e uma pessoa sabendo que o mundo não seria fácil a vida que é levar a não ser fácil e realmente não foi cheguei aqui tive minha dificuldade, não tanto que a pessoa que eu morava até que é tipo a cafetina era um era boa entre aspas isso aí conhecendo minha primeira relação foi na prostituição praticamente eu não fui fora da partida isso eu não tive esse contato de pessoas estarem me tocando o que eu vivi uma infância juventude praticamente foi vivido então não tive tantos problemas assim já é alguém me me tocar me abusar sexualmente não graças a Deus se teve minha inocência não... deixei passar né, mas quando chegou aqui assim que eu comecei a me prostituir comecei a ter relações, e relações peguei o gosto de ganhar dinheiro mesmo tempo né o sexo que se tornou fácil e não foi fácil teve um momento da minha vida que eu caí na droga, bebidas e baladas saía com clientes drogados e aquilo foi me acostumando e teve uma teve um momento que eu praticamente quase caio na abstinência da droga né, um cliente que vinha e trazia droga pagava e o que fazer a gente tirar cheirava a noite toda com esse cliente e não estava pegando gosto, só que teve um momento na minha vida que eu praticamente não sei da parte da minha mãe e do meu pai que são religiosos é meu pai já foi do mundo praticamente ele era curandeiro, um bom curandeiro porque as pessoas saíam de fora para vim procurar ele comprava as pessoas, pessoas no outro dia embora em participar desses cursos que eles faziam só que depois de um tempo ele deixou e resolveu ser servir a Deus servir a religião adventista ele com minha mãe encaminha uma parte dos meus irmãos então acho que é muita fé dele muita oração do meu pai da minha mãe eu sempre me protegeu e aí tive muita dificuldade já peguei cliente de maldosa que *estourasse* a camisinha, é cliente que me levava pra tal lugar me batia, me acho que durante a mim o abuso que eu não tive na infância na minha juventude eu tive no mundo de prostituição que a gente praticamente eu entendi eu te pego cliente de tudo quanto é tipo um jovem, velho, novo, ladrão, assassinos aqueles que acabaram de sair de cadeia entendeu, então aqueles que têm suas fantasias então muitas dessas fantasias a gente acaba sendo abusada né praticamente por eles e pelo dinheiro também não é aquela abstinência do dinheiro de querer dar mais para fazer esse tipo de coisas e praticamente era jovem né, então para mim não fazia tanta diferença se eu tivesse ou não com o tipo de doença também para mim não fazia diferença para mim disse a maioria das travesti tem, a maioria, como elas falavam a maioria das travesti que vive na prostituição morre de doenças, e pra mim já era mais uma na prostituição como travesti, e fora o preconceito um não sei se eu tive se se teve preconceito acho que eu fui uma pessoa tão centrada que eu não consegui ver o preconceito, tem gente que acha que preconceito de ser em todos os lugares tanto com preto, pobre, deficiente e então pra mim eu passava despercebida com isso. Teve lugar os momentos que a gente praticamente chega as pessoas olho vejo que a gente é travestir logicamente tem receio, mas acho que a gente aprende nesse mundo né, eu acho que aprendi ser educada outras não né, mas como eu venho de uma família tradicional então aprendi a educação e larguei meus estudos meu sonho era ser uma

médica bem sucedida, e com dom que o meu pai tinha praticamente a maioria do nosso do meu irmão eles herdaram é que é uma herança só que eu não quis seguir essa herança e por isso o fato de eu não seguir essa herança eu sofri um pouco porque nós madrugada eu sentia que os espíritos venham me chamar venha me puxar a minha alma dos caminhos que eu sentia o meu corpo minha alma tentando os desconectar mas eu aprendi orar aprendi chamar por Deus e o meu corpo praticamente se acalmava na madrugada mas graças oração do meu pai da minha mãe eu estou de pé hoje em questão de religião eu creio muito em Deus. Já participei de cultos “macumbaria” já fiz trabalhos para ganhar dinheiro mas na verdade era tudo ilusão o que é mesmo tempo que eu ganhava mesmo tempo eu perdia porque eu vivia na prostituição, eu bebia, eu vivia em balada então não seguiu o jeito acho que era para seguir então praticamente para mim é uma perturbação, mas também não foi fácil seguir a religião seguir a Deus seguir o que está escrito na bíblia para mim também não foi fácil, não está sendo fácil e ter essa escolha porque não é fácil não é uma porta larga como eu conheço sim é uma borda bem estreita então para mim foi bem difícil, sofri isto aí que eu vi o preconceito quando eu conheci Deus quando eu no momento que eu uma semana antes eu fiz um trabalho nessa mesma semana eu me acordei estava sozinha na casa da cafetina me sentei na cama e ouvi uma voz dizendo que isso não era para mim que eu vi o próprio Espírito Santo falar comigo e não quis mais saber perdi praticamente tudo perdi carro perdi minha dignidade pedido conquistado nesse trabalho eu perdi tudo, fiquei praticamente nada, conhecida como uma zero a esquerda, perdi minhas amizades perdi tudo, tudo, tudo, tudo quase cai em depressão e mais continue na minha fé continua nos meus propósitos a continuar acreditando na palavra de Deus que Deus é comigo fiquei doente, fizeram coisa ruim para mim, não tive apoio de família de amigos de ninguém a não ser uma pessoa que esteve comigo sempre que foi meu ex-marido nessa luta minha luta ele se afastou um pouco de mim, mas o único que teve comigo que está até hoje foi Deus se hoje eu estou viva graças a Deus, e se hoje eu estou contando essa história se testemunho graças a Deus, por estar hoje eu sou feliz não tenho mais aquele vazio aquela ilusão de amigos que diziam ser amigos porque eu tinha carro que eu tinha isso, e vamos pra balada vamos para isso acabou tudo hoje graças a Deus a minha família também fala com a minha mãe com meu pai meus irmão tem o contato com todo mundo da vida mudar essa vida de prostituição, mas eu sei que não é por muito tempo eu sei que esse vida trans eu sei que hoje o mundo praticamente está aberto a gente está recebendo a gente com mais facilidade devido à muita guerra muita vitória não só minha, mas também das outras trans.

Paulo: A igreja aceita vocês?

Agatha: Depende porque é muita tem muita na igreja que é muito é muito heresia é muito não tem muito conhecimento da palavra o que é realmente a palavra, porque a bíblia tem vários conceitos, ela dá vida em várias etapas entendeu, então você tem que saber de onde começar para você poder entender, porque às vezes você começa de algo que não cabe aquilo, porque tudo que você a gente faz nesse mundo é errado, só que a gente tem que saber fazer as coisas certa entendeu? Então muitas igrejas não aceita, porque é travesti, é gay já já tem que largar não é assim, não é assim, porque já não sabe o que o que a gente passou lá entendeu, assim eu vou aceitar a Jesus e o coração lá dentro realmente será se a

gente está aceitando, o que eu posso dizer muito como muito fala de fora você pode ver que tem muita gente que está na igreja sai, porque às vezes eu perdi a desilusão porque veio pastor fazendo certo tipo de coisa, o membro sai tipo de coisa então não está realmente firmado na palavra no que está escrito ali e firmado com Deus.

Paulo: Outra coisa agora que eu ia te perguntar quando você falou assim “é o meu corpo não é eu escondida dentro de mim? É esse corpo trans que começa a falar quando ele sai.

Agatha: Sim, sim, é uma libertação, mas não é uma é uma coisa. Tipo assim eu não sabia eu não queria, mas o meu corpo queria, mas eu não queria ser trans só que para mim foi um... eu posso dizer para mim um dom um dom de ser aqui esse corpo não, não, não, não é não é para mim de homem, o meu corpo é ser de mulher então eu comecei a mudar não foi tanto difícil para me mudar, mas fiz uma cirurgia aqui uma cirurgia ali, mas muito das cirurgia às vezes eu olho dar eu me arrependo. Porque se fosse lá no passado eu não faria porque eu é o risco a gente corre né, de fazer certo tipo de procedimento sem um médico, sem orientação médica ou cirúrgica de um cirurgião plástico a gente acaba fazendo pela emoção, mas eu me aceitei aos poucos fui me aceitando, fui me aceitando.

Paulo: Será que é pela emoção ou é essa necessidade de estar mulher?

Agatha: Não acho, que não é nem emoção, é a nem a necessidade porque quando se fala em necessidade, é você tipo a necessidade ela se torna de daqui para frente é uma frustração. Porque naquele momento a eu vou me virar a travestir para conhecer o mundo para me prostituir para ganhar muito dinheiro à porque eu vi aquele corpo daquelas e eu quero ser ela não, eu não vi nada disso nada disso eu me participei nunca tinha visto uma travesti na minha vida.

Paulo: Você não tinha referência alguma...

Agatha: Nenhum homem, a referência praticamente foi só no meu trabalho eu vivia naquela convivência com gays entendeu, mas tipo. Aí eu andava em lugares muito diferentes, o meu trabalho de eventos então agregava, muita gente rica, gente com dinheiro entendeu, então a gente tinha que estar bem-vestida, a gente tinha que saber falar bem, a gente tinha que saber se comportar bem, então aquilo me ajudou bastante a entrar e sai então não havia muito preconceito entendeu pelo fato de ser isso de saber entrar e sair num certo tipo lugares. Então não tive a necessidade de querer ser mulher não, eu quero ser mulher diferente das outras mulheres.

Paulo: Será que essas mulheres não vêm da sua mãe, das mulheres que você viu na vida?

Agatha: Exatamente por que a minha tia praticamente era uma pessoa uma dona de casa muito excelente uma cozinheira trabalhava casa de família? E ela cuidava de casa cuidava dos filhos a minha mãe a mesma coisa então acho que isso trouxe, trouxe né da gente isso eu não sei meus irmãos, mas eu, eu como mulher então eu aprendi isso eu não sabia cozinhar não sei eu só ouvia, mas eu não sabia cozinhar então praticamente eu sempre tive a minha tia para fazer as coisas para mim a minha mãe. Quando eu vi são para São Paulo também a mesma coisa sempre tive uma pessoa para cuidar de mim tipo pagava, mas cuidava, então quando eu casei foi que eu comecei a ter que fazer isso a ter que passar, a ter que cozinhar, até que ser uma dona de casa entendeu? Ser uma dona casa a

ter zelo com as coisas então, até um tempo atrás eu estava falando com a minha irmã ela perguntou o que você está fazendo. Estou passando a roupa aqui do meu marido, ela é, é mana tem que ser assim mesmo, aí outra vez eu estava cozinhando é a mulher prendada é isso mesmo, ela falando eu elogiando porque eu sempre cozinhava apostava minhas coisas que eu estava cozinhando. Está fazendo então acho que foi disso né da família, acho que a família tradicional é importante para a gente né, pode ser para muitos não, mas é importante.

Paulo: O que seria a família tradicional?

Agatha: As pessoas seja o que for porque antigamente as famílias tradicionais tinham gays, tinham as meninas que perdiam a virgindade, mas ficava tudo ali, ficava tudo em família vamos resolver, se tivesse de apanhar vai apanhar, como aconteceu comigo. Tiver de apanhar vai pegar o seu castigo. Isso quer conhecer o mundo então vai conhecer o mundo foi isso que aconteceu comigo não quero dar trabalho para minha família e sair até hoje. Semana retrasada eu falei com meu pai eu disse assim qual foi o dia que alguém ligou para você para vocês falou que a Agatha estava drogada, que a Agatha está presa, que a Agatha se prostituiu, porque eu sempre falei isso pro meu pai pra minha mãe a partir do momento que eu tornei a falar com eles eu disse olhando sou travesti eu não sou mais aquela pessoa de antes, eu não sou mais aquele menino, agora eu sou mulher virem, sou travesti, eu vivo na prostituição entendeu e se vocês quiserem aceitar ou não... só que graças a Deus o meu pai praticamente como um religioso, uma pessoa bem centrada ele aceitou numa boa. Aceitou graças a Deus falo com ele quando eu vou para lá viaja abraço meu pai, minha mãe conversa. E fora isso eu posso dizer que eu sou uma pessoa abençoada (risos). Fora tudo que eu passei acho que tudo que a gente passa nessa vida seja você escolher ser travestir, seja você escolher ser médico, seja você escolher, seja qual for a profissão você vai passar dificuldades na vida? Vai passar dificuldade porque esse é o seu objetivo então você tem que ir é sua escolha e você tem que ser firme pé no chão e para ir para frente ser uma mulher trans.

Paulo: Ser uma mulher trans foi um objetivo?

Agatha: Não foi um objetivo foi um querer meu ser. Agora assim, nesse querer ser a gente tem nossos objetivos aí eu não sei o que amanhã eu sei casar ter uma família, ou sei lá o quê ter coisas entendeu, isso são objetivos da gente ter por que muitas não vive a velhice, mas eu quero viver a velhice. Eu quero viver a velhice tipo plena

Paulo: E por que muitas não vive a velhice?

Agatha: Porque acho que desgostosa da vida, não tem família, muitas famílias não aceito por mais que tem o dinheiro com o dinheiro que for tem travesti que a família não aceita, nem com dinheiro ou sem dinheiro, e tem outras que ficam desgostosas, porque às vezes a travestir junta tanta fortuna e a família vai lá tirar tudo aquilo entendeu, então às vezes desilusão cai na droga não consegue voltar, mas porque é difícil a pessoa que qualquer que seja tanto a travesti com a minha mulher quando cai na droga é difícil para sair

entendeu estava nesse. eu lembro que última vez que eu cheirei foram 13 gramas de cocaína eu parei na Avenida Rio Branco atravessando tipo assim pra mim eu estava flutuando e eu parei no meio da rua um ônibus em cima de mim apitou, nesse momento eu olhei assim eu disse meu Deus ônibus quase me mata foi daí que eu botei na cabeça que essa droga não era para mim foi o momento de parar não bebe, é hoje eu não bebo não fumo. Eu não faço nada de errado na vida a não ser prostituição.

Paulo: Por que você acha errado a prostituição?

Agatha: Praticamente que é um dinheiro fácil né todo dia a gente tem dinheiro então muitas por isso cai nesse mundo é como eu falo a gente cai nesse mundo a gente esquece. O mundo outro mundo lá fora.

Paulo: Ou será porque esse mundo esquece vocês?

Agatha: não a gente esquece o mesmo mundo porque eu conheço travestis que que são médicas, são advogadas tudo passaram que passaram como a gente passou na rua mas elas passaram lá no mundo no mundo onde praticamente tipo eu quero ser. Eu quero ser algo não quero ser uma cabeleira porque é praticamente a maioria de nós é o achatada como cabeleira ou prostituta é isso, mas não quando a gente tem o objetivo de querer algo a gente vai mesmo que a gente somos guerreira mesmo quando a gente quer alguma coisa a gente vai para cima

Paulo: Será que as portas estão abertas para essas guerreiras?

Agatha: Tão, tão aberta. Basta a gente ir para cima. Quem vai pra cima consegue qualquer coisa não pode esperar pelos outros para cima eu lembro que na prostituição. Eu não como é que eu posso dizer? Ninguém me induziu a nada. Entendeu ninguém me induziu a nada eu mesmo botei na minha cabeça e fui para cima. Já fui para Europa já vivi um mundo de e só vive como uma princesa praticamente na Europa andava em lugares onde travesti nenhum andava. Porque assim bebia fazia confusão então tinha lugares que a gente proibiam de entrar as travestir.

Paulo: No olhar as pessoas que vêm com uma travesti com uma mulher?

Agatha: me viam como uma mulher por isso que eu entrava. Não é só ver é a postura a postura ao era da educação acho que conta muito entendeu, conta então às vezes tinha lugar que a gente chegava, eu com essa pessoa que eu tinha lá fora e ele já tinha multidão na frente para querer entrar a festa lotada e a pessoa chamava a gente lá no final para entrar.

Paulo: Por que aqui no Jockey Club esse corpo é visto como mulher trans, enquanto o corpo não considerado feminino?

Agatha: Na verdade aqui neste lugar, neste mundo eles veem a gente como objeto, objeto sexual de desejo e de fantasia. Porque quando você está fora daqui ele já não te vejo mais como um objeto sexual, tipo assim eu sei que eu vou encontrar preconceito, mas eu não posso deixar que isso entre dentro de mim e me machuque, porque se eu deixar aqui estou entre dentro de mim eu não vou fazer nada que eu tenho que fazer o meu objetivo vai ser

cancelado o meu futuro vai ser cancelar tudo vai ser cancelado porque eu deixei aquilo tomar.

Paulo: E dentro da igreja?

Agatha: Dentro da igreja o primeiro momento quando as pessoas chegavam para mim pastor seja lá o que for perguntava eu falava logo eu nunca menti espero de não, não sei ser uma blasfemadora, nem mentirosa. Se em algum momento que alguém fala você é isso ou aquilo só digo sim, estou me aceito, estou bem como eu estou já falei isso lá dentro da igreja, eu estou bem como eu estou eu tenho a certeza da minha salvação e pronto, é eu e Deus e acabou, só é a aqui praticamente é um mundo onde a gente ganha nosso dinheiro. Como eu falei o dinheiro fácil eu não acho legal entendeu aqui se eu digo é uma necessidade o meu corpo hoje eu uso aqui para uma necessidade. E tem momentos da minha vida que é o que para mim é um laço para mim se tornou um laço assim penso como todas porque tipo se eu sair daqui, eu não tive apoio de família pra dizer assim né que eu não tive, eu não quis apoio de família diferente então se eu sair hoje daqui como eu já aconteceu de eu fazer um teste assim de não de ficar um tempo sem vir na prostituição e lá com a minha família só que eu me sentia um pouco acuada porque eu tenho dinheiro todo dia eu posso ir para onde eu quiser eu posso fazer o que eu quiser. Quando você se torna dependente de família tipo assim eu vivi voltar lá no futuro lá naquela coisa e dizer poxa? Eu fiz tanta coisa agora eu vou ter que voltar para trás de novo para começar, assim, mas eu disse é o que a gente vai pagar né é humildade infelizmente eu vou ter que se eu não quiser sair hoje daqui eu vou ter que praticamente tornado zero tornar tudo do zero então isso para mim é um laço então por isso que ainda continua na prostituição. Me prostituindo. Aqui nesse mundo de fantasia, mas eu espero um dia vencer esse laço, e voltar eu tenho 36 anos eu acho que ainda consigo ainda fazer terminar meus estudos ou ter um trabalho melhor ou ter a minha profissão mesmo como decoradora ou ser uma empresária sucedida. Pensar coisas boas coisas positivas que as vezes nesse mundo sei lá às vezes as pessoas te tratam como se fosse um nada, mas na verdade a gente tem capacidade de fazer o ser humano e se tem capacidade então as pessoas não pode achatar a gente. Digo não achata acho... digo rotular melhor dizer a gente. Porque é isso que muita gente às vezes e cai em depressão e eu graças a Deus.

Paulo: Agatha me responde uma coisa aqui. Como é seu corpo trans o mundo?

Agatha: Posso dizer que eu sou uma pessoa diferente nesse mundo trans entendeu por que... Sei lá é um. São tantas coisas difícil, mas eu pensei sempre um lado bom você.

Paulo: E os sonhos?

Agatha: Os sonhos é não está mais nessa vida, de ter um trabalho digno de viver uma vida digna. E isso fluir praticamente das coisas que não do mundo das coisas que o mundo me oferece porque tem coisas que o mundo oferece para a gente que a gente tem que ir praticamente analisar a pensar se aquilo vai ser bom para a gente. Porque no momento que eu vi que esse mundo me ofereceu a prostituição. Me dei os meus privilégios entendeu não foi ninguém que me deu o privilégio que às vezes encontram nesse mundo e fez a

gente vai certo lugar nosso encontro uma alma boa né que acaba se dando com a gente então aquilo que já é prazeroso, mas também tem lugares que a gente vai que aquela alma ali não vai ser legal então você tem que ir? Tem que estar firme ali na cabeça bem centrada pra passar despercebida ou mesmo que a pessoa seja com preconceito você tem que estar ali sentada passar por cima do preconceito, ser mais do que é o preconceito a gente tem que aprender a isso a ser mais do que o preconceito.

Paulo: O que gente precisa fazer para passar por cima do preconceito?

Agatha: Não ligar para que o seu preconceito, fico sem preconceito não vai fazer eu vou achar outra que faça. Eu luto contra o preconceito aqui no Jockey é passar por cima do preconceito é não deixar, porque se a gente deixar que o preconceito a passe por cima da gente. Se eu deixasse o preconceito me passar por cima de mim de não estaria aqui

Paulo: Você estaria o quê?

Agatha: Eu estaria morta ou não eu estaria em outro lugar. Mas não vem para ser por cima do preconceito. Teve momentos que eu até mesmo disse não eu estou deixando para conserto entrar dentro de mim. Eu estou correndo o risco de matar e de ser morta. E lutando contra o preconceito eu recebi a vitória em não ser mais violentada aqui no meu espaço de trabalho. Foi horrível passei por tudo aquilo, mas ao mesmo tempo teve a vitória que eu estou aqui. Se você não fosse você ir na hora na delegacia, outros apoios de pessoas maravilhosas eu não estaria aqui. Quando eu cheguei em 2004 que conheci a prostituição na boca do lixo praticamente uma menina lá tinha muita droga a polícia passava, ele mandava a gente sair porque eles vão fazer batida e aquelas que ficavam na rua eles mandavam presa ou quando não escolhia uma da rua dizia olha que horas tu vai embora está hora a hora vou estar te esperando tá rua a gente tinha que ir porque a gente estava ali na noite né então a gente tem que ir e fazer sexo com dos policiais, quando eu não era com os bandidos. Bandido na Barra Funda queria assaltar os clientes muitos clientes aqui avisar algumas não porque se não a gente podia ter risco de morrer que que a gente faz isso a gente tem que parar um cliente pede os roubarem o cliente. É bom para a gente como vítima junto com eles roubaram o cliente despachado o cliente depois transando com a gente e mandava a gente embora, e os policiais faziam sexo dentro do camburão todos farados, depois despachava a gente. Às vezes até mesmo Santana quando a gente ia trabalhar por isso também batia na gente nossa era uma época praticamente estava já uma transição daqueles anos 80 e 90 já em 2004 que começou já melhorar as coisas por sim já ali começaram já a ser mais. As pessoas é praticamente naquela época era só gente pela gente entendeu se um ladrão viesse roubar a gente todas as travestis em cima. Hoje praticamente até isso, hoje as travestis são um pouco meia individual, antigamente a gente era muito unida entendeu, podia ser a pior travesti que fosse da rua ladrona drogada, que se vier se mexer e a gente tivesse perto ninguém deixava mexer então a gente era muito unida então era muito difícil de morrer uma travesti. Morria porque roubava e ficava sozinho cara vinha lá e matava ou quando ou não roubava a gente ficava na esquina sozinha as vinhas cima da gente para procurar motivo e às vezes a gente as pessoas vão o tratamento ignorante não sabia conversar com eles, daí matavam, praticamente ou

quando. Tudo isso para sobreviver na rua né e naquela época era assim só com o passar do tempo praticamente todas aquelas na época que elas travesti antiga. Que não tinha LGBT não tinha nenhum tipo de coisa sistema só de travesti antigas, as cafetinas, os cafetões, naquela época era bom porque eles protegiam a gente, era ruim porque extorquiam gente, mas ao mesmo tempo eles protegiam a gente. E então tinha aquela tinha também a rivalidade né que cada uma no seu canto, casa um Estado no seu canto a cidade então era muito legal as travesti todas Unidas entendeu morava tudo junto unidas não tinha essa não tinha preconceito entre a gente da drogada, da doente como tem hoje que existe. Eu morei com travesti drogada com travesti, doente e nem por isso eu peguei doença delas entendeu cuidei delas é isso que eu falo quando a pessoa é humilde quando a pessoa quer algo na vida entendeu, ela consegue ela vai para frente entendeu que eu construí isso também no meu meio que antigamente as antiga ela não dava muita bola para a gente para que chegava, que chegava o novinha entendeu então eu conheci as travesti velha e elas começaram a me apadrinhar tipo assim não lugares, tem certos lugares que eu ia trabalhar não pagava cafetão porque eu conhecia as madrinhas. Aqui no Jockey foi um lugar que eu nunca paguei cafetão e que naquela época tinha cafetão aqui, tinha polícia que roubava as bichas aqui, eles faziam e acontecia aqui. Eu dou graças a Deus as travestis antiga hoje a gente eu tenho praticamente esse grupo LGBT né esses posição que luta pela nossa causa é legal, é legal, mas eu e se eu nunca dependi de grupo de LGBT de coisa depende de pessoas. Tipo assim acho que amizade a gente constrói conhecimento às vezes tem pessoas que estão que praticamente luta pela nossa causa não é um grupo LGBT são pessoas que lutam pela nossa causa entendeu quando a gente começa a se unir seja 1, 2, 3. E a gente luta por uma causa a gente consegue, a gente consegue entendeu, então não precisei de governo não precisa de ninguém porque eu aprendi a sobreviver na rua com as outras travestis. E eu já estou aqui sobrevivendo.

Considerações Finais.

Odeio conclusões, sabe por quê? As conclusões nos conduzem ao fim, enfiando goela abaixo completudes e certezas que marcaram os fundamentos teóricos e as metodologias que reduzem os protagonistas da pesquisa. suas histórias de vida e as múltiplas variações de seus corpos e mentes a meras regularidades padronizadas.

O trabalho de pesquisa realizado com as mulheres travestis e transexuais se construiu primordialmente numa imersão no campo. Com o aumento da violência policial, aliado à uma política de higienização orquestrada por moradores das mansões que circundam a Avenida Lineu de Paula Machado na cidade de São Paulo. Essas mulheres trans são atravessadas pela violência e pela negação transfóbica de seus corpos

Elas têm sonhos e acreditam nas possibilidades por mais que o sistema racista estruturado nas instituições misóginas e transfóbicas se dedique a negá-las. As práticas de discriminação e as formas de tratamento aos corpos trans se assemelham aos corpos negros que foram escravizados, ficando o corpo como limitador nas relações sociais. A vida das protagonistas de pesquisa não se resume apenas à prostituição e às discriminações.

As protagonistas têm seus lares e uma família que as esperam para o café da manhã, almoço e para as decisões familiares. Elas pretendem ser mães, casarem-se de vestidos brancos e constituírem suas próprias famílias. Desejam sair da prostituição, se tornarem empreendedoras como Erika está se organizando para abrir seu restaurante de comida italiana. Assim como Sara e Flávia que pretendem ingressar no ensino superior para cursar direito ou assistência social. Sara afirma que o direito ataca e a assistência social acolhe. O caminho é a educação para as protagonistas de pesquisa, que não visa apenas a individualidade, mas a coletividade como passo transformador contra o preconceito. Uma coletividade na qual elas possam estar inseridas no mercado de trabalho sem qualquer tipo de discriminação e onde todos sejam tratados como seres humanos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?*. São Paulo: Letramento, 2018.

ALVES, Enedina do Amparo. *Rés negras, judiciário branco: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* São Paulo: Editora Feminismo Plurais, 2018.

ANISTIA INTERNACIONAL. Relatório da Violência Homotransfóbica. Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2018/02/informe2017-18-online1.pdf>, Acesso em: 18/09/2019.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. *Dossiê Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras 2020*. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA). Instituto Brasileiro Trans Educação (IBTE), 2021.

BENTO, Berenice. *Reinvenção do Corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2006.

BERTUSSI, D.; BADUY, R. S.; FEUERWERKER, L. C. M.; MERHY, E. E. *Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios*. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 2011. p. 306-324. Disponível em: www.ims.uerj.br/ccaps

BERRY, B. J.; ARGÜELLES, C. C.; CORDIS, S.; IHMOUD, S.; ESTRADA, E. V. *Toward a Fugitive Anthropology: Gender, Race, and Violence in the Field*. Cultural Anthropology 32, no. 4: 2017, p. 537–565.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Senado Federal. Brasília: Secretaria especial de editoração e publicações, 2002.

BRASIL, Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/legis>.> Acesso em 19/04/19.

BRASIL, Relatório da Violência Homofóbica <http://www.redh.es.gov.br/sites/default/files/RELATORIO%20VIOLENCIA%20HOMOFOBICA%20ANO%202012.pdf> Acesso em: 3/9/2019.

BUTLER, Judith. *Criticamente subversiva*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

_____. *Problemas de Gênero Feminismo Subversão da Identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

_____. *Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo*. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Editora n-1edições, 2019.

BRETON, David Le. *Antropologia dos Sentidos*. Tradução: Francisco Morás. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

_____. *Rostos Ensaio de Antropologia*, Tradução: Guilherme João de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

_____. *Antropologia do Corpo e Modernidade*, Tradução: Fábio dos Santos Creder Lopes. Rio de Janeiro: Editora. Vozes, 2012 .

CAMPELLO, André Barreto. *Dicionário Jurídico da Escravidão*. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muro: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASTILHO, Ricardo. *Direitos Humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015.

CORPO FECHADO: THE DEVIL'S WORK, Direção de Carlos Motta. 2018, duração (24:33) <https://vimeo.com/286416640> acessado em: 19/08/2019

CRENSHAW, Kimberle Willians. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf>

FANON, Franz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: Ed. EDUFBA, 2008.

FERGUSON, Roderick. *Aberrations In Black: Toward A Queer Of Color Critique*. Bibliovault OAI Repository, the University of Chicago Press, 2004.

FILHO, Sergio Cavalieri. *Programa de Sociologia Jurídica*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

FONSECA, Carla. *O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'*. In: *Ética e pesquisa etnográfica, mesa durante o Seminário do NACI (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS)*, 2007, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir. História das Violências na Prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

_____. *Em Defesa da Sociedade*, Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. *Sociedade Punitiva*, Martins Fontes. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014.

LANZ, Letícia. *O Corpo da Roupas: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. 1a. ed. São Paulo: Autêntica, 2018.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *A Interpretação das Culturas*. Tradução: The interpretatinon of culture. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILROY, Paulo. *O Atlântico Negro*. Tradução: Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GOMES, Flávio e SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia Das Letras. 2018.

GOMES, Laurentino. *Escravidão Volume I - Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e termos*. 2º ed. Brasília: Revista Ampliada, 2012.

KARNAL, Leandro. *Sexualidade, Homossexualidade, Moralidade e Conservadorismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15OMVdq2mio> Publicado em 27/7/2018. Acesso em 27/08/2019.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Crime e escravidão*. São Paulo: Edusp, 2014.

MALHEIRO, Dr. Agostinho Marques Perdigão. *Ensaio histórico jurídico social: 1º parte Direito sobre os escravos e os libertos*. Edição em papel 1866. Brasil, 2008.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução: Renata Santini. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. *A Crítica da Razão Negra*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Tradução: Plínio Dentzien. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

_____. *Desejo da nação masculinidade e branquitude no Brasil de fins XIX*. São Paulo: Annablume Editora, 2013.

_____. *O que é queer?* <https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6IM&t=3696s> - acesso: 15 de setembro 2020.

MORIN, Edgar. Morin. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

_____. *Os sete saberes necessário para à educação no futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MORRISON, Toni. *O corpo escravizado e o corpo negro - Racismo e Fascismo*. Tradução: Ana Maria Barbosa & Isabel Cury. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico (Séculos XVI-XIX)*. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. 1a. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OMISE'EKE, Natasha Tinsley. *Ezili's Mirrors: imagining black queer genders "Atlantic Queer"*. London: Duke University Durhan, 2018

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *Visualizando o corpo: Teorias Ocidentais e Sujeitos Africanos*. Revista do PPGCS, UFRB, Novos Olhares Sociais, Vol. 1, n. 2, 2018. Tradução: Leonardo de Freitas Neto (UFRB), 2018.

_____. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. Tradução: Pê Moreira et al. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. *Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero*. Tradução para o português: Jones de Freitas, 2007. Apoio para versão em português: Observatório de Sexualidade e Política (Sexuality Policy Watch). Disponível

em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf . Acesso em: 3/9/2019.

SANTOS, José Paulo Ramos. *Corpos (trans) fronteiriços: O delito do corpo*. Pernambuco: Revista de Estudos de Investigações Antropológicas. v. 8. n 3, 2021 Universidade Federal de Pernambuco.

REDIKER, Marcus. *O Navio negreiro uma história humana*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROMAGNOLI, R. C. *A cartografia e a relação pesquisa e vida*. Psicol. Soc., Florianópolis, . 21, n. 2, p. 166-173, maio/ago. 2009.

SÃO PAULO, *Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil*. 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00113316> - acessado em: 06/02/2021.

SÃO PAULO, Instituto Sou da Paz - *Diagnostico dos inqueritos policiais de homicídios na cidade de São Paulo* (2019) file:///C:/Users/Paulo%20Ramos/Desktop/Inqueritos_Policiais_Homicidios_Sao_Paulo.pdf . Acessado em 23/03/2020.

SANTOS, Beatriz Brandão e CARNEIRO, Janderson Box. *Da construção do corpo aos significados da dor: antropologia do “risco”, do silêncio e da palavra: uma entrevista com David Le Breton*, *Revista Café com Sociologia*, v.7, n.2, pp.88-98, mai./jul., 2018.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos filosofia dos corpos misturados*, Tradução: Elóia Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Denise Ferreira. *A dívida impagável*. Tradução: Amilcar Packer e Pedro Daher. Edição: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

TGEU – Transgender Europe. TvT. Publication Series. Oct. 2016. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tvt-publication-series/> Acesso em: 27/9/2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: Homossexualidade no Brasil da colonial à atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo & Escravidão*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.